



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**A PRODUÇÃO DE TEXTOS NO VESTIBULAR:
UM ESTUDO CRÍTICO DE DISCURSOS**

Marcos Vinícius Ferreira Passos

BRASÍLIA - DF

2014



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**A PRODUÇÃO DE TEXTOS NO VESTIBULAR:
UM ESTUDO CRÍTICO DE DISCURSOS**

Marcos Vinícius Ferreira Passos

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Doutora Juliana de Freitas Dias

BRASÍLIA - DF

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCOS VINÍCIUS FERREIRA PASSOS

**A PRODUÇÃO DE TEXTOS NO VESTIBULAR:
UM ESTUDO CRÍTICO DE DISCURSOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Banca examinadora:

Presidente/Orientadora: Professora Doutora Juliana de Freitas Dias (PPGL/UnB)

Membro Externo: Professora Doutora Ormezinda Maria Ribeiro (LIP/UnB)

Membro Interno: Professora Doutora Janaína de Aquino Ferraz (PPGL/UnB)

Membro Suplente: Professora Doutora Rosineide Magalhães de Sousa (PPGL/UnB)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1016022.

Passos, Marcos Vinícius Ferreira.

P289p A produção de textos no vestibular : um estudo crítico
de discursos / Marcos Vinícius Ferreira Passos. --
2014.

172 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Instituto de Letras, Departamento de Linguística,
Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação
em Linguística, 2014.

Inclui bibliografia.

Orientação: Juliana de Freitas Dias.

1. Universidades e faculdades - Vestibular. 2. Língua
portuguesa - Análise do discurso. I. Dias, Juliana
de Freitas. II. Título.

CDU 801

Dedico esta pesquisa a todos os professores que se envolvem com o mundo da leitura e da escrita que podem, de fato, realizar a vida de um cidadão, contribuindo para uma educação transformadora, emancipatória e crítica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que constitui a minha raiz máxima com este mundo. Especialmente: à Raquel, minha mãe amada e estimada, que, sem ela, não saberia o que se chama de “amor incondicional”. A Wanderley, meu cuidadoso pai, que se entregou de corpo e alma à formação de meu caráter. À minha irmã Brenda que, sem ela, eu não saberia o sentido do verbo “importar-se”. Faço desses agradecimentos um momento especial de exaltação da família que tive a sorte de ser agraciado.

Agradeço também a todos os professores que viram e me impulsionaram na busca incessante pela reflexão intelectual. Sobretudo, aos professores da Universidade de Brasília, como Ana Adelina Lôpo Ramos, Cibele Brandão, Dionei Gomes e Márcia Niederauer, que me impulsionaram a transcender a simples visão gramatical e a percorrer o sentido do que é a linguagem como instrumento social.

Agradeço aos amigos pessoais por acreditarem em mim e terem tido paciência em meus momentos de descrença. À Juliane Costa por se mostrar totalmente disponível e flexível até nos auxílios que me prestou. À Maria Júlia Werneck por validar nossa amizade e se mostrar além de uma amiga. À Meire Del Pupo pelo incentivo por palavras racionais e puras. À Alessandra Barreto, à Marley Gouveia, à Polyane da Hora, à Nallia Rocha, à Monica Andrade que, muitas vezes, mesmo a distância, me responderam com um sorriso e uma palavra de impulso. Devo aqui também um agradecimento especial à Carla Braga que, desde nosso primeiro encontro com afinidades ligadas à nossa prática docente, compartilhou os momentos de angústia e, mais do que isso, me encorajou a terminar esta tarefa. A Fernando Igrejas que se tornou um amigo com aconselhamentos diversos, os quais reconfiguraram a minha vida. À Saleth Araujo e a Patric Abreu que me escutaram e ressignificaram as minhas experiências de amizade. À Ariane Gomes que me acompanhou nos últimos momentos de escrita e me fez refletir com sinceridade sobre a vida e os meus valores.

Agradeço aos amigos de Universidade que se mostraram totalmente presentes nessa tão árdua jornada. A João Lucas que fez parte de minha história na UnB, me fazendo refletir tanto sobre a nossa realidade linguística. À Carolina Alvim que me fez companhia em diversos eventos acadêmicos e descobrir no discurso nossa leitura de mundo. À Daniela

Emerich e à Ana Luíza Gabatteli que, em momentos distintos, serviram de amigas psicólogas para os momentos de crise.

Agradeço à Ormezinda Maria Ribeiro e à Janaína de Aquino Ferraz que, já na graduação, me tornaram sensíveis à produção textual como forma de ressaltar sensações e às linguagens múltiplas que podem se manifestar diante de nossas vidas. Agradeço a elas e à Rosineide Magalhães por participarem deste diálogo que se constituirá um momento singular em minha história.

No fecho desses agradecimentos, tenho o prazer de agradecer à Juliana Dias, minha não só orientadora, mas também amiga e guia nos momentos mais difíceis de crise. Pacientemente, sua ação me tirou do *locus* acomodado e me levou a refletir sobre a realidade de que faço parte e a superar as dificuldades, sobretudo, psicológicas que encontrei nesse percurso tão conflituoso. No mundo da escrita, da prática pedagógica, da espiritualidade e da realidade psicológica, indubitavelmente, suas opiniões e aconselhamentos se perpetuavam e me conduziram à tentativa do melhor de mim.

*Somos o que somos
Inclassificáveis.*

*Não tem um, tem dois,
Não tem dois, tem três,
Não tem lei, tem leis,
Não tem vez, tem vezes,
Não tem deus, tem deuses,*

Não há sol a sós.

Arnaldo Antunes.

*Nós somos apenas vozes
Nós somos apenas nós*

Gilberto Gil

RESUMO

Esta pesquisa é fundamentada no arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (ADC) de linha inglesa, sob a leitura de Fairclough (1992, 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999). Assim, o trabalho aqui proposto consiste na análise dos textos que estão envolvidos no evento social denominado “vestibular”, na esfera da Universidade de Brasília. Trata-se de um estudo qualitativo, sob a metodologia documental e triangulada, sobre as marcas de identidade que constituem as produções de textos de candidatos ora ligados ao Vestibular Tradicional, ora conduzidos ao Programa de Avaliação Seriada (PAS) desta mesma Universidade. O trabalho insere-se na concepção da linguagem como um elemento que revela ideologias, identidades, relações de poder e outros processos discursivos, os quais estão envolvidos na vida social. A dissertação é dividida em quatro partes básicas: (1) as explicações teóricas das considerações acerca do discurso, da vida social e do novo capitalismo, aspectos que integram a base epistemológica da Análise de Discurso Crítica; (2) as considerações teórico-metodológicas que fazem parte do “*modus operandi*” da pesquisa, com os preceitos da triangulação metodológica, da pesquisa qualitativa e documental e do arcabouço da ADC, baseado em Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003); (3) a contextualização com a situação da pesquisa, com as reflexões sobre o histórico do vestibular no Brasil, as idiosincrasias da escola em meio à ordem do discurso econômica e social, as transformações do tratamento dado à produção de texto, as concepções de gênero, texto e discurso subjacentes à educação transformadora e emancipatória de Giroux (1999) e (4) o exame de dados, trazendo à tona estratégias de análise como metaforização, estrutura genérica, modalidade e avaliação.

Palavras-Chave: discurso, identidade, educação, produção de textos, vestibular.

ABSTRACT

This research is grounded in the theoretical and methodological framework of Critical Discourse Analysis (CDA) of the English line, under the reading Fairclough (1992 , 2003) and Chouliaraki and Fairclough (1999). Thus, the work presented here is the analysis of the texts that are involved in the social event called "vestibular" in the sphere of the University of Brasilia . This is a qualitative study in the documentary and triangulated methodology , on markers of identity that constitute the production of texts of candidates now linked to the Traditional Entrance Examination , sometimes led to Serial Evaluation Program (SBP) of the same university . The work is part of the conception of language as an element that reveals ideologies, identities, power relations and other discursive processes, which are involved in social life . The dissertation is divided into four basic parts: (1) explanations about the construction of theoretical considerations about the speech, and social life of the new capitalism , aspects involving the epistemological basis of Critical Discourse Analysis; (2) the theoretical-methodological considerations that are part of the "modus operandi" of the search , to the precepts of methodological triangulation , qualitative and desk research and the framework of the ADC , based on Chouliaraki and Fairclough (1999) and Fairclough (2003) ; (3) contextualization with the state of researc , with reflections on the history of the vestibular in Brazil , the idiosyncrasies of the school amid the economic and social order of discourse , the transformation of the treatment of the text production , conceptions of gender , text and underlying transformative and emancipatory education Giroux (1999) and (4) the examination of speech data , surfacing analysis strategies as metaphors , generic structure , modality and evaluation .

Key-words: discourse , identity , education , production of texts, contest.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 1 – Pressupostos Teóricos	31
<i>O percurso teórico da Análise de Discurso Crítica</i>	31
1.1.1. A Análise de Discurso Crítica e suas bases epistemológicas	31
1.2. A modernidade e os estudos discursivos	37
1.3. Panorama histórico da ADC	40
1.4. Identidade de Ideologia	47
CAPÍTULO 2 – Pressupostos Metodológicos	55
<i>O arcabouço da ADC atrelado aos moldes da pesquisa documental e qualitativa</i>	55
2.1. Pesquisa Qualitativa	36
2.2. Pesquisa Documental	57
2.3. Triangulação Metodológica	61
2.4. Arcabouço da Análise de Discurso Crítica	64
2.5. Estágios da Pesquisa	66
2.5.1. Das justificativas e das questões de pesquisa	66
2.5.2. Da escolha dos objetos de análise e da construção do corpus	69
2.5.3. Do contexto de pesquisa ao acesso dos dados	71
2.5.4. Das Análises	72
2.5.4.1. Análise das Propostas de Redação	72
2.5.4.2. Análise dos Textos e das Planilhas de Correção	72
CAPÍTULO 3 – Análise da Conjuntura da Pesquisa	73
<i>O vestibular como prática social: do contexto ao papel da educação transformadora</i>	73
3.1. O Vestibular na História do Ensino Superior no Brasil	73
3.2. Discurso, Textos e Gêneros.....	79
3.2.1. Discurso	79
3.2.2. Textos.....	82
3.2.3. Gêneros.....	84
3.3. A Pedagogia Crítica e o Professor como Intelectual Transformador	71
CAPÍTULO 4 – Análise de Dados Documentais	95
<i>As categorias analíticas e o efeito discursivo do vestibular</i>	95
4.1. Metaforização	96
4.2. Estrutura Genérica	104
4.3. Modalidade	116
4.4. Avaliação.....	126
REFLEXÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141
ANEXOS	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Abordagem Tridimensional do Discurso

Quadro 2 - Arcabouço Teórico-Metodológico da ADC

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – Abordagem de Análise Tridimensional do Discurso
- Tabela 2 – Questões de Pesquisa e Possíveis Problemas
- Tabela 3 – Questões de Pesquisa da Dissertação com foco nos Objetos de Pesquisa
- Tabela 4 – Considerações da Categoria Estrutura Genérica – Abordagem Sinótica
- Tabela 5 – Excertos da Redação de P1
- Tabela 6 – Excertos da Redação dos Candidatos P3 e P4
- Tabela 7 – Excertos da Redação dos Candidatos P3
- Tabela 8 – Excertos da Redação do Candidato P2 (Texto Integral)
- Tabela 9 – Excertos da Redação do Candidato P5 (Texto Integral)
- Tabela 10 – Considerações da Categoria Modalidade – Abordagem Sinótica
- Tabela 11 - Excertos da Redação do Candidato V1 (Texto Integral)
- Tabela 12 - Excertos da Redação do Candidato V2 (Texto Integral)
- Tabela 13 - Considerações da Categoria Avaliação – Abordagem Sinótica
- Tabela 14 - Excertos da Redação do Candidato V3 (Texto Integral)

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Articulação das Características Metodológicas de Documentos
- Figura 2 – Texto Dissertativo e Contextualização
- Figura 3 – Objetos de Pesquisa na Prática Social do Vestibular.
- Figura 4 – Análise do Vestibular quanto ao Quadro Tridimensional do Discurso.
- Figura 5 – Recorte da Proposta de Redação do 1º Vestibular de 2013.
- Figura 6 – Recorte da Redação do Candidato V1 (1º e 2º Parágrafos)
- Figura 7 – Recorte da Redação do Candidato V2 (1º Parágrafo)
- Figura 8 – Recorte da Redação do Candidato P1 (4º e 6º Parágrafos)
- Figura 9: Cadeia de Gêneros e Práticas Sociais Vinculadas ao Vestibular.
- Figura 10 – Recorte da Proposta de Redação do Programa de Avaliação Seriada (PAS), Subprograma 2011 – 2ª Etapa
- Figura 11 – Recorte da Redação do Candidato P1 (1º, 2º, 3º, 7º e 8º Parágrafos)
- Figura 12 – Recorte da Redação do Candidato P2 (1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º Parágrafos)
- Figura 13 – Recorte da Redação do Candidato P3 (Texto Integral)
- Figura 14 – Recorte da Redação do Candidato P5 (Texto Integral)
- Figura 15 – Recorte da Redação do Candidato P6 (Texto Integral)
- Figura 16 - Recorte da Redação do Candidato V3 (Texto Integral)
- Figura 17 – Recorte da Redação do Candidato V4 (Texto Integral)

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto de um conjunto de experiências pelas quais passei em toda a minha vida nas diferentes ordens do discurso¹: minha trajetória escolar, meu espaço familiar, minha realidade acadêmica, meus anseios mais transformadores, minha prática profissional, minha articulação no mundo como um agente social.

Começo a elucidar aqui as relações sociais que estabeleci durante a minha vida escolar, intimamente ligada ao meu contexto familiar. Meus pais são funcionários públicos e trabalharam na Secretaria de Educação do Distrito Federal, fator que me fez considerar uma escola como uma segunda casa na minha vida, portanto era comum imaginar que, durante o fim de semana, haveria algum evento na escola onde eles trabalhavam e que eu e minha irmã estaríamos lá, conversando com os professores, chamados de “tios”. Da mesma forma, lembro-me do quanto fui à escola onde meu pai trabalhava para brincar, me divertir com o contexto escolar: usava os quadros da escola, explicava a matéria para alunos imaginários, fazia chamada, criava provas e depois atribuía notas. Estas são as lembranças de minha infância e adolescência, brincar de ser professor. Até me recordo do momento em que fiz terapia para descobrir que tais brincadeiras não me prejudicariam intelectualmente; o que, segundo o psicólogo, deveria ser estimulado em favor de uma postura educacional e cidadã mais benéfica. Acredito que este momento já me enviesou para a educação, pois estudar, ensinar e lecionar estão tão imbrincados como comer, beber e viver.

A minha vida escolar me trouxe experiências significativas. Com um histórico recheado de boas notas, comportamentos não preocupantes (apesar de “comandar” a bagunça” estudantil), fiz o Ensino Fundamental com muito êxito, com excelentes impressões deixadas aos professores, pelos quais ainda sou apaixonado. Já, no Ensino Médio, a realidade se transforma. Mais disciplinas, menos trabalhos, mais preocupação, menos certeza acerca de nosso futuro e o turbilhão de sentimentos pessoais que nos acompanham durante a

¹ Optei, nesta parte da dissertação, por tentar inserir conceitos relativos à Análise de Discurso Crítica, sem nomeá-los ou instruí-los tecnicamente. Trata-se de uma parte em que situo quais são as considerações que avalio como mais importantes para a minha vida pessoal.

adolescência. Quanto às notas e às aptidões, estava certo de que as disciplinas humanas e as linguagens tinham espaço definido em minha vida a partir dos anos subsequentes. Notas boas em português, literatura, línguas estrangeiras, história, geografia e artes eram comuns e o desastre recuperável em matemática, química, física também não acontecia com a mesma intensidade. Optei, no fim do Ensino Médio, por três possibilidades de curso: Relações Internacionais, Letras ou História; o primeiro por usar o inglês como uma língua de contato; o segundo por fazermos dominar o idioma e suas particularidades e o terceiro por nos direcionar a uma visão mais realista dos fatos que nos cercam. Optei por Letras – Português do Brasil como Segunda Língua, curso que possibilitaria o ensino da língua portuguesa aos grupos que não a tinham como idioma materno. Portanto, usaria alguma língua estrangeira, na minha mente de adolescente, para ensinar o português. Naquele momento, no 3º Ano do Ensino Médio, tinha certeza de que ali surgiria uma relação de amor.

Foi em 2008 que iniciei a minha graduação. Naquele mesmo ano, desenvolvendo os trabalhos das disciplinas nas áreas das linguagens literárias e textuais, percebi que a expressão linguística era o meu talento, tanto para percepção, quanto para análise. Passei, então, a considerar a leitura como um aspecto que pode motivar a sensibilidade do homem, de modo que este se propõe a mudar, a refletir e a construir o mundo em que vive. Construir experiências, relatá-las e transformá-las são apenas atitudes recorrentes no mundo que surge a cada dia. Digo “a cada dia”, pois é esta visão que precisamos ter das práticas das leituras. Trata-se de um processo de contínuo aperfeiçoamento, de profunda reflexão e transformação social, de relevante constatação de nossos papéis sociais.

Apesar de me sentir ligado à percepção da leitura como sensação e percepção, não foi a literatura que me fez “desencaixar” do mundo real e me direcionar aos estudos desta área, na verdade, foi a linguística que me captou, me amadureceu e me fez ver, com diversos tipos de óculos, a realidade que me circundava. Ora visualizava elementos gramaticais, à luz da morfossintaxe funcionalista ou da gramática gerativa, ora defendia os preceitos sociais da análise de discurso crítica, da sociolinguística e da pragmática. Foram muitos os percursos pelos quais adentrei de modo que, em 2011, junto à Professora Dra. Juliana Dias, desenvolvi o projeto de leitura e produção de textos na Universidade de Brasília, projeto atrelado às disciplinas de texto ofertadas aos alunos do ambiente universitário. Foi neste projeto que percebi que a construção de um texto é mais do que a simples escrita automática e formatada em determinado gênero. Naquelas reflexões acadêmicas e, mais importante ainda, sociais,

vislumbrei como a escrita e a leitura são palpáveis e podem ser usadas para nos fazer transcender de nossa realidade. A leitura do mundo revela o que somos, como podemos nos representar e a que mundo pertencemos, da mesma forma que a escrita nos deixa quase que vulneráveis à exposição (e à possível crítica do outro). Este foi o ponto que me fez refletir sobre a escola, o texto e a sociedade têm estreita relação, um acompanha o outro, um torna o outro mais próximo ou limita as suas funções de modo assustador. Era isso que me inquietava.

Paralelo a essas experiências, eu iniciava naquela mesma época, entre 2010, 2011 e mais fortemente em 2012, a prática docente. Comecei a auxiliar alunos de Ensino Médio em determinados cursos preparatórios em Brasília e, logo após, já em 2011, era um professor de Língua Portuguesa. Entre muitas aulas de pré-modernismo, orações subordinadas substantivas, elementos da comunicação e elaboração de teses para textos dissertativos, realmente descobri que o exercício da docência era o meu lugar. Cursos específicos de redação, exercícios de interpretação de textos e correção de textos eram os meus preferidos. Foi assim que me tornei o profissional que sou. Muitas redações a corrigir. Cerca de 200, 400 e até 700 correções para corrigir em uma semana. Expresso essa contextualização para indicar como o processo pedagógico do ensino da produção textual é bastante danoso, cansativo e, por demais, valorativo. Hoje tenho total certeza do prazer inenarrável de encontrar um aluno de 2010, 2011 nos corredores do Instituto de Ciências Central (ICC) pela UnB. Alunos que hoje se formam em Biologia, Letras, Física, Medicina, Engenharia, Geologia, Artes e, ao me encontrarem, dizem que participei daquela escolha, daquela transformação. Daí vejo: (1) como a produção de textos é relevante, uma vez que faz parte da avaliação do sistema de seleção para ingresso na Universidade; (2) como a academia faz toda a diferença na vida de um cidadão e (3) como há muito a se fazer ainda para que tais oportunidades não sejam disseminadas como forma de poder, conseqüentemente, de exclusão social.

Tais reflexões fazem parte do meu processo de formação de identidades; coloco-as no plural para manifestar como nós nos constituímos de práticas diversas, as quais integram a nossa vida particular, o nosso mundo social, os nossos desejos mais intrínsecos, assim como a visão do outro de nós mesmos. Uma de minhas identidades, a que é expressa explicitamente nesta dissertação, é a que se inquieta diante das injustiças sociais. Essa identidade é a que me fez enviar, no final de 2011, para a escolha da Análise de Discurso Crítica como curso de

mestrado em Linguística. Ao final da graduação, já também com experiência de docência significativa, resolvi tentar o mestrado acadêmico pela Universidade de Brasília.

Esta dissertação é o resultado desta escolha. Em 2012, tendo já ingressado no mestrado, resolvi que meu projeto de pesquisa se desenvolveria como uma forma de examinar as propostas de redação da Universidade, por meio de seu sistema de seleção, para perceber quais eram as exigências mais básicas. Tratava-se de uma ideia preliminar. Posteriormente, já sob orientação técnica e afetiva, enviei a minha ideia para as marcas de identidade. A ideia, portanto, é fazer um exame discursivo crítico de como se desenham as relações entre as propostas de redação, os critérios de correção escolhidos e os próprios textos dos candidatos. É este o roteiro que pretendo apresentar aqui neste texto.

Em outras palavras, minhas questões de pesquisa procuram revelar quais são as concepções de linguagem que subjazem da prática textual no vestibular, seja na perspectiva da Universidade, seja no ambiente do aluno/candidato. Considero a escola como um *locus* para a preparação social e discursiva, com conhecimento técnico e reflexivo que irá desenrolar uma rede de princípios e escolhas já direcionadas para ação cidadã do aluno. Fazendo o paralelo, é possível observar que a Análise de Discurso Crítica será usada como um arcabouço teórico-metodológico que fundamenta esta pesquisa.

Em relação à organização da dissertação, no Capítulo 1, construo a leitura das bases epistemológicas da Análise de Discurso Crítica, como uma área de pesquisa que direciona as reflexões acerca da vida social dialeticamente complexa, entremeada por ordens do discurso diversas, como a transdisciplinaridade metodológica e teórica, a contextualização com o pós-modernismo e o novo capitalismo, as noções de discurso, identidade, poder e ideologia que estão subjacentes à prática social, articuladas com a produção de textos e a análise linguística com foco sociodiscursivo. Posteriormente, no Capítulo 2, apresento as considerações relevantes que dizem respeito à explicação da concretização da pesquisa, ou seja, seus pressupostos metodológicos; é neste capítulo, então, que expresso as justificativas da pesquisa, as questões do estudo, as etapas de exame e as bases teóricas e metodológicas de pesquisas acadêmicas, dimensionando o arcabouço da Análise de Discurso Crítica, as considerações acerca da triangulação metodológica em casos de pesquisas documentais e qualitativas. No Capítulo 3, estabeleço o olhar mais contextualizado, referindo à análise da conjuntura da pesquisa, de como o vestibular integra o ideal brasileiro, fazendo parte da

história do Ensino Superior e apresentando o lugar do professor nesse processo dialético, como um profissional transformador e não apenas reprodutor. Trata-se, então, de um capítulo que constrói uma linguagem comum à análise de discurso e à sociedade pós-moderna. Enfim, no Capítulo 4, faço o exame dos textos que constituem os objetos de pesquisa desta dissertação. A produção do texto no vestibular é apresentada em conjunto com outros eventos, articulam-se a prova do vestibular, a proposta de redação, a criação do texto exigido em parâmetro com os critérios exigidos e, meses depois, legitimada por uma planilha que revela a análise da banca em busca de aspectos que sirvam de reflexão para inclusão/exclusão de candidatos desse evento social. Assim, avalio as redações dos candidatos com suas marcas de identidade, autoria, linguagens e dimensões sociodiscursivas, as propostas dos textos e suas respectivas concepções de linguagem e gramática e as planilhas de correção com foco em aspectos constituidores dos textos e das idiossincrasias de suas construções; nesse sentido, uso as categorias analíticas de avaliação, estrutura genérica, metaforização e modalidade como formas de examinar o discurso e os outros momentos sociais que ali se revelam. Nas partes seguintes da dissertação, teço os comentários finais, articulando as reflexões e reproblematicando a prática docente, e apresento as referências bibliográficas e anexos da pesquisa e do processo de construção acadêmica desta.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O percurso teórico da Análise de Discurso Crítica

Este capítulo tem como propósito apresentar a fundamentação teórica que abarcará as discussões desta dissertação. Compreendo aqui a realidade social como um fenômeno multifacetado, tanto de ideais quanto de ações. Estas e aquelas naturalmente se coadunam de modo que construímos a nossa vida, sobre a qual a academia pode problematizar, pesquisar e entender como nós constituímos o mundo no qual vivemos. Deixo² evidente, então, que este trabalho se enquadra teoricamente na ideia de que a linguagem se constitui como um fenômeno social, com a qual construímos a realidade, nos transformamos em sujeitos sociais e nos envolvemos em relações diversas.

O Capítulo 1 desta dissertação, portanto, é sinalizado da seguinte forma: na seção 1.1, explico o surgimento da Análise de Discurso Crítica (ADC), de linha inglesa, e elaboro um panorama teórico das considerações epistemológicas da ADC; na seção 1.2 estabeleço os olhares teóricos para o novo capitalismo em articulação; na seção 1.3 implemento o olhar teórico na perspectiva histórica do arcabouço da ADC e, na seção 1.4, explico os conceitos predominantes de ideologia e identidade que estarão submersos nas análises aqui implementadas.

1.1.A Análise de Discurso Crítica e suas bases epistemológicas

A Análise do Discurso Crítica (ADC) foi cunhada em meados da década de 80 por Normain Fairclough na Inglaterra. Constitui-se como um espaço teórico-metodológico, em articulação transdisciplinar de estudos críticos do discurso, ao se considerar a vida como dialeticamente ligada a outros elementos que a compõem como tal. Dessa forma, a vida social

² Optei pelo uso da 1ª pessoa por ensejar nesta caminhada um percurso teórico, para o qual contribuo de alguma maneira. Em relação à oscilação entre o plural e o singular, eles significarão: quando escrevo no plural, quero expressar (1) a minha condição como pesquisador da área social que leva em conta o fenômeno da linguagem e (2) como um sujeito social na pós-modernidade; já quando escrevo no singular, sou simplesmente o escritor desta dissertação.

é marcada pela articulação dialética de diversos elementos, tais como o discurso, a reflexividade, o poder, entre outros. Assim, conseguimos perceber que as práticas sociais sustentam relações de dominação, portanto, relações ideológicas, o que significa que são objetos básicos para o analista crítico do discurso, segundo Fairclough (2003).

De acordo com Fairclough (1999, p. 5), a transdisciplinaridade se constitui como uma forma de pensar o estudo científico em que se recolhem referenciais teóricos de áreas distintas, minimizando a particularidade, a especificidade, portanto, os limites são subjugados disciplinares. É assim que acontece nos estudos contemporâneos ou pós-modernos. Em linguística, amalgamamos referências teóricas da análise de discurso crítica, com os conceitos de discurso, hegemonia, poder e outros; sustentamos a noção de texto como um evento multissemiótico e interativo, sob o prisma da linguística textual e ainda há espaço para o estudo da multimodalidade, à medida que os textos contemporâneos se concretizam utilizando uma infinidade de modos distintos de construir o significado.

Isso significa dizer que a ADC é um arcabouço teórico-metodológico transdisciplinar, uma vez que contempla diversas mudanças sociais em distintas perspectivas como ideologia, reflexividade e identidade. Fairclough (2003, p. 12) aponta que:

há a necessidade de desenvolver abordagens de análise de texto por meio de um diálogo transdisciplinar com perspectivas sobre linguagem e discurso imersos na teoria e na pesquisa social para desenvolvermos nossa capacidade de analisar textos como elementos do processo social. Uma abordagem transdisciplinar à teoria ou ao método analítico é uma questão de trabalhar com categorias e lógica ou, por exemplo, com teorias sociológicas para desenvolver uma teoria do discurso e métodos para analisar textos.

Assim, em relação ao fato de as mudanças nas esferas globais acontecerem como discursos seja dentro, seja fora dos próprios discursos, é comum ver exemplos em nosso cotidiano, como no caso de, em uma escola tradicional, um professor que organiza a sala em círculo ou a interação que existe, há poucos anos, entre os artistas por meio de novos suportes eletrônicos no Twitter ou Facebook, mídias sociais de amplo alcance. Dessa forma, incute-se que a linguagem é importante não só na construção discursiva, como também na configuração das mudanças das práticas sociais.

Em tal conjuntura, concebe-se claramente que é necessário contemplar distintas áreas do conhecimento para teorizar e analisar as práticas sociais que presenciamos e das quais fazemos parte. Em suma, o diálogo contempla a necessidade da inclusão de outras vozes, conforme Chouliaraki & Fairclough (1999, p. 5). É natural que, em nossas bases epistemológicas, nos fundamentemos no dialogismo de Bakhtin, na visão dialética da vida social de Harvey, no sociointeracionismo de Moita Lopes, na pedagogia libertadora de Paulo Freire (1989, 1993, 2001).

Outra fonte bastante importante na construção teórica da ADC é a interface que se faz junto aos estudos da Linguística Sistêmico-Funcional, a qual relaciona uma gramática de contexto social e cultural para o funcionamento linguístico, ou seja, aquela que justapõe a interioridade à exterioridade da linguagem. A perspectiva defendida por Halliday (2004) diz respeito à interpretação dos textos como sistemas não apenas linguísticos, mas também sociais. Percebemos que a LSF é compreendida, portanto, diante de uma descrição da linguagem como prática social, como uso, que está determinada por contextos específicos e que se molda a um sistema. Nesse sentido, assim como Marcuschi (2009) preconiza, o texto se pauta dentro uma relação dialética entre texto e contexto. Importante considerar isto como um elemento que nos faz constituir e reconstituir nossas identidades, e ainda faz emergir as práticas sociais. Não é foco desta dissertação discutir no texto as relações metafuncionais, no entanto elas se fazem necessárias, à medida que a linguagem é pressuposta como uma rede de significados que se incluem nos usos da linguagem.

Para Fairclough (1999, p. 51), a Linguística Sistêmico Funcional (LSF)³ prevê uma relação dialética entre o texto e o próprio sistema social que compomos no mundo. Assim, a LSF defende que a linguagem constitui um sistema semiótico social, o qual inclui termos conceitos, da mesma forma que há os analíticos, tudo entremeado em um contexto situacional. E, finalmente, a LSF compreende que a gramática se faz como uma gramática da linguagem como um sistema virtual que corresponde a funções eminentemente sociais.

³ Apesar de a Linguística Sistêmico-Funcional constituir um aparato teórico-metodológico, não a utilizo como suporte teórico, uma vez que optei por tornar a linguagem e as nomenclaturas usadas nas análises aqui implementadas mais acessíveis aos profissionais de língua portuguesa.

Halliday (2004), por exemplo, compreende que a análise linguística torna possível a apresentação de como, e por que, o texto significa o que diz. No processo, existem muitos significados que podem ser revelados, assim como alternativas, ambiguidades e metáforas são desmembradas. Um ponto bastante relevante, por exemplo, é a avaliação do texto: a análise linguística pode validar algo para dizer como o texto é ou deixa de ser eficiente para seus propósitos – em quais aspectos ele tem sucesso e em quais promove defeitos ou falhas, ou é menos bem sucedido. Assim, o propósito é complexo; requer uma interpretação não apenas do texto em si mesmo, mas também de seu contexto (contexto de situação, contexto de cultura), e da relação sistemática entre o texto e o contexto em que a prática social se insere.

De modo relevante, Halliday (2004) defende que há três elementos que precisam ser valorizados na construção teórico-metodológica da linguística sistêmico-funcional. Percebe-se que as funções interpretativas da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) são: o textualmente orientada, o sistema e o conjunto de estruturas linguísticas. Trata-se de uma estrutura mais funcional do que formal, uma vez que expõe a língua como prática social, seja na modalidade escrita, seja na modalidade oral. Isso, em outras palavras, se insere em um contexto de uso, ora contexto de cultura, ora contexto social. Também se percebe que os significados da linguagem se dão em uma perspectiva ideacionais/reflexivos e interpessoais/ativos.

Para a versão inglesa da Análise do Discurso, tão disseminada por autores como Teun Van Dijk, Gunter Kress, Theo Van Leeuwen, a linguagem é o sistema pelo qual se amenizam ou fortalecem os efeitos sociais que fazem parte das mudanças vividas pela modernidade. Tais efeitos podem, então, aparecer em textos efeitos sociais de textos como para mudanças sociais que superam relações assimétricas de poder, as quais, muitas vezes são sustentadas pelo discurso.

A ADC, então, submete-se ao programa funcionalista de observação e problematização empírica dos objetos de descrição e também pressupõe a análise da concepção de linguagem como prática social, o que resulta em conceber o discurso como um modo de agir social, cultural e historicamente. Tal concepção de linguagem reflete em si a definição do que vem a ser o discurso.

Fairclough (2003) menciona que discursos são modos de representação de diversos elementos constituidores do mundo como os processos mentais ou sociais, as relações entre a estrutura social e o próprio mundo mental dos pensamentos, os sistemas de crenças. Dessa forma, o autor defende que tanto aspectos genéricos quanto aspectos particulares são representados de formas diferentes, o que pode refletir uma série de discursos, contribuindo para diversas perspectivas geralmente marcadas pelas relações dos indivíduos com o mundo em que vivem. Assim, o discurso também reflete não apenas como o mundo se constitui, mas como ele é visto e encarado pelos indivíduos, na voz de Fairclough (2003, p. 149), sendo projetivos, imaginários e representativos de possíveis transformações peculiares. O objeto de estudo da Análise de Discurso Crítica é exatamente compreender e problematizar como a linguagem constitui um dos instrumentos da vivência social de modo que se visualizem as relações discursivas que podem promover a competição, o domínio e o poder sob o outro.

Além disso, também é válido considerar que a ADC se pauta de forma categórica num estudo transdisciplinar textualmente orientado. Fairclough (1999) defende que a ADC tem o objetivo basilar de construir um campo dos estudos da linguagem que possa servir criticamente para as pesquisas sociais. Considerando que o campo das pesquisas sociais tem aumentado significativamente, Fairclough (1999) revela que é consenso entre antropólogos, filósofos e sociólogos que a linguagem é um instrumento imprescindível para a construção das relações sociais a que naturalmente nos submetemos; isso significa dizer que falta um aparato científico para fundamentar as análises linguísticas, daí a necessidade de se criar um arcabouço teórico-metodológico que coloque a linguagem em seu papel preponderante que é a construção da vida social. Então, o autor lança mão de uma série de categorias e considerações avaliadas para esse tipo de estudo, que se baseará na análise de discurso crítica, com enfoque no exame de textos. Nesse sentido, considera-se o texto como uma parte evidentemente importante dos eventos sociais, o qual transcende a própria função concreta e reflete como a sociedade pode ser moldada pelos discursos e/ou estruturas sociais e práticas sociais. Portanto, o texto é visto como produto que desvela as relações entre os agentes sociais e as próprias conjunturas dos processos sociais. Assim, visualizamos que o caso da produção de textos em um exame escrito de um vestibular em qualquer cidade brasileira nos demonstra a força do discurso acadêmico, em meio à atribulação do novo capitalismo, ligando-se também às práticas assimétricas de poder, as quais indicarão os que são capazes de alcançar o saber científico e aqueles que, como vítima do processo ou ainda escolha pessoal, estarão fora desse contexto.

Assim sendo, a Análise de Discurso Crítica (ADC) desenvolve um arcabouço teórico-metodológico com orientação textual de estudo da linguagem em meio às relações sociais. Trata-se de uma vertente crítica do estudo do discurso e consiste em um aparato complexo de investigação transdisciplinar, tendo como base as diversas teorias sociais e linguísticas em vigência. Fairclough (2003, p. 8) define que:

a análise de discurso (uma versão da 'análise de discurso crítica') é baseada na suposição de que a língua é uma parte irreduzível da vida social dialeticamente conectada a outros elementos de vida social, de forma que não se pode considerar a língua sem levar em consideração a vida social.

Ao fundamentar-se na leitura de Bakhtin e Foucault, autores que dão base para as pesquisas sociais contemporâneas, os quais teorizam sobre os discursos, Fairclough (2003, p. 8) defende que diversos estudos discursivos, como os desenvolvidos por pesquisadores contemporâneos como Fairclough (1999, 2003), Wodak (2008) e Teun Van Dijk (1998, 2005), já reiteram que os sujeitos e as suas relações com a sociedade, pesquisadores discutem como a linguagem pode constituir a vida social e é espelho, assim como espelha, relações desiguais e ideológicas de poder, de forma que existem e persistem muitas assimetrias. Dessa maneira, percebe-se que as pesquisas em ADC justificam-se pela atenção conferida aos os problemas sociais e às situações a que se subordinam os grupos marginalizados e/ou prejudicados por relações ideológicas de poder, as quais corroboram assimetrias. O analista crítico do discurso, portanto, se propõe a apontar situações de injustiça, contextos ideológicos e relações assimétricas entre os sujeitos envolvidos a fim de estudá-los de forma que se possa trabalhar a favor da mudança social.

É importante levar em consideração que discursos, muitas vezes, pressupõem, por senso comum, ações escritas, pois são confundidas com a concepção atribuída a textos como uma representação gráfica; no entanto, sabe-se que, para a ADC, discursos são formas de ação social, bem como maneiras de representar o mundo em significados. Além disso, os discursos estão a serviço da manutenção ou da construção de identidades coletivas e individuais. Em outras palavras, os discursos podem estar implícitos ou explícitos em qualquer contexto interacional no seio das diferentes estruturas sociais, tais como (i) a posição onde se senta em um auditório, (ii) o modo pelo qual se toma turno em uma conversa com o chefe, ou (iii) a escrita de um e-mail para subordinados. No caso do vestibular, mais uma vez, é possível ler

de modo crítico os discursos que são legitimados, outros que se transformam e aqueles que revelam desigualdades. Nos últimos três anos, por exemplo, percebe-se que, por causa da instauração do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), diversas escolas têm modificado suas práticas sociais e, nesse prisma, têm transformado suas práticas sociais: os textos a serem cobrados pelos alunos têm um objetivo definido que é a delimitação de soluções palpáveis e concretas à determinada problemática, ao contrário do que se fazia, há mais de cinco anos, quando se ensinavam gêneros argumentativos, uma vez que poderiam ser cobrados em exames vestibulares específicos.

1.2.A modernidade e os estudos discursivos

A ADC, sob a perspectiva crítica teórico-metodológica, surge em meio a diversas transformações econômicas e sociais pelas quais o mundo tem passado, constituindo-se, aos olhos de Fairclough (2003), no chamado *novo capitalismo*, uma conjuntura social, ideológica, sistemática de valores, crenças e estruturas sociais que se entrelaçam de modo congruente. Segundo Fairclough (1999), tais mudanças afetam os nossos sentidos de “eu” e de “lugar”, conforme é visto por Hall e Giddens, e se constroem como estratégias particulares de pessoas ou instituições específicas em cada ação social, de modo que objetivos de campos específicos são mais ou menos beneficiados. Esse fator implica a necessidade de uma teorização crítica e de um exame detalhado da pós-modernidade, a fim de se conscientizarem acerca dos discursos nos quais estamos inseridos ou somos excluídos. Em outras palavras, Fairclough (1999) defende que as novas construções discursivas representam novas práticas discursivas, além das novas práticas sociais. Assim, é possível visualizar o mundo (no sentido da pós-modernidade) constituído por ações discursivas que envolvem um processo colaborativo de construção do mundo por meio da articulação da linguagem cotidiana com o discurso do sistema econômico, junto à ligação com aspectos culturais e sociais.

É válido considerar que a Análise de Discurso Crítica serviu para levantar discussões, nas quais o diálogo não representa o consenso, mas sim uma lógica para se delimitar o quão diferentes são os sujeitos envolvidos nas diferentes esferas sociais, pois são essas diferenças que constituem o quão relevante é a pós-modernidade. Dessa forma, compreendemos que:

as transformações do capitalismo têm ramificações ao longo de toda a vida social, e, como tema de pesquisa, o “novo capitalismo” deveria ser interpretado, em sentido amplo, como o que concerne ao modo como essas transformações repercutem na política, na educação, na produção artística e em muitas outras áreas da vida social (Fairclough, 1999).

Notamos, então, que o novo capitalismo não só instaurou novas práticas sociais, como ainda implementou outras tantas que estavam latentes no seio da sociedade. Isso significa dizer que a vida e sua organização é fluida em termos de representações sociais e identidades socioculturais. São identidades sociais, culturais e locais que nos compõem como sujeitos atuantes ou não na esfera da cidadania, por exemplo, uma mulher pós-moderna é concomitantemente mãe, filha, professora, cidadã que paga impostos e reivindica direitos, como é alguém que perpassa por diversos contextos, os quais são marcados ideologicamente. Tais atravessamentos nos mostram como a sociedade pode, embasada em um regime discursivo-cultural-econômico, limitar ou ressignificar as nossas práticas sociais.

No que tange à esfera privada da educação, os professores são subordinados a uma carga excessiva de trabalho, somando 40 horas semanais mal pagas, na maioria dos contextos, reproduzindo conhecimento que pouco contribui para a reflexão sociopolítica, uma vez que se faz parte do sistema e fugir à regra pode significar deixar um padrão de vida supostamente aceitável e ser desmembrado da classe, não conseguindo realizar suas, portanto, naturais atividades cotidianas. Paralelo a isso, Giroux (1999, p. 211) já revela que a educação faz parte da produção e da legitimação das formas e das subjetividades sociais, de modo que estas reproduzem relações de poder e assimetrias. Portanto, o professor, atingido por uma série de políticas públicas e sistemas de crenças que inviabilizam o prestígio social, apenas se anula de sua possível reorganização do mundo social.

Corroborando esse conjunto de ideias e delimitando que, na construção do conhecimento diante das posições da ciência crítica, sob uma perspectiva reacionária, surge o contexto de “mediação” do século XX, em uma esfera relevante, na qual preconceitos são legitimados, a subjetividade é colocada em questão para a análise. Assim como em Fairclough & Chouliaraki (1999), o conceito de linguagem de Wittgenstein, como "jogos de linguagem" reflete um modo de constituir as vidas sociais que transformam o interesse da análise de discurso se interrelacionando à filosofia da linguagem e à pragmática, como um método interpretativista da linguagem. Assim, as diferentes tradições de interpretativismo convergem para a hipótese de que a linguagem na interação é constitutiva do mundo social e do auto-

construtivismo. Teorias recentes, portanto, centram o discurso como a linguagem constitutiva ou o caráter construtivo da interação, que geralmente é visto como uma alternativa para um foco na estrutura linguística e social.

Em outras palavras, chegamos a algumas ideias que serão basilares na perspectiva de estudo do analista crítico do discurso. Para Chouliaraki & Fairclough (1999), a ADC tem dois momentos específicos nas análises textualmente orientadas: um momento em que se apresenta e se analisa a realidade, em que (i) se mostra a realidade, (ii) se desvelam as desigualdades sociais, (iii) se revelam as ideologias e (iv) demonstram as relações de poder e de hegemonia. O segundo momento, inclui a abordagem reflexiva do analista de modo a focalizar a maneira como deveria ser ou como seria possível amenizar ou resolver tais situações. Segundo Chouliaraki & Fairclough (1999), existe uma relação dialética entre a estrutura social e o discurso, de tal forma que ambos são imbricados e não redutíveis um ao outro.

Outras leituras que também se fazem necessárias para contextualizar a modernidade tardia são as defendidas por autores como Giddens, Hall e Bauman, as quais irão fundamentar os contextos da globalização, a sociedade da informação e o mundo plural em que nos inserimos. Assim, refletimos acerca da pós-modernidade e da conjuntura que permitiu o seu desenvolvimento, considerando-a uma sociedade de informação que é contextual em que se percebe uma “evaporação da grande narrativa”, do nosso grande objetivo social de vida, por exemplo. De modo resumido, compreendemos que pós-modernidade trouxe uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento de modo que o tratamento em diferentes questões transforma, ou apenas questionar, as estruturas. (GIDDENS, 2002).

Importante perceber ainda que as reflexões levantadas por Giddens (2002) se fundamentam em áreas distintas, o que apenas enriquece um olhar transdisciplinar das ciências pós-modernas. Nesse ponto, é produtivo analisar as nominalizações suportadas pelo autor, uma vez que a modernidade proporcionou “o lado da oportunidade”, defendida por Marx e Weber. Ainda assim, noções de segurança e perigo, confiança e risco, diante dos contextos atuais em que se viveu anteriormente com a disseminação do poderio militar, do levantamento político que sustentou durante anos o totalitarismo, o despotismo, entre outras situações sociais e políticas são analisadas pelo autor. O fato de perceber situações políticas,

sociais, econômicas hoje é perigoso, segundo Giddens (2002), haja vista a descrença no progresso que dissolvem as narrativas do “eu”.

1.3. Panorama histórico da ADC

É fundamental tecer aqui algumas considerações que motivaram o surgimento de teorias subjacentes aos estudos do discurso. Tais reflexões se referem às considerações de Bakhtin (1997) e Foucault (2008) que observam, ao seu tempo e à sua maneira, como a linguagem atinge uma dimensão social, nas esferas do poder, seja público, seja privado. Assim, a linguagem é compreendida como um sistema dependente do diálogo, da relação dialética, dialógica, atrelada a enunciados concretos das próprias situações interativas, e, conseqüentemente, sociais. Bakhtin reflete, então, que a linguagem está envolvida nos processos de relações de poder, seja na modalidade escrita, seja na modalidade verbal, junto à multiplicidade de vozes discursivas (polifonia).

De modo complementar, Foucault (2008) introduz a noção de que o enunciado é uma parte do discurso que já delimita uma série de regras, históricas, sociais e contextuais que direcionam para as relações de poder, as quais irão atingir um sujeito social, interpelado pela ação do outro. Desse modo, os enunciados podem incluir, excluir, expurgar o outro, delimitando o poder e as relações sociais a que estão subordinados. Essas reflexões fizeram surgir a Análise de Discurso de linha francesa, depois tão disseminada por Pêcheux, autor contemporâneo àqueles que desenvolve o próprio método de reflexão discursiva. É válido considerar aqui que a Análise de Discurso surge de modo significativo e tem espaço no ambiente acadêmico até os dias de hoje.

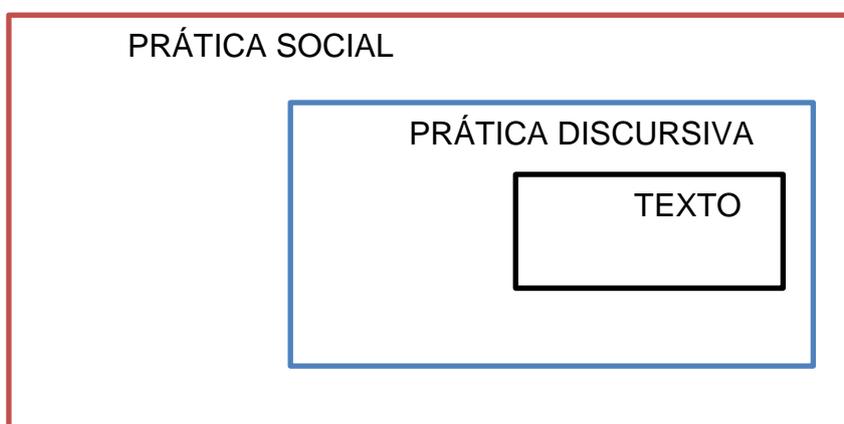
Ademais, Fairclough (1989, 1992) leva a análises outras que irão imbrincar uma nova abordagem para o discurso. Esta nova concepção de Análise de Discurso não leva em conta apenas as relações sociais que se estabelecem com o discurso, mas constroem um método crítico de análise que procura revelar aspectos que não são aparentes, mas estão ocultos no processo. Nessa visão, então, o discurso tanto faz parte de um processo social, no qual a linguagem limita o poder de um sujeito, como também o faz ser elucidado por este.

Compreendemos, nessa perspectiva, que houve diversas modificações, especificações e detalhamentos construídos de modo a aprimorar a Análise de Discurso Crítica. Em outras

palavras, o caminho teórico-metodológico traçado por Fairclough passará pela legitimação da ADC em 1989. Neste momento, a análise de discurso parte do texto, já iniciando, conforme destacamos, como a análise textualmente orientada. Para subsidiar a análise, seguiam algumas perguntas facilitadoras, tais como: Que valores experienciais os traços textuais apresentam? Que valores expressivos os traços textuais supõem? Que valores relacionais estão presentes no texto? Assim, localizava-se a explanação da ideologia e do poder que se submergiam das análises.

Posteriormente, Fairclough (1992) constrói um modelo tridimensional para a análise de discursos. Dessa forma, compreendia-se o discurso como desmembrado em três etapas, chamadas de texto, prática discursiva e prática social, de modo que, neste sentido, o foco está nos aspectos linguísticos, contextuais, intertextuais e sociais (poder e ideologia). Muitas das pesquisas em ADC, ainda feitas hoje, seguem o modelo tridimensional e sua representação teórico-metodológica, uma vez que nele as categorias de análise aparecem de modo mais didático.

Quadro 1 – Abordagem Tridimensional do Discurso



Fonte: Fairclough, 1992

O modelo tridimensional (FAIRCLOUGH, 1992) propõe em termos metodológicos que se analise o texto a partir de uma *prática linguística*. Tal preceito sugere que se faça a **descrição** dos fatos e se usem as categorias linguísticas como operadores argumentativos, adjetivação, verbos, modalizadores, etc. Dentro da **prática discursiva**, estudamos as condições de produção, de consumo, as relações de intertextualidade, em outras palavras, faz-se a **interpretação** discursiva. Em último patamar de análise, compreendem-se os efeitos sociais dos discursos e como isso resvala pela sociedade em meio ao contexto de

cultura, por exemplo. Para a análise da **prática social**, estudam-se as transformações sociais, as relações hegemônicas, as ideologias que subjazem à prática linguística e discursiva, então, chega-se à **explicação**.

Didaticamente, sintetizando tais informações, chega-se à ideia de que são os seguintes passos para a ADC:

Tabela 1 – Abordagem de Análise Tridimensional do Discurso

NÍVEL DE ANÁLISE	OBJETOS DE ANÁLISE	SÍNTESE DE ANÁLISE
Prática Linguística	Categorias linguísticas Categorias gramaticais Categorias lexicais Categorias semânticas	Descrição
Prática Discursiva	Produção Circulação Consumo Intertextualidade	Interpretação
Prática Social	Mudança Hegemonia Ideologia	Explicação

Fonte: Fairclough, 1992

Vemos aqui que a proposta de Fairclough (1999) condiz à visão de que a análise parte do problema social a que estamos expostos. Dessa forma, torna-se importante que façamos uma análise da conjuntura. Para tal conceito, expandimos a visão de contexto ou de prática discursiva, em que se delimitam como “relativamente duráveis, analisam práticas relativamente permanentes ao redor de um projeto social específico” (1999, p. 92).

Dentro dessa etapa da análise, avaliam-se os diversos elementos que constituem a vida social, como o discurso, os momentos sociais, a atividade material e os fenômenos mentais. Sendo assim, compreende-se que o discurso passa a integrar as práticas sociais ao lado de outros aspectos, sem se reduzir ou se destacar prioritariamente. Dessa forma, defendemos que o discurso é um momento da prática social.

Essa visão do discurso como um momento da prática social é embasada na leitura de Harvey (1996), feita por Chouliaraki & Fairclough (1999, p. 6), de que o discurso não se reduz a nenhum outro elemento. Dessa maneira, a atividade material (as vozes, as marcas no papel, os usos linguísticos expressos), as relações sociais e os processos (a esfera do poder, as instituições sociais, políticas, econômicas e sociais), os fenômenos mentais (as crenças, os valores os desejos) e o próprio discurso são dialeticamente articulados e internalizados. O discurso, portanto, conforme já delimitado refere-se a um dos elementos que constituem a vida social. Desse modo, sabe-se que esses elementos se articulam por meio de relações dialéticas, de forma que um internaliza ou “assimila o outro”, sem necessariamente se reduzir a ele. E tais articulações estarão envolvidas na produção de sentidos dos discursos, todos engendrados nos textos como eventos sociais. O arcabouço teórico-metodológico da ADC se vale da seguinte ordenação:

Quadro 2 - Arcabouço Teórico-Metodológico da ADC

Abordagem Teórico-Metodológica da ADC
1) Questão motivadora
2) Aprofundando a questão
a) Análise da Conjuntura
b) Análise do Discurso
(i) Análise Interdiscursiva
(ii) Análise Linguística
c) Análise das Identidades
3) Definindo os principais desafios
4) Reconfigurando a questão
5) Refletindo sobre a análise

Fonte: Chouliaraki & Fairclough, 1999

Outro conceito de total importância é o de conjuntura. A conjuntura, portanto, é o ponto da análise que passa a constituir a perspectiva crítica do discurso, pois se fundamenta em contextualizar social, culturalmente e discursivamente as práticas sociais e os eventos que imbricamos como normais ou naturais no nosso dia-a-dia. Analisar a conjuntura de uma questão de pesquisa quer dizer dar ênfase à configuração de práticas da qual o discurso faz

parte, ou seja, é estabelecer a associação das práticas sociais localizadas no cruzamento de diferentes instituições, seja no âmbito social, econômico, político etc. Dessa forma, percebe-se que o discurso é apresentado como parte da atividade concreta ou como construção reflexiva da prática. Assim, um dos aspectos da análise da conjuntura é, pois, localizar o discurso analisado no tempo real de forma a relacioná-lo com os processos sociais envolvidos.

Fairclough (2003, p. 159) considera que existe uma relação entre os textos e os eventos sociais nos quais os textos estão inseridos, assim como as pessoas envolvidas nesses eventos são aspectos fundamentais para uma visão dessas unidades textuais em sua multifuncionalidade. As contribuições desenvolvidas por Fairclough (2003) condizem à explanação dos significados do discurso, sendo estes (1) acional, (2) representacional e (3) Identificacional. Cada um desses estará articulado, respectivamente, aos gêneros, aos discursos e aos estilos. Passo agora a explicar a relevância desses conceitos e articulações, pois os três se tornam relevantes à análise que estabeleço no Capítulo 4.

Fairclough (2003) dimensiona que o **significado acional** está intimamente ligado aos **gêneros**. Estes se referem aos modos socialmente estabelecidos para os usos linguísticos em situações interacionais específicas. É importante considerar que o conceito de gênero é mais do que relevante no cenário da modernidade, uma vez que hoje os gêneros se transmutam de modo significativo, como fazem surgir outras práticas sociais. Isso pode ser visualizado, por exemplo, no contexto bancário. Há alguns anos, assinar um cheque condizia a um gênero discursivo específico, no qual a linguagem tinha um valor e uma rede de práticas subjacentes. Hoje, com o advento e a disseminação do cartão de crédito, outros gêneros surgiram como uma fatura de compra, um extrato bancário, uma compra via Internet. Observemos, então, que o gênero se inter-relaciona com a ação social, delimitada e contextualizada especificamente.

No caso do vestibular, objeto de pesquisa desta dissertação, apresento uma cadeia de gêneros que participarão deste evento social, no Capítulo 3, no qual contextualizo este estudo. No entanto, vale mencionar aqui que “estudar para o curso específico”, “fazer a prova” e “esperar a lista de aprovação” constituem ações sociais. Fairclough (2003, p. 65) reitera que os gêneros são maneiras relativamente estáveis de agir e interagir durante as ações sociais, de modo que haverá a articulação com os discursos e os estilos.

Na perspectiva da ação social, Fairclough (2003) reitera que os gêneros como elementos situados em práticas sociais determinadas são usados como forma de controle social, de modo que se instauram e mantêm relações assimétricas de poder, pois haverá a articulação dialética com os outros significados. Assim, gêneros são formas relativamente estáveis de construir o sentido e a interação social, promovendo mudanças e transformações ou apenas legitimando poder, por meio de relações de organização, valoração ou controle de outros construtos semióticos.

Vale considerar aqui também que os gêneros são construções sociais que se fizeram presentes na história de determinada cultura, podendo variar de uma para outra, em diversos níveis de abstração e transcendendo para outras situações. A narração, a conversação, a descrição e argumentação são vistas por Fairclough (2003, p.68) como pré-gêneros, visto que instauram relações mais abstratas dentro da situação comunicativa, mas que, em uma prática particular específica podem consolidar um gênero situado. A prática da produção de textos argumentativos pode participar, então, de um pré-gênero, ou seja, a exposição e a defesa de um posicionamento crítico acerca de dado assunto como a legalização de determinadas drogas ou a prática da eutanásia. Mas, essa prática de produção de textos ambientada no contexto escolar de um projeto pedagógica já irá constituir um gênero situado, ou seja, integra determinada situação comunicativa.

Na conclusão dessa explanação, destaco que dominar um gênero significa dominar uma rede de práticas que poderão dimensionar outras situações sociais. Fairclough (2003, p.66) considera que os gêneros estão intimamente mutáveis nos dias de hoje de modo que a perspectiva dialógica se faz necessária por contribuir para a mudança social. Considero importante relatar aqui a mudança, por exemplo, na postura das bancas que corrigem a avaliação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No caso deste exame específico, o uso da 1ª pessoa, a construção de argumentos baseados em ditados populares e a apropriação de textos motivadores na elaboração do texto dissertativo argumentativo é apenas, mas não critério de anulação do texto. Digo isso, considerando que tais situações em aulas de produção de texto, nas últimas duas décadas do século XX, seriam totalmente recrimináveis, na visão dos professores de português. Hoje, diferentemente disso, o que vale é a rede de informações que o aluno/candidato passará a utilizar em favor de seus argumentos, tornando-se um gênero híbrido, misturando criatividade e atividade social.

O **significado representacional** está, por sua vez, ligado aos **discursos** que são vistos, por Fairclough (2003, p. 124) “como modos de representar aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças, e o mundo social”. Essa construção teórica de Fairclough (2003) revela que os discursos têm total ligação com as associações de nossas visões sobre o mundo, sobre os papéis sociais que exercemos, nossas identidades fluidas e articuladas como o mundo social e a realização pessoal.

O vestibular, nesse viés, tem imbricado uma rede discursiva bastante relevante, uma vez que expressões, sentenças e crenças, como, por exemplo, “somente passarão os que estudaram com total afinco”, “em Universidades Federais somente alunos ricos são aprovados”, “estudarei para o vestibular, pois é isso que me fará ter valor no mundo de hoje” são discursos, no sentido mais elementar. Outras visões de discurso que teríamos neste contexto são a posição da Universidade no sentido de exigir uma rede de requisitos para a aprovação, a importância da academia no contexto brasileiro. As escolhas das prioridades da Universidade, quando ligadas a outros contextos, podem condicionar a relação que se estabelece entre o mundo mental, a realidade social e a representação de tais pensamentos ocorre.

As propriedades dos discursos revelam que estes podem ser usados como forma de representar o mundo como ele é encarado; representá-los de maneira diferente da realidade; representá-los com foco em projetos de mudanças; representá-los no intuito de mostrar como as pessoas se veem no mundo, de modo a transformar as relações sociais que estabelecemos. Nessa reflexão, Fairclough (2003, p. 128) visualiza que os textos, numa perspectiva multissemiótica, são frutos de associações entre diferentes discursos, os quais remontam diferentes estruturas e relações particulares, o que, no caso do vestibular, seria possível perceber pelos pais dos candidatos com suas expectativas, dos professores envolvidos no processo de aprendizagem para este evento específico, os examinadores e os próprios candidatos. Todos esses aspectos se relacionam dialeticamente em uma perspectiva particular em meio à vida social.

O **significado identificacional**, em última instância, se combina com os **estilos**. No âmbito da ADC, Fairclough (2003, p. 159) o estilo constitui a rede dos aspectos discursivos das formas de ser, das identidades dos agentes sociais. Portanto, está implícito no estilo, quem

somos nós, a que grupo pertencemos, como nos comportamos diante de determinadas situações, como nos identificamos no mundo, como nos articulamos com outros sujeitos, como estabelecemos nossas ligações. Nessa ótica, eu, na posição de professor, estudante de mestrado, cidadão brasileiro, mantenho características que coadunam com o meu estilo, ou, mais significativo, meus estilos.

É importante verificar nessa relação que os estilos estão associados aos processos de identificação, ou seja, à maneira como nos vemos, como queremos nos ver e como os outros nos veem e nos identificam em meio às práticas sociais. Por isso, o estilo tem ligação preponderante com os papéis sociais que exercemos. Nesse mesmo paradigma, Fairclough (2003) assevera que as identidades podem pessoais ou particulares, todas construídas na forma de que como os agentes sociais criam e transformam as atitudes, os eventos e as práticas sociais.

Fairclough (2003, p. 160) expressa que a identificação constitui um processo bastante produtivo, uma vez que os traços pessoais e sociais não podem se reduzir um ao outro, e que estes não se limitam a processos textuais, ou seja, linguísticos. Naturalmente, a linguagem está englobada nas considerações acerca dos estilos, mas não é somente ela. Rever os tipos de verbos utilizados, as modalizações construídos, o uso dos adjetivos podem direcionar à análise para a identificação e os estilos dos sujeitos e das atividades envolvidas nos processos sociais envolvidos.

Por essas considerações, Fairclough (2003, p. 161) revela ainda que a forma como o sujeito age e se relaciona com o mundo também pode interferir na construção das identidades. Desse modo, a mudança social está ligada a essa perspectiva de maneira que a forma como nos identificamos nos textos, seja um estilo social, como ligado à profissão, à orientação intelectual, sexual, à posição familiar, diz muito sobre como o nosso papel no mundo e as atividades que passamos a exercemos.

1.4 Ideologia e Identidade: conceitos subjacentes à expressão do poder

Dentro de uma análise mais abrangente, Thompson (1995) acompanha as leituras histórico-teóricas de Manhein e de Marx, em que, respectivamente, o primeiro

considera ideologias como a referência a ideias que são discordantes da realidade e não realizáveis na prática, ou seja, semelhante às utopias. Já o segundo contempla em sua análise o fato de que a ideologia está ligada à dominação, em outras palavras, se usam as “ideias constitutivas da ideologia”. Aqui, portanto, se percebe em que ponto tais análises tocam no arcabouço da ADC.

Assim, compreendemos que, dentro da leitura de Thompson (1995), existem duas concepções básicas das leituras de ideologias: as concepções neutras são aquelas que nem sempre se preocupam em catalogar a ideologia como um fenômeno enganador ou ilusório; e, por outro lado, há as concepções críticas, ou seja, aquelas que possuem um sentido negativo, pejorativo, crítico.

A visão de Fairclough (1999) apenas contribui para tais conceitos, pois este conclui em suas análises propondo que:

ideologias são representações de aspectos do mundo que podem ser mostradas para contribuir para o estabelecimento, manutenção e mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração. Essa visão ‘crítica’ de ideologia, vendo-a como uma modalidade de poder, contrasta com várias visões ‘descritivas’ de ideologia como posições, atitudes, crenças, perspectivas, entre outros, de grupos sociais sem referência a relações de poder e dominação entre tais grupos.

Desse modo, é fundamental fazer na análise de discurso uma leitura crítica das ideologias imbrincadas nos textos. Nessa mesma perspectiva, a construção teórica de Thompson (1995) nos leva a visualizar a ideologia como “sistema de crenças ou formas e práticas”. Portanto, esta se constitui como um fenômeno simbólico por excelência, a qual pode incluir agir por meio de diversas estratégias como o mascaramento ou ocultamento das relações de dominação não se assumindo de modo errôneo e ilusório.

Recuperando o conceito criado por *Marx*, Thompson (1995) sintetiza que a ideologia é sustentada pelas relações das classes que indicam dominação e subordinação. Para Thompson (1995), a concepção de *Marx* parece que são negligenciadas as relações entre os sexos, os indivíduos e o Estado. Como crítica a essa contribuição, Thompson (1995) sintetiza que *Marx* não explicita que as formas simbólicas constituem a realidade social, uma vez que as ideologias não são meras representações.

Compreendendo, de forma sintética, a ideologia como formas simbólicas que constituem ações e falas, imagens e textos que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos. Thompson (1995, p. 82-89) reitera que a ideologia pode se constituir como tal por meio de cinco estratégias. A saber:

Modos de Operação da Ideologia

- (1) **Legitimação:** quando são consideradas “justas e dignas de apoio”, da forma de carismática, racional e tradicional. Nesse critério, criam-se narrativas, universais.
- (2) **Dissimulação:** as relações simbólicas podem constituir formas de ocultar ou obscurecer os processos ideológicos existentes. Eufemização ou Tropo.
- (3) **Unificação:** construção de verdades coletivas, fator que leva à padronização.
- (4) **Fragmentação:** levantamento de distinções (diferenciação) de modo que se quebram as relações sociais e haja perigo para os grupos dominantes. Nesse ponto, percebe-se que pode existir o expurgo do outro.
- (5) **Reificação:** a ideologia se instaura diante da possibilidade de se naturalizarem as ‘ações’ sociais que nos incubem. Apagam-se as histórias e se eternalizam os movimentos históricos disassociados de seu momento histórico-cultural. Os eventos reificados assim o foram, por meio da nominalização e da passivização.

Para Thompson (1995, p. 73), contemplar, durante a análise textual, os elementos externos à linguagem como poder e ideologia, por exemplo, nos faz revelar que esta pode constituir uma estratégia para o controle social de diferentes modos simbólicos de agir sobre o mundo, contribuindo para a resistência ou para a legitimação de relações sociais assimétricas (FAIRCLOUGH, 1999, p. 21).

De modo complementar a essas construções teóricas, torna-se relevante observar as identidades como uma formação discursiva e ideológica no bojo da Análise de Discurso Crítica. As identidades hoje são múltiplas por haver processos distintos de migração, tanto

demográfico, quanto cultural. Para isso, a globalização trouxe uma capacidade de dialogar com o global e o local e faz, ao contrário do que esperavam, emergirem as identidades locais, como elementos de resistência. A globalização tem um efeito pluralizador, além de se preocupar com o diferente, ao se distribuir desigualmente e ao ocidentalizar a cultura da globalização. Ainda chega à concepção de tradução cultural para assimilação de caracteres distintos. Deslocamentos contraditórios.

É possível observar que Hall (2003) produz um olhar segmentado e plural sobre distintas concepções de sujeito como sendo elementos centrais na construção das múltiplas identidades. Segundo o autor, historicamente situada, a noção de sujeito passou do iluminismo ao pós-modernismo. O iluminismo construiu-se como um movimento filosófico, histórico, sociológico de supervalorização da razão, como forma de encontrar a verdade, mediante a observação da natureza. Portanto, a concepção de sujeito iluminista se dá, centrando-se na razão. Em outro momento, já entremeados no século XIX e início do século XX, a sociologia se torna uma das áreas relevantes do estudo da antropologia. Em suma, o prisma sociológico é formado pelos múltiplos e naturais contatos entre povos distintos. No estágio mais atual, visualiza-se o sujeito pós-moderno que é marcado pelas múltiplas identidades.

Segundo Hall (2001), é possível visualizar o sujeito pós-moderno sofrendo uma crise da identidade, passando processos de deslocamento, descentração do indivíduo por existirem movimentos sociais que desmontaram tais ideais prontos. Essas concepções se situaram diante dos estudos e descobertas significativas de autores como: Freud superpondo a noção psicanalítica, Saussure instuindo o estruturalismo linguístico, Teoria Feminista refletindo o modo de agir da mulher diante da sociedade e da família, Lacan propondo a noção lógica psicológica e filosófica, por exemplo, além de outros aspectos relevantes.

Laraia (2001) expressa que o homem é produto de capacidades de adaptação, aprendizado e plasticidade. Tais capacidades ou competências ou construções são inerentes à natureza humana, mas também apreendidas e recuperadas diante da interação do homem com o espaço visual. Essa concepção é bastante semelhante ao que Moita Lopes propõe (2003), bastante representativa, o socioconstrutivismo, um modo sistemático de reproduzir identidades sociais e culturais que se constroem e reconstroem diante da vida em sociedade.

Lembrando que a discussão iniciada por Moita Lopes (2003) reitera que as identidades são partilhadas diante de aspectos plurais e não particulares.

Portanto, consideramos a Análise de Discurso Crítica como forma de examinar a modernidade que subjaz dos textos e suas possíveis relações de poder, implícitas ou explícita e discursivamente definidas que contemplam a linguagem como evento social, interativo e dialético. Amparada no paradigma da Linguística Sistêmico-Funcional, a Análise de Discurso Crítica tem se consolidado nos estudos de linguagem como um modelo teórico-metodológico, de análise de possíveis “relações dialéticas entre o social e o discursivo, permitindo a investigação de efeitos constitutivos de textos em práticas sociais e vice-versa”, conforme propõem Ramalho & Resende (2011, p. 111). O objetivo do capítulo proposto pelas autoras se detém na exemplificação de como se trabalhar com o texto, ou seja, o material empírico de pesquisa do analista crítico do discurso. Para isso, são apresentados sinteticamente exames de categorias analíticas já consagrados pela metodologia de trabalho em ADC, a partir do texto, então, “buscamos conexões dialéticas entre discurso e aspectos sociais problemáticos, como esforço para ajudar a superá-los” (2001, p. 111).

Para mapear estudos de textos em ADC, Ramalho & Resende (2011, p. 112) explanam que as categorias analíticas são “formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter) agir e de identificar-se em práticas sociais situadas”. Importante observar tal discussão, uma vez que os textos simbolizam elementos concretos da prática social em que se salientam discursos, ambientados sócio-historicamente. Portanto, percebem-se que as categorias analíticas são os modos pelos quais verificamos o preenchimento por outros textos, vozes, opiniões, verdades, mentiras, estereótipos acerca de determinado assunto em voga. Ainda nesse sentido, é válido mencionar que os aspectos construídos e ressignificados em textos podem produzir três instâncias complementares entre si e já comentadas anteriormente: a representação, a identificação e a ação social, o que gerariam, por conseguinte, na ADC, discursos, estilos e gêneros, respectivamente.

De modo complementar, no que concerne à identidade, as proposições de Fairclough (2001) se tornam de todo relevantes, uma vez que tocam os tópicos principais entre identidade e suas repercussões discursivas. A identidade se torna um assunto bastante produtivo, haja vista que existem necessidades básicas que condigam a questionamentos do ser humano e da vida cotidiana em meio ao cenário global. É importante salientar que a identidade é construída

pela união entre aspectos de (1) natureza social que se vinculam ao imaginário nacional, à forma de se perceber profissionalmente, ao modo de agir em sociedade e (2) natureza pessoal, que estruturam maneiras particulares de se ver, se identificar, de opinar, de articular-se entre outros fatores. Para o autor, essa compreensão é significativamente “problemática”, o que condiz a momentos de reflexão. Também é válido reiterar que, segundo o autor, a generalização e a abstração são formas de compreender o estudo sistemático da ADC. A organização desse estudo centra-se, sobretudo, na identificação de “profissões”, ou para “identidades personalizadas ou pessoais”.

Fairclough (2003) ainda sintetiza a representatividade da reflexão crítica a que o ser humano está exposto nos dias de hoje que se veiculam por causa da globalização. As características do novo capitalismo são fortalecidas pelo uso dos verbos modalizadores, que não representam certas que expressam propriedade, mas sugerem tais aspectos. Somado a isso, os elementos de comparações, alusões ou ainda avaliações que mais representam socialmente. Os modalizadores representam “obrigações, probabilidades” suportando o julgamento do escritor, o que representam objeto de estudo para a ADC.

Como conclusão, teve como propósito apresentar as bases teóricas da Análise de Discurso Crítica como fundamentação para este trabalho. Tais considerações revelam que vivemos em um mundo que tem sofrido transformações relevantes para com a relação entre tempo e espaço, além dos atravessamentos dos diversos campos discursivos. Assim, a educação não constitui um domínio discursivo inarticulado. Ela sofre influências reais com os efeitos econômicos, sociais e culturais, de forma que o vestibular⁴ terá significados acionais sobre o mundo, com a possibilidade de expressão de representações sociais, podendo revelar identidades diversas. Fairclough (2003) ainda propõe que a análise textual, como arcabouço teórico-metodológico, é de suma importância para a Análise de Discurso Crítica, tendo em vista que é percebida uma confluência social de agentes produtores de discursos hegemônicos que reiteram representações executadas em sociedade. Além disso, o autor reforça que é necessário seguir um patamar de análise sistemático, repetitivo, o que repercute positivamente

⁴ A expressão “vestibular” é tomado nesta pesquisa como eventos sociais de seleção para o nível superior. No caso desta dissertação, o termo condiz ao Vestibular e ao Programa de Avaliação Seriada (PAS), ambos da Universidade de Brasília (UnB).

para a consolidação da ADC como arcabouço teórico e metodológico de estudo das relações sociais entremeadas pela linguagem.

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O arcabouço da ADC atrelado aos moldes da pesquisa documental e qualitativa

Uma série de perguntas passa pela mente ansiosa e curiosa do pesquisador. Trata-se de escolhas. Escolha da metodologia adequada, da efusão de objetos de análise, da escolha dos dados para comporem o *'corpora'*. Dentre essas dúvidas, há um espaço definido e significativo para a escolha da metodologia que pode cumprir os objetivos a que se propôs chegar.

Nesta pesquisa, observou-se que o arcabouço da Análise de Discurso Crítica seria suficiente para examinar a natureza social dos discursos que se materializam em uma proposta de redação de uma universidade, em uma planilha de correção da própria instituição, como também nos próprios textos dos candidatos. No entanto, fez-se necessário também abranger outros campos de análise no intuito de não cairmos na *'ortodoxia acadêmica'*, a que muitos de nós já nos acostumamos. Compreendendo ser mais que necessário e, sim, fundamental escolher outros caminhos metodológicos, a pesquisa triangulada, de caráter qualitativo, com técnica documental foi escolhida após análise minuciosa das questões de pesquisa. Passo agora a explicitar os tópicos elementares que constituem tais tipos de metodologias.

É natural que as pesquisas sociais tomem como base um conjunto de doutrinadores científicos para explicitar a sua relevância e demonstrar o *'modus operandi'* dos estudos críticos do discurso, assim como expressa Fairclough (2003). A pesquisa aqui relata se propôs a examinar as relações identitárias e as discursivas que são construídas a partir da interação Vestibular – Documentos Regulatórios – Universidade. Para realizá-la, optou-se por uma série de metodologias que deu espaço à multiabordagem científica, fator que contribuiu significativamente para a escolha dos dados, exame destes e sua respectiva compreensão/interpretação. Conforme já explicitado, no bojo da pesquisa, escolheu-se como referente metodológico o arcabouço da Análise de Discurso Crítica, tendo ainda como construtos basilares a Pedagogia Crítica, a Triangulação Metodológica, a Pesquisa Qualitativa e a Pesquisa Documental. Passo agora a explicitar as relações relevantes para a compreensão do fundo metodológico da pesquisa, iniciarei três seções, com focos diferentes, um para cada núcleos de metodologia.

2.1. Pesquisa Qualitativa

Abordando a noção de pesquisa dentro do trabalho científico, percebe-se que muitos estudos foram feitos, principalmente até os anos 1970, concebendo a natureza **quantitativa**, já utilizada nas áreas médicas e exatas. Flick (2009, p. 21) reitera que os passos para uma pesquisa tradicional eram o isolamento das causas e dos efeitos do fenômeno pesquisa, a operacionalização adequadamente as relações teóricas, a medição e quantificação dos eventos pesquisados e a formulação de hipóteses e leis gerais. Então, nesse sentido, diversos foram os modos como se produziram pesquisas no Brasil e no mundo compreendendo tais características.

No final dos anos 1960, diferentemente, as ciências sociais, por sua vez, construíram modelos de análise **qualitativa**, os quais se baseariam na análise de textos. Assim, desenvolveu-se a pesquisa social, por meio de um conjunto de metodologias como a etnometodologia, a etnografia crítica e a narrativização, por exemplo. Para Flick (2009, p. 31), essa modalidade de pesquisas permite a interpretação de dados, compreendendo as entrevistas analisadas em profundidade e sempre com os textos como objetos de análise.

Nesse sentido, é importante mensurar que, conforme o pensamento de Gaskell & Bauer (2011, p. 25), tanto a pesquisa qualitativa quanto a de caráter quantitativo analisam um fenômeno social e partem para diferentes caminhos, no intuito de chegar a seus objetivos. Não há demérito neste quesito. Os autores mencionam que a interpretação está exclusiva e somente na pesquisa qualitativa, tampouco a análise numérica sugere informações automáticas.

A pesquisa qualitativa tornou-se uma alternativa viável de metodologia ao colocar em voga a coleta e a qualidade dos dados. Dessa forma, tais pressupostos realizam um *modus operandi* de pesquisas adequadas à ciência moderna. Para isso, Toulmin (1990 *apud* Flick, 2009, p. 37) demonstra que as pesquisas sociais tendem à procura de quatro características básicas: a observação da tradição oral pelo estudo das narrativas, das linguagens e das comunicações; o estudo empírico de problemas reais e particulares e não em ambientes gerais; o retorno aos sistemas locais para estudos das práticas e das experiências em meio à tradição local e não à tentativa de universalização dos fenômenos; por último, o retorno à análise de problemas histórica, espacial e culturalmente situados.

Assim, nesta pesquisa, percebe-se que, ao estudar o vestibular da Universidade de Brasília, será possível visualizar a prática de um exame de vestibular como uma forma de exclusão social, por exemplo, além de entender o quão envolvido nas linguagens tal evento está imbrincado. É válido considerar também que a análise da cidade de Brasília, como um ambiente local que tem problemas educacionais e sociais sérios, e que o vestibular tem uma relação de empoderamento de determinados grupos sociais e marginalização de outros, tudo isso examinados a partir de um olhar histórico, espacial e culturalmente alocados.

A metodologia qualitativa, neste trabalho, portanto, sugere o estudo detalhado, aprofundado e sistemático tendo como base os três objetos de análise: a proposta de redação elaborada pela Universidade de Brasília, o texto do aluno e a planilha de correção. Além disso, considero os três objetos como textos, os quais exigem a leitura analítica e com habilidades específicas, de forma que há distintas concepções textuais, todas amparadas pela noção deste como um evento interacional que inter-relaciona situações, agentes e mensagens entre si.

2.2. Pesquisa Documental

A pesquisa aqui apresentada foi feita, considerando a metodologia documental, tendo como objetos a serem analisados: propostas de redação, textos dos candidatos e planilhas de correção. Uma pesquisa documental se pauta no exame qualitativo, sobretudo, no que diz respeito ao entendimento de uma situação sócio-histórica-cultural, conforme é defendido por Cellard (2008, p. 295). Além disso, os documentos constituem um rico e vasto material de pesquisa a ser examinado exaustivamente por qualquer cientista social. Nesse sentido, enquadra-se aqui a pesquisa em ADC, a qual, ao considerar textos escritos como matéria-prima, os engloba em seu arquétipo de estudo científico. Os pesquisadores de metodologias científicas revelam três características básicas para a técnica documental: (1) o caráter histórico de um documento; (2) a não interação do pesquisador na pesquisa e (3) os documentos são dados originais.

Como primeiro ponto a ser considerado, torna-se mais que relevante observar que a leitura dos documentos em questão condiz a uma passo imprescindível às pesquisas sociais,

haja vista que esses nos elencam informações históricas, sociais e culturais em um dado espaço e tempo definidos; o que pressupõe que qualquer documento oferece um conjunto de informações relativas à evolução e à transformação de uma sociedade ou um grupo específico de indivíduos, por exemplo. Nesta pesquisa, por exemplo, conforme já informei, o grupo de sujeitos pesquisados são alunos de Ensino Médio da rede particular de Brasília.

O segundo ponto basilar na pesquisa documental trata da não interação entre sujeitos de pesquisa e pesquisadores subsequentes. Dessa forma, compreende-se que essa técnica se vale da complexa análise e reanálise dos documentos como maneira de pesquisa e sustentação de teses. Em outras palavras, não há intervenção, interação ou interferência nos eventos que fazem parte da pesquisa, nem há também momento de ação ou reação comunicativa em relação ao pesquisador ou aos pesquisados.

O terceiro e último aspecto a ser avaliado considera que cada documento é considerado como fonte bibliográfica, devido ao fato de esse não ter passado por uma leitura analítica de cientistas. Assim, a pesquisa aqui evidenciada tem como documento os objetos que levantamos: propostas, redações e planilhas de avaliação. Nenhum desses objetos é analisado e reavaliado por cientistas sociais, mas fazem parte de um processo contínuo de análise do pesquisador diretamente e não numa segunda leitura que já passou, consequentemente por outros olhares.

De forma complementar, também é relevante considerar o conceito de documento. Trata-se de qualquer texto escrito, oficial que sirva de comprovação para o comportamento e as ações humanas. Em meio à modernidade, pode-se ainda considerar a natureza multimodal dos documentos, há diversas configurações e formatos, dentre eles iconografia, cinematografia, fotografia, elementos folclóricos e outros que podem reiterar uma dada observação científica.

Continuando nesse viés, há cinco fases que uma análise documental perpassa naturalmente no momento de observação e compreensão científica. O primeiro diz respeito ao contexto, no qual se explicita a condição histórica e social daqueles que estão envolvidos no processo de elaboração e transmissão do documento. Compreender um documento como um texto significa especificar que este pressupõe uma visão de mundo, um conjunto de fatos históricos desencadeados por ideologias dominantes e dominadas. O segundo ponto é a

identificação dos autores do documento, o que contribui para entender os interesses e os motivos daqueles que se encaminharam nesse processo de criação do documento. No caso do vestibular, a redação do aluno é feita por um sujeito que é candidato a uma vaga da Universidade, é, portanto, quem responde pela ação explícita. Todas as informações que emanam no texto podem sugerir pistas da identidade do grupo ou do autor do documento. O terceiro ponto condiz à autenticidade do documento, ou seja, procedência do texto, se este é fruto direto ou indireto dos que estão envolvidos, como se, no vestibular, o aluno fizesse o próprio texto ou reproduzisse um conjunto de informações de senso comum, as quais podem contribuir para um texto que levanta falsidades. A natureza do documento é a quarta fase, aquela que se propõe a entender a qual domínio o texto pertence: à realidade médica ou à construção jurídica. E, por último, a construção linguística e estrutural sobre os documentos. É necessário reconhecer a linguagem, os níveis que subentendem o texto, qual a estrutura que lhe é mais fiel ao que este quer.

Fazendo, portanto, um diagrama, o qual analisa o contexto do texto dissertativo, por exemplo, como um documento que faz parte da metodologia científica. Assim, na perspectiva metodológica, o primeiro diagrama ilustra quais são os aspectos que integram uma análise de um documento na posição de objeto de pesquisa. Posteriormente, o outro diagrama já nos apresenta o texto dissertativo como um momento social e discursivo marcante e possível de ser visualizado à luz da ADC.

Figura 1 – Articulação das Características Metodológicas de Documentos



Fonte: elaborado pelo autor da dissertação.

Figura 2 – Texto Dissertativo e Contextualização



Fonte: elaborado pelo autor da dissertação.

Fazendo a articulação teórico-metodológica, Sá-Silva *et all* (2009, p. 14), esclarece que:

A pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação. (...) A possibilidade que se tem de partir de dados passados, fazer algumas inferências para o futuro e, mais, a importância de se compreender os seus antecedentes numa espécie de reconstrução das vivências e do vivido. Portanto, a pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos.

Em suma, na visão aqui seguida, o documento em exame é o texto dissertativo argumentativo, elaborado por um autor, que é candidato a uma vaga de graduação na Universidade de Brasília, aluno da rede particular de ensino do Distrito Federal. Este aluno faz uma avaliação, chamada de vestibular ou um programa seriado, na qual se selecionam conteúdos que lhe cobrem conhecimento específico, senso crítico e leitura de mundo. Este vestibular serve como um instrumento de poder que pode delimitar o futuro desse candidato ao mercado de trabalho, atravessado por relações sociais díspares, na qual o capitalismo impera como regime ideológico.

2.3. Triangulação Metodológica

A Triangulação Metodológica constitui-se como o uso de dois ou mais métodos de coletas de dados, no estudo de algum objeto de pesquisa social. Em outras palavras, ao se optar por pesquisas, ora qualitativa, ora quantitativa em determinado estudo, construiu-se uma pesquisa triangulada. Dessa forma, compreendeu-se que esse tipo de metodologia é uma técnica de pesquisa que faz uso de múltiplos métodos, ao se mensurar formas combinadas de estudo do comportamento humano.

Surtindo efeito de pesquisa multimetodológica, percebe-se que usar a triangulação em um estudo científico constitui uma arma relevante para evitar o ‘método único’, o qual pode ser contraposto, caso não haja uma amálgama coesa e coerente entre os procedimentos da pesquisa. Sendo assim, vale mensurar que a multimetodologia envolve uma variedade de

dados, de investigadores e de teorias, de tal forma que serão necessárias mais de uma metodologia para contextualizar e analisar os dados encontrados.

Assim como defendem Coen & Manion (1983), a pesquisa triangulada é relevante, uma vez que contrasta o fator vulnerável de uma abordagem única na leitura de determinado fenômeno social. Dessa forma, vemos que a triangulação está voltada para o planejamento das explicações científicas à luz de um rico e complexo comportamento humano, usando-se pontos de vistas distintos e mostrando o quanto esses podem ser antagônicos ou complementares.

Seguindo por tal caminho, observou-se que vantagens surgiriam ao se mensurar a pesquisa multimetodológica. Dentre os aspectos positivos, vemos que o pesquisador visualiza que os dados não se concretizam como meros artefatos de um método o grau de confiabilidade, portanto, surge, somente quando ao se analisar os dados, chega-se a resultados complementares. De forma menos oclusiva, a técnica de triangulação ajuda a superar o problema da limitação metodológica, a que Manion & Coen (1983) fazem referência. Para os autores, então, na hora de avaliar esta pesquisa, por exemplo, é necessário levantar hipóteses que caibam no arcabouço da ADC, compreendendo os textos como produtos interativos que fazem parte da vida social em meio ao capitalismo, mas também a pedagogia crítica seria complementar, uma vez que defenderá uma educação libertadora ao cativar nos alunos a sua ação cidadã e o compromisso social que lhe são pertinentes.

Denzin (1970) reorganiza a concepção de triangulação e a subdivide em seis tipos que serão importantes para as pesquisas sociais. Farei aqui uma explicação sucinta dos tipos de metodologia que se fazem necessárias nesta pesquisa. A **triangulação temporal** requer uma avaliação dos fatores de mudança e do processo, por meio de um exame transversal e longitudinal. O corte transversal conecta os dados de diferentes grupos em um mesmo tempo. Já o corte longitudinal coleta os dados de um mesmo grupo em diferentes momentos do tempo. Nessa perspectiva, compreende-se que a avaliação sincrônica e diacrônica faz parte da pesquisa, dando a ela um olhar mais produtivo dos eventos sociais como um processo, o que não nos deixa de considerar os efeitos das mudanças que constituem a vida social.

Neste estudo, compreendendo a relação temporal da pesquisa, coletei as redações de dois eventos de mesma relevância, com ressalvas do contexto de ação destes, o vestibular e o

exame de etapas distintas do Programa de Avaliação Seriada (PAS – UnB) da Universidade de Brasília. Tais coletas levaram em consideração espaços temporais distintos: o vestibular em anos diferentes, em períodos distintos, como o vestibular em julho e em janeiro, fatores que retêm candidatos mais plurais. Já a prova de redação do PAS tem uma faixa etária definida, com níveis de abrangência diferenciadas, entre outros aspectos que enriquecem a pesquisa. Sintetizando, para fazer a triangulação temporal, coletei redações de um mesmo vestibular (recorte transversal), da mesma forma que tenho como dados do ‘corpora’ de vestibulares e provas do PAS em anos diferentes (recorte longitudinal).

Em um segundo plano, as pesquisas podem levar os investigadores para uma análise com uma **triangulação teórica**. Tal fase de multimetodologia permite que teorias alternativas sejam usadas e, assim, se vê o mesmo fenômeno e passamos a analisá-los sob diferentes recortes teóricos. Para um estudo em análise de discurso crítica, por exemplo, bebe-se de várias fontes, como a contribuição de Bakhtin sobre a intertextualidade e o conceito de polifonia; as ideologias e seus respectivos modos de operação de Thompson; as discussões do papel da escola, do professor e do aluno de Paulo Freire (1989, 1983, 2001).

Complementando essa perspectiva de análise, vislumbrei a **triangulação de pesquisador**, uma vez que um trabalho científico é delineado e imaginado por um pesquisador, mas atrelam-se às suas considerações, opiniões, ressalvas de outros pesquisadores, estes contribuem à medida que levantam hipóteses, questionam o modo de análise, todo esse caminho somente contribui para a pesquisa social. Segundo Denzin (1970), a pesquisa triangulada por pesquisadores ou investigadores tende a um uso cuidadoso de agentes observadores independentes, o que leva a dados mais válidos e fiéis ao que se propõe examinar. Smith (apud Denzin, 1970, p. 259) avalia que “investigadores com diferentes perspectivas podem ajudar a averiguar se há divergência nos dados coletados por cada um”. Dessa forma, se forem percebidas divergências, há espaço para examinar o que foi tendencioso na pesquisa.

De modo congruente para a pesquisa multimetodológica, é necessário avaliar a **triangulação espacial** em que se superam as limitações dentro de uma cultura ou subcultura para examinar o nível individual e outros, os quais integram o nível global. Para essa abordagem, sempre que possível, deve-se privilegiar estudos que combinem vários níveis de análise (individual, grupo, sociedade). Dois tipos de triangulação finalizam a classificação

metodológica de Denzin (1970): **níveis combinados de triangulação** ou **triangulação metodológica**. Estas duas classificações se coadunam à pesquisa aqui colocada em evidência. É preciso, durante a pesquisa social que se faz, usar mais de um nível de análise aos três básicos aspectos que constituem o estudo: nível individual, nível interativo (entre os grupos) e nível das coletividades (organizacional, cultural e societal). Já a triangulação metodológica trata do uso de uma mesma metodologia em diferentes ocasiões ou métodos diferenciados para um mesmo objeto de estudo. A triangulação metodológica consegue reiterar se a metodologia é confiável em um mesmo método ou se serão necessários outros olhares de análise.

A partir dessas considerações, compreendi, por exemplo, que é importante fazer caminhos diferentes na pesquisa para problematizar a questão de estudo. Ao se avaliarem os três objetos de estudo: textos de candidatos (na prova do vestibular e na prova do PAS), documentos reguladores e planilha de correção. É relevante avaliar que, por exemplo, até o ano de 2011, não acontecia a publicação de documentos reguladores, tampouco planilha de correção. Anteriormente, não se explicava o porquê de um aluno ser eliminado, havia somente no edital a indicação de três pontos em uma escala de zero a dez eram precisos para ser classificado no resto do certame. Em relação às provas de redação, examinam-se os textos dos candidatos, considerando aspectos da análise textual, como o uso dos modalizadores, os verbos de ação, as escolhas lexicais, as construções metafóricas, baseando-se na linguística textual; posteriormente, olhando para os eventos sociais, como a exclusão social, a resistência à hegemonia, intertextualidade manifesta, entre outros aspectos que constituem uma pesquisa social. Por isso, desenvolvi uma pesquisa no que concerne às múltiplas metodologias.

2.4. O Arcabouço da ADC

A Análise de Discurso Crítica constitui, conforme mencionado no Capítulo 1, um conjunto de considerações que se portam a construir um arcabouço teórico-metodológico de estudos e reflexões acerca da mudança social na vida moderna.

Assim sendo, Chouliaraki & Fairclough (1999), sob a releitura de Dias (2011), estabelecem que um caminho para a Análise de Discurso Crítica orientada textualmente passaria pela seguinte ordenação:

Quadro 2 - Arcabouço Teórico-Metodológico da ADC

Abordagem Teórico-Metodológica da ADC
1) Questão motivadora
2) Aprofundando a questão <ul style="list-style-type: none"> a) Análise da Conjuntura b) Análise do Discurso <ul style="list-style-type: none"> (i) Análise Interdiscursiva (ii) Análise Linguística c) Análise das Identidades
3) Definindo os principais desafios
4) Reconfigurando a questão
5) Refletindo sobre a análise

Fonte: Chouliaraki & Fairclough, 1999

A questão motivadora e a delimitação de problema da questão são apresentadas no Capítulo 1 e retomadas de modo sintético neste Capítulo ao mencionar as justificativas da dissertação e também como cheguei às questões de pesquisa para o conjunto de objetos que gerarão os dados.

O aprofundamento da questão de análise acontece em dois capítulos. Primeiro, a análise da conjuntura está no Capítulo 3, acompanhada de toda a explicação de como se situam o Ensino Médio, os vestibulares, a avaliação de textos, a caracterização de um ensino mais crítico e reflexivo, e como o capitalismo se articula com o contexto social e discursivo. Já as análises propriamente ditas, como a Análise do Discurso, a qual engloba o nível interdiscursivo e linguístico e a Análise das Identidades, aparecem no Capítulo 4, por meio das categorias analíticas, propostas por Fairclough (2003).

Os três últimos tópicos do arcabouço (a definição dos desafios, a reconfiguração da questão problematizadora e a reflexão sobre a análise) aparecem nos resultados da pesquisa e são sintetizadas e comentadas na conclusão do texto.

2.5. Estágios da Pesquisa

Conforme já situado anteriormente, esta pesquisa foi constituída por um estudo qualitativo e documental, levando em consideração a pesquisa triangulada como forma de análise de dados. O trabalho consistiu em três estágios básicos, totalmente articulados entre si e que reiteravam a noção de a vida social é permeada por diversos momentos, e que relações sociais, atividades materiais, fenômenos mentais e discursos a compõem como tal, consoante com a leitura do arcabouço teórico-metodológico da ADC (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Assim, explico nas próximas seções o percurso metodológico pelo qual a pesquisa em questão se submeteu.

2.5.1. Das justificativas e das questões de pesquisa

Durante a minha experiência docente, sobretudo em cursos pré-vestibulares e em Ensino Médio, sempre me inquietou a preocupação, em minha opinião, exagerada dos alunos ao produzir os textos que eram solicitados no processo de seleção pelo qual estavam passando. Como era possível que tantos alunos não passassem no vestibular por causa da prova de redação ou não tivessem segurança para produzir textos em tal exame? É incoerente ver um sistema educacional que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, prega um ensino igualitário, cidadão e crítico e os alunos, de fato, não se coadunam com esse preceito. Então, nos quatro anos de minha experiência profissional, percebia claramente que a escola ainda apregoava a correção de textos, levando em consideração apenas os aspectos gramaticais.

Sendo assim, os quatro cansativos anos de sala de aula me fizeram refletir sobre como o ambiente acadêmico valorizava, há muitos anos antes, a concepção de texto como um evento interativo, no qual expressamos o modo de ver o mundo, a relação com a realidade e a nossa própria experiência, amalgamada às nossas múltiplas identidades (no meu caso, um professor de língua portuguesa, um estudante de graduação, um cidadão reflexivo, um filho). Em outras palavras, a academia permitia que a interação verbal via-texto acontecesse, segundo as teorias de gênero e de letramento. Consequentemente, o conhecimento científico de linguística e outras do saber acadêmico me mostrava que, hoje, não existem fórmulas prontas no que diz respeito à produção de texto. Portanto, a primeira questão que me

inquietava bastante eram as discrepâncias entre o ensino de produção de textos em língua portuguesa, o vestibular da Universidade de Brasília e o conhecimento adquirido pelo aluno no ambiente acadêmico.

Contribuindo para tais questionamentos, um ponto que também me assustava era a maneira como as escolas e os próprios professores de língua portuguesa, sobretudo os colegas que tinham preocupações gramaticais excessivas, estabeleciam dogmas quase que irreparáveis para a construção da argumentação. Dessas características, caracterizava-se como erro, por exemplo, o uso da 1ª pessoa, a metaforização e o uso de ditos clichês argumentativos em conectores. Grande parte dessas orientações definidas pela prática docente desses professores me comprovava que a leitura eficiente e sugestiva do que o texto poderia refletir praticamente não existia ou era pouco considerada. Desse modo, como poderíamos ajudar nossos alunos a produzirem textos mais críticos, reflexivos e que propusessem soluções para problemas sociais cotidianos ou que mostrassem uma leitura mais madura sobre a realidade em que vivemos? Esta era mais uma questão que também me angustiava, uma vez que a exposição dessas questões no texto dissertativo poderia ser um divisor de águas entre um ensino eficiente em que a consciência linguística do aluno fosse trabalhada e, conseqüentemente, melhoraria a lógica identitária de forma que os argumentos seriam relevantes para a consolidação de uma opinião.

Levando em consideração os aspectos que a discussão até aqui colocou em evidência, percebe-se que cheguei a alguns questionamentos, os quais motivarão a elaboração das questões da pesquisa aqui descrita. São elas resumidas na tabela seguinte:

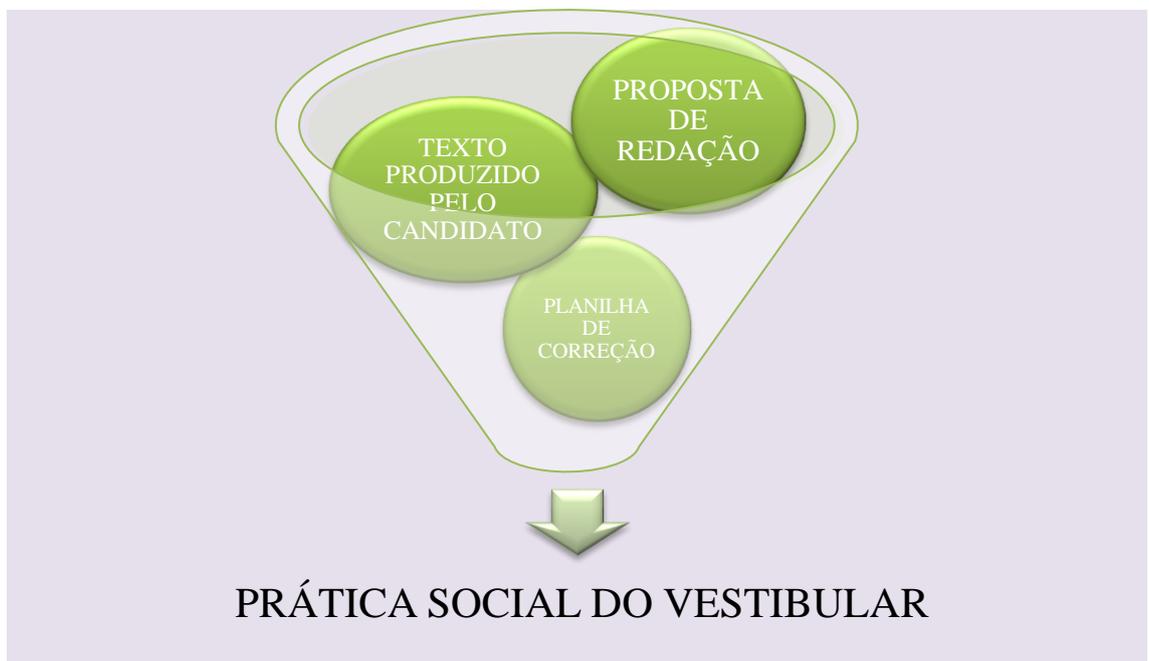
Tabela 2 – Questões de Pesquisa e Possíveis Problemas

QUESTÕES INQUIETANTES	POSSÍVEIS PROBLEMAS
Como se caracteriza o ensino de produção de textos em Língua Portuguesa?	O ensino é mais tradicional, centrado na concepção de língua como sistema de regras. A produção de textos é descontextualizada.
Quais são as orientações de professores, em geral, em relação à produção de texto dissertativo?	Os professores, em sua prática pedagógica, orientam os alunos a esconder a carga pessoal e identitária no texto.
Como a Universidade se comporta nessa relação entre escola e textos dissertativos?	A Universidade, nesse meio-termo, cobra um aluno mais crítico e reflexivo em relação ao mundo que vivemos.

Fonte: elaborado pelo autor da dissertação.

Por meio dessas questões, compreendo que há três objetos para serem examinados, pelo arcabouço da ADC: a proposta de redação, a própria redação do candidato e a planilha de correção.

Figura 3 – Objetos de Pesquisa na Prática Social do Vestibular.



Fonte: elaborado pelo autor da dissertação.

Assim sendo, o percurso metodológico permitiu que se criassem questões de pesquisa para cada objeto em questão e uma questão geral para todos juntos. Resumidas, são elas:

Tabela 3 – Questões de Pesquisa da Dissertação com foco nos Objetos de Pesquisa.

PROPOSTA DE REDAÇÃO	TEXTO PRODUZIDO PELO CANDIDATO	PLANILHA DE CORREÇÃO DO TEXTO
Quais concepções de língua e de texto são pressupostas em cada objeto escolhido para o <i>corpus</i> ?		
Quais perfis de candidatos a Universidade sugere como aptos à vida acadêmica?	Quais marcas de identidade que aparecem no texto do aluno e como elas contribuem para a argumentação?	Como a Universidade transforma em planilha de correção o perfil de aluno desejado?

Fonte: elaborado pelo autor da dissertação.

2.5.2. Da escolha dos objetos de análise e da construção do *corpus*

Conforme mencionado na seção anterior, os objetos de análise são três: a proposta de redação, o texto produzido pelo candidato e a planilha de correção do vestibular. Passo agora a explicar o porquê da escolha de cada objeto de análise e como se construiu o *corpus*.

O primeiro objeto escolhido, influenciado pela minha experiência acadêmica adquirida nas disciplinas de Análise de Discurso Crítica, na participação de congressos e programas de iniciação científica, na elaboração de trabalho final de curso, foi a proposta de redação. Escolhi tal objeto, uma vez que o considero como um gênero textual que revela uma série de habilidades necessárias a um aluno de ensino médio, antenado e atualizado em novas concepções de linguagem como um evento multifacetado e multimodal. Além da minha experiência acadêmica, no contexto profissional, eu já estava acostumado a avaliar o vestibular da Universidade de Brasília, e as suas diferentes partes, observando, por exemplo, a sua proposta de redação e a capa do caderno de questões. Então, para elaborar o projeto de mestrado, eu decidi que a proposta de redação do vestibular seria avaliada para compreender dois aspectos: quais são os conhecimentos de que um aluno precisa dispor e, na própria proposta, qual é o perfil (ou perfis) de aluno que é desejado e apto para o exame.

O objeto de análise escolhido em segundo lugar é o texto produzido pelo candidato no exame de seleção (vestibular e Programa de Avaliação Seriada). A escolha do texto do aluno seria natural para a comparação com o perfil analisado pela proposta. Para complementar o meu projeto em relação à linha de pesquisa da minha orientadora, seria necessário estudar marcas de identidade. Dessa maneira, portanto, o texto do aluno serve como um instrumento que está no intervalo do que a Universidade sugere e, ao mesmo tempo, exige na planilha de correção. O texto, então, além de um produto concreto do vestibular, constitui um documento importante e que, analisado, permite um recorte sobre as identidades, a construção de uma argumentação favorável ou contrária, defensora ou resistente a determinadas temáticas, demonstrando o quão social pode um texto se apresentar como.

E, por último, fechando os objetos de análise, tenho a planilha de correção, elaborada pela banca organizadora. Nesse sentido, esse objeto sugere uma rede de práticas sociais específicas e particulares, nas quais a função reguladora de um exame pressupõe a exclusão e a inclusão de sujeitos no espaço acadêmico. A planilha, além disso, também reflete um caráter linguístico e discurso idiossincráticos. Por ela, posso avaliar se a questão exige a elaboração de um texto em que um aluno se posiciona criticamente sobre dado assunto ou se o importante é o seguimento de modelos dados pela escola tradicional comum no contexto brasileiro atual. Nesse mesmo assunto, a planilha alimenta um caráter mais social ou mais gramatical do texto do aluno e naturalmente ela estará totalmente ligada à correção e às práticas particulares do vestibular e o significado que isso atribui à vida de um indivíduo.

Didaticamente, dividimos o corpus por três gêneros textuais – propostas de redação; textos de candidatos e planilhas de cada redação. Assim, o *corpus* foi constituído de dez textos de alunos matriculados na rede particular do Distrito Federal, em uma escola de Ensino Médio na cidade de Taguatinga. Nesse sentido, é importante considerar que todas as redações foram cedidas voluntariamente em sala de aula, logo após a minha explicação sobre o projeto. Além desses, também integram o *corpus* duas propostas de redação, uma referente à prova de redação do Programa de Avaliação Seriada e uma referente à prova de redação do vestibular tradicional, todas elas fizeram parte da seleção para vagas da Universidade de Brasília. Todas as provas de redação (propostas) em questão estão no intervalo temporal entre 2012 e 2013, por sugerirem um alinhamento mais atualizado com a minha prática docente em Ensino Médio, sobretudo com a 2ª e a 3ª séries. E, por último, comento, quando considero

coerente e necessário, as planilhas de correção, seus critérios e suas notas, todas cedidas no momento da explicação do trabalho em questão.

2.5.3. Do contexto da pesquisa e do acesso aos dados

A pesquisa, integrando o *corpus* de análise, está inscrita no contexto brasiliense em uma escola particular do Distrito Federal, situada na região administrativa (ou cidade-satélite) de Taguatinga. Optou-se por esta escola, uma vez que é o meu *locus* profissional e onde, de fato, consegui notoriedade em relação ao ensino de produção de textos em língua portuguesa, por meio de metodologias alternativas. Assim sendo, o caso de a escola se erguer em uma região de periferia, mas ser uma escola integrante da rede particular nos assegura a importância de estudos críticos que visem à transformação social. A escola em questão tem índices impressionantes de aprovação na Universidade de Brasília, com aproximadamente 40% de alunos selecionados, o que se torna relevante ao considerar a origem de classe média em ascensão, filhos de funcionários públicos, com casa própria e real classe C e D, conforme vem sendo apresentado pela mídia nos últimos anos.

Em relação ao *corpus*, escolheram-se as propostas de redação da Universidade de Brasília, por esta integrar o meu ponto de partida, tanto acadêmica, quanto profissional. Consoante o que já foi apresentado nas seções anteriores, muitas considerações foram feitas e conseguiram demonstrar que o vestibular da Universidade inquietava as minhas escolhas profissionais e influenciava a minha prática docente, de modo que uma pesquisa sobre as formas de seleção e suas particularidades podiam ser objetos de estudos críticos.

É válido também mencionar que o acesso ao *corpus* se deu durante as minhas aulas regulares na escola descrita anteriormente em projetos de reescrita de textos que visam aperfeiçoar a escrita dos alunos e a construção de uma identidade argumentativa sólida para a aprovação no vestibular. Os textos escolhidos, em um *corpus* inicial de 30 textos e planilhas, foram selecionados a partir de um recorte teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica, considerando-se a pesquisa documental, os preceitos qualitativos e a triangulação como metodologia. Todos os textos foram cedidos voluntariamente para os alunos. O acesso à pesquisa foi devida e anteriormente informado à instituição em questão e aprovado diante da explicação sintética dos objetivos, objetos, metodologias e interesses específicos na construção teórica e prática, com vistas à melhoria do ensino tanto social, quanto especificamente na escola na qual trabalho.

2.5.4. Das Análises

2.5.4.1. A Análise das Propostas de Redação

A análise das propostas de redação foi a primeira etapa da pesquisa, massa apresentei conjuntamente aos outros objetos de pesquisa no Capítulo 4, logo na primeira seção, na qual explico quais são as habilidades requeridas pelo vestibular e pelos textos multimodais que ali são elencados.

2.5.4.2. A Análise dos Textos e das Planilhas de Correção

Considerando-se as categorias analíticas específicas que se destacaram a partir da leitura das redações e da composição do *corpora*, a análise dos textos e das planilhas de correção constitui a segunda etapa da pesquisa e será apresentada no Capítulo 4, seguidos das orientações do arcabouço da ADC.

Neste capítulo, portanto, apresentei as características desta pesquisa, como a multiabordagem adotada durante o estudo, as justificativas das questões de pesquisa e as bases teóricas que subjazem à escolha metodológica, com foco na análise documental, qualitativa com foco no arcabouço da Análise de Discurso Crítica.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DA CONJUNTURA DA PESQUISA

O vestibular como prática social: do contexto ao papel da educação transformadora

O vestibular, nesta pesquisa, é avaliado como uma prática social que enseja em sua realização concreta uma confluência de discursos, os quais merecem uma reflexão crítica, consoante direcionamento teórico, no bojo da ADC. Portanto, neste capítulo, me proponho a discutir uma série de informações tanto teóricas quanto práticas no cerne dessa questão de pesquisa. Assim, informo que, neste capítulo, elaboro a análise da conjuntura da pesquisa, etapa que constitui o início do aprofundamento da questão de pesquisa, mostrando como o vestibular, a produção de textos e o papel do professor no ensino da redação estão intimamente relacionados no contexto escolar.

Este capítulo está dividido em três seções básicas: a Seção 1 “*O Vestibular na História do Ensino Superior no Brasil*” foi conduzida como um texto informativo sobre o vestibular em um panorama histórico, o qual está intimamente ligado à inserção da Universidade no contexto brasileiro; a Seção 2 “*Discursos, Gêneros e Textos*” remete a discussões de total relevância para esta dissertação, uma vez que os discursos emanam dos textos, que estão estruturados genericamente e a Seção 3 “*Letramento Crítico: Leitura e Escrita*” apresenta considerações acerca da educação que se deseja na pós-modernidade, as concepções de língua, leitura e escrita como eventos sociais, sobretudo fruto da experiência escolar.

1. O Vestibular na História do Ensino Superior no Brasil

Situando a chegada da Universidade no Brasil, percebemos que esta surgiu em meio à segunda metade do século XIX, diante da união de vários institutos e faculdades específicos. Essas adesões surgiram como forma de satisfazer as necessidades de formação acadêmica das elites brasileiras que, antes desse período, entre 1600 e 1800, eram dependentes de universidades europeias. Nesse sentido, também é válido considerar que as Universidades brasileiras são distintas em diversos aspectos se as compararmos com as europeias, ou até as próprias latino-americanas. São bastante jovens, são fruto da necessidade de especialização em áreas gerais como medicina, engenharia e direito e estavam situadas, sobretudo, em regiões protagonistas do ponto de vista econômico.

Fundada em 1920, a Universidade do Rio de Janeiro instaurou uma série de condutas que fundamentaram o estabelecimento e a posterior manutenção do ensino superior no Brasil. Inicialmente as funções da Universidade se limitaram ao ensino e pouco se dedicaram à pesquisa e à investigação, algo que só se desenvolveu já no século XX. Sendo assim, uma real mudança ocorreu entre os anos de 1930 e 1964, a qual motivou a criação de 20 universidades nos principais polos brasileiros que detinham uma função clara: a orientação profissional.

Somente no final da década de 1960 e início de 1970, a Universidade e outras instituições de Ensino Superior se instauraram seguindo uma matriz pesquisadora indissociável do ensino e da extensão, padrão que é seguido até hoje, o qual se tornou símbolo de qualidade e possibilidade de ascensão econômica, desejada, portanto, por grande parte da população brasileira. É digna de explicitação também a discrepância que há entre as universidades públicas e privadas. Ao contrário da realidade de outros serviços públicos, as Universidades federais e estaduais hoje simbolizam o que há de moderno; em outras palavras, são o sonho da população em geral e a realidade da elite brasileira. Já as faculdades e os centros universitários, com a expansão do ensino superior, cresceram exponencialmente e a qualidade não seguiu em proporção, ressalvados os casos de universidades particulares de renome, como as Pontifícias Universidades.

Em poucas palavras, o percurso histórico do ensino superior no Brasil aconteceu em meio a diversas conturbações. Hoje, conforme já descrito, a Universidade pública é sinônimo de qualidade e produto de uma visão de educação para poucas e que tem evoluído de modo significativo. De fato, não se exclui aqui a questão da Universidade pública no Brasil também ter sofrido um longo processo nos últimos 15 anos de degradação e deterioração, com falta de instalações adequadas e uma estrutura acadêmica deficiente, além das extensas e lendárias greves e manifestações por melhorias, exigidas principalmente pelo grupo de docentes. No entanto, tais modificações influíram pouco nos discursos que imperam sobre a sociedade em geral. Há discursos que são reproduzidos no sentido que estudar em uma Universidade pública é um privilégio e ainda demonstram que a aprovação no vestibular é resultado de capacidades intelectuais superiores.

O outro ponto de convergência nesta dissertação é o acesso à educação superior, encaminhado a partir de exames vestibulares. A palavra vestibular, segundo o Dicionário

Aulete, refere-se à prova ou ao conjunto de provas usadas como forma de seleção de candidatos para o curso superior em um ambiente universitário. O primeiro vestibular que aconteceu no Brasil data de 1911, organizado por Rivadávia da Cunha Corrêa, então Ministro da Justiça e dos Negócios Interiores. Ele decidiu promover um exame classificatório para escolher os candidatos mais aptos a adentrarem nas universidades (faculdades e institutos, conforme mencionado nos primeiros parágrafos da seção). Anterior à prática do vestibular, as universidades aceitavam somente os alunos advindos de escolas tradicionais. Assim, diante do aumento significativo do número de candidatos às vagas das universidades, o vestibular tornou-se uma prática recorrente, a qual influenciava na vida escolar da população (FAIRCLOUGH, 2003, p. 20)

Os exames vestibulares, então, se consolidaram como uma forma de seleção, a qual variava de universidade para universidade. As provas eram constituídas de questões de línguas (portuguesa e estrangeiras) e ciências naturais (matemática, química, física, biologia). Além disso, as instituições definiam os dias de provas, se haveria ou não prova de redação, questões discursivas, questões objetivas de múltipla escolha, de julgamentos, de somatória. Todas essas características variam de acordo com a Universidade em questão. Vale, portanto, considerar que o vestibular constituiu nesse percurso histórico uma rede de eventos e práticas sociais que fazem parte da vida social, conforme defende Chouliaraki & Fairclough (1999). Para o aparato da ADC, compreendo o *vestibular* como um evento, o qual engendra, em sua prática, diferentes ordens discursivas como a educação e a economia.

Assim, Passos & Dias (2013) refletem que o vestibular, como é de conhecimento da população brasileira, tornou-se um passo decisivo para o crescimento intelectual e a formação profissional dos jovens. No Brasil, compreendendo a ineficácia na educação pública, sobretudo, nos últimos quarenta anos, é natural que se saiba que o ensino gratuito só é de qualidade e merecedor de respeito nas Universidades Federais. Como muito se fala, passar em uma Universidade “não é para todos”, segundo os discursos cotidianos. Daí se percebe a construção ideológica e opressora que as Universidades exercem sobre a sociedade e os sujeitos que estão no início do percurso acadêmico-profissional.

Desse modo, é importante observar que a Universidade, por manter padrões de excelência em pesquisa, ensino e extensão, se diferencia das outras instituições de ensino superior que também realizam tal preceito. Assim, na Universidade, não só se produz

conhecimento, mas também se reflete sobre o mundo, se problematiza e se criam possíveis formas de intervenção. Não é possível afirmar que as universidades particulares não façam isso, no entanto é com menos frequência ou sem retorno social. Desse modo, é de se esperar que a forma de ingresso às Universidades Federais também seja diferente e naturalmente exija de seus candidatos competências específicas, como a articulação linguística na produção textual, o conhecimento crítico acerca dos conteúdos indicados pela escola e a visão mais social da realidade em que vivemos. Tal competência se tornou objeto de desejo para muitos indivíduos, além de constituir um alicerce para a educação privada, tal como acontece em diversas escolas que preparam seus alunos, não em uma perspectiva pedagógica construtivista ou libertadora, seguindo a concepção acional e protagonista do cidadão do século XXI, mas somente os treinam, na perspectiva de adestramento do aluno/candidato, para dizer de forma mais clara, a realizar esta prova em dois dias.

Muitos conteúdos não fazem sentido e são somente a mera reprodução de um currículo defasado que coloca a memorização como resultado mais importante do ensino e não da educação efetiva e transformadora. O vestibular, portanto, é uma forma de acesso às Universidades que também condiz à exclusão social, assim entendemos sua força opressora tanto socialmente, quanto econômica, cultural e discursivamente.

Nesta dissertação, examinamos dois objetos de pesquisa distintos que constituem eventos sociais específicos para elencar discussões pertinentes às considerações sobre a Análise de Discurso Crítica. São eles o vestibular tradicional e a prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB).

A Universidade de Brasília, criada em 1962, idealizada por Darcy Ribeiro, teve o seu primeiro vestibular naquele mesmo ano, aprovando 413 alunos. Desde 1962, então, a Universidade tem um sistema de seleção complexo, sendo consideradas quatro formas básicas de ingresso: o vestibular tradicional, o Programa de Avaliação Seriada, a matrícula cortesia em casos diplomáticos e a seleção interna para portadores de diplomas.

O vestibular tradicional da Universidade de Brasília é elaborado pelo Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cespe/UnB) e ocorre duas vezes por ano (este dado condiz à época da realização desta pesquisa). Ocorre o vestibular em um fim de semana, sendo separadas três provas em dois dias distintos; no primeiro dia, os candidatos fazem as partes I

(língua estrangeira) e II (linguagens, com ciências humanas, sociais e artes) e a prova de redação em língua portuguesa; no segundo dia, há a parte III, constituída por prova de matemática, biologia, química e física.

Em 1996, a Universidade de Brasília criou outra forma alternativa de ingresso: o Programa de Avaliação Seriada (PAS). Estima-se que este programa fora idealizado em meados dos anos 1980, no entanto só se concretizou durante a gestão de Cristovam Buarque, hoje senador da República. Esse exame constitui uma prova de vestibular que ocorre progressivamente nos três anos do ensino médio para alunos regularmente matriculados, tanto na rede pública, quanto na rede privada.

Como é de se esperar, esse programa seriado passou por diversas modificações em seu rico e histórico caminho. Inicialmente, era constituído por grupos de questões com itens de julgamento de certo e errado e havia um grupo de questões discursivas a serem escritas entre 15 e 20 linhas. Depois, tornaram-se comuns as provas separadas por blocos, com humanas e exatas em dias diferentes. Mais à frente, as provas incluíram as disciplinas de artes e línguas estrangeiras. Logo após, houve a inserção de questões discursivas, as quais se chamam de tipo D e hoje também existe uma prova de redação em língua portuguesa, de caráter classificatório e eliminatório. É válido considerar que as medidas de eliminação, classificação e aprovação só são divulgadas ao final do triênio. Hoje, portanto, a prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS) acontece apenas em um dia, em cada etapa e é constituído por itens de julgamento de certo e errado, com fator de correção de que, a cada item errado, se anula um item correto (tipo A); itens de cálculo com resposta numérica (tipo B); itens de múltipla escolha com quatro alternativas (tipo C); itens de questões discursivas de até 10 linhas ou espaço delimitado para esquemas, desenhos, projetos (tipo D) e prova de redação em língua portuguesa, com valor de 10 pontos.

O sítio do Cespe/UnB⁵ considera informações que já fazem parte da realidade dos professores, no que diz respeito à influência que o ambiente e os eventos universitários têm sobre as práticas sociais e cotidianas.

⁵ <http://www.cespe.unb.br/>

Os sistemas de acesso à Universidade têm uma influência inegável no ensino médio, tanto no conteúdo ministrado quanto no seu enfoque epistemológico. Os vestibulares, tais como vêm sendo feitos na maior parte das instituições de ensino superior, têm privilegiado o adestramento, o ensino livresco, fragmentado, alienante e anacrônico, e a memorização mecânica. Aquela influência, entretanto, pode ser positiva se houver convergência entre o sistema de acesso e os objetivos próprios do ensino médio, como a formação da cidadania, a preparação geral para o trabalho e o desenvolvimento de competências e habilidades.

Não se trata de informações descontextualizadas ou que servem somente no contexto brasileiro. À luz do quadro tridimensional, proposto por Fairclough (1992, 1995), compreendemos que se trata de práticas sociais, de práticas discursivas e de práticas textuais que se inter-relacionam e demonstram como universidade, sociedade e escola são indissociáveis. Observando essas relevantes considerações, percebemos que a Universidade, como instituição de ensino superior, tem plena consciência da rede de práticas que ali são engendradas e ainda mais sabe do poder de transformação que lhe pode ser incubido. Abaixo, fazendo uma leitura do modelo tridimensional das práticas social, discursiva e textual, temos exemplos de situações relativas à prova do vestibular.

Figura 4 – Análise do Vestibular quanto ao Quadro Tridimensional do Discurso.



Fonte: elaborado pelo autor da dissertação com base em Fairclough, 1992.

Caso façamos uma avaliação do quadro anterior, todos os exemplos de elementos que constituem o vestibular não são avaliados de forma estanque. Trata-se do estabelecimento de

relações dialéticas e articuladas. Dessa forma, fazer o vestibular é uma prática social, da mesma forma que escrever uma redação para avaliá-lo também o é, mas gera um texto, um produto, concreto e palpável, no qual pode haver discursos emancipatórios, regulatórios, transformadores, hegemônicos e ideológicos.

A avaliação proposta pelo PAS é o acesso às vagas da Universidade por meio de um sistema contínuo que atende às principais exigências do aluno, ao serem consideradas a sua faixa etária, o seu desenvolvimento cognitivo e o seu relacionamento com o mundo. No sítio do Cespe/UnB, encontramos a seguinte passagem:

Com a Matriz de Objetos de Avaliação, o PAS objetiva, então, selecionar o aluno capaz de compreender, raciocinar, analisar e propor questões relevantes para a própria formação como cidadão e capaz de elaborar propostas de intervenção na realidade, com ética e cidadania, considerando a diversidade sociocultural como inerente à condição humana.

Em meio à modernidade, na qual se destaca a preocupação com a educação transdisciplinar, sabe-se que tais considerações também irão se destacar na realidade das universidades e suas respectivas formas de ingresso. Nesse sentido, a agenda do Programa de Avaliação Seriada também foi modificada: hoje a prova consiste em um exame multidisciplinar, com objetos de avaliação específicos e divulgados anteriormente. Aqui também vale refletir a natureza discursiva e cultural que uma avaliação de tal porte adquire na sociedade brasileira, uma vez que é uma porta de entrada relativamente alcançável, sobretudo para os cursos de maior concorrência, dada a não inclusão de todo o conteúdo de ensino médio e a sua possibilidade de recuperação de notas na etapa seguinte do processo.

3.2. Discursos, Gêneros e Textos

3.2.1. Discursos

A Análise de Discurso construiu-se em meio a uma inclusão significativa do conceito de “enunciação” e de “enunciado” dentro das ciências sociais, as quais passaram a também direcionar um olhar linguístico em suas respectivas análises. Então, a concepção de que o discurso é a palavra em uso surgiu e fundamentou a leitura de que o discurso extrapola a noção somente linguística, mas é também social, cultural e historicamente situada em um espaço definido. Ao conectar esses conceitos, chegamos à visão de que a frase é objeto da

esfera gramatical enquanto o discurso se fundamenta em um contexto histórico, social e cultural definidos.

Entre as décadas de 50 e 60, essas considerações se tornaram relevantes e foram a tônica dos estudos do discurso a que se chamou de escola francesa, a qual tinha como base a produção científica de Foucault, a contribuição do interacionismo de Bakhtin e o desenvolvimento da Análise de Discurso de Pêcheux.

Fairclough (1999), baseando-se em Foucault, delimita que este estabelece o discurso em níveis abstratos e concretos. Assim, o conceito abstrato constitui “o domínio das declarações”, sendo elas afirmativas, negativas, imperativas, dentre outras e o concreto é contável (um ou mais discursos) dentro de um grupo de declarações ou dentro de práticas que governam esse grupo de declarações; em outras palavras, o conjunto das regras. Dessa forma, entende-se que as contribuições de Foucault (1984) preconizam a análise do domínio das declarações, sem significar uma análise textualmente orientada, o que faz surgir um olhar mais destacado para as regras que constituem os textos e os enunciados, ou seja, a própria prática social.

Desse modo, entendemos, a partir do conceito de Fairclough (2003, 124), que compreender o discurso como um dos entes que compõem a vida social, atrelado aos momentos como fenômenos mentais, processos e atividades materiais e que a integram como tal nos faz refletir também que, com discursos, agimos, representamos e nos identificamos no mundo. O discurso, então, sendo o precursor do estudo aqui recuperado, se torna um elemento da prática social, na qual nos envolvemos cotidianamente. Logo, o discurso reflete modos de AÇÃO, REPRESENTAÇÃO e IDENTIFICAÇÃO no mundo em que vivemos. Entendendo cada modo de articulação, vemos que a **ação** sugere como constituímos o mundo, estabelecemos nossas relações sociais, criamos nossas visões de mundo; a **representação** condiz aos paradigmas que elencam os agentes no mundo e a **identificação** constitui como nós, sujeitos, nos ligamos a perfis específicos na nossa realidade.

Nesse sentido, a simples sentença “vou passar no vestibular para ser alguém na vida”, bastante recorrente no universo brasileiro, está impregnada de uma série de avaliações, informações e considerações discursivas, que são socialmente construídas e discursivamente importantes de serem analisadas. Algumas considerações poderiam ser vistas, como, por

exemplo: “somente quem estuda vira alguém na vida”, “o vestibular distingue as pessoas e as divide em dois grupos, os com *status* e os sem”, “ser alguém significa estar em um grupo social, econômico e cultural específico, no qual ser financeiramente marginal é um problema que influi no acesso à informação, por exemplo”, “antes do vestibular, não existimos social”. Tais reflexões apenas corroboram o fato de o discurso constituir a vida social e também ser um dos elementos que se entremeiam em si mesmos.

A concepção do discurso como linguagem em uso será considerada como uma das interfaces com as outras seções da linguística crítica, em que se desenvolvem a análise de discurso, a sociolinguística, a pragmática, a análise da conversação, entre outras áreas que se desenvolvem paulatinamente. Em meio a esse discurso, percebe-se que a linguagem é vista como elemento funcional, dos quais nos dispomos para construir a vida social ou vida humana.

Em relação a essa construção, Schiffrin (1997) se coaduna a estudos desenvolvidos por especialistas da área para desenvolver a visão dialética da linguagem, ao se ater às concepções de discursos como Fairclough, Foucault, Brown e Yule. Verificamos que o paradigma funcionalista surge ao se expandir a concepção de ‘parole’, proposta por Saussure. Dessa forma, injeta-se na língua um componente social, identitário e constitutivo da realidade que faz os homens agirem e se reconstruírem a partir dele. A visão de discurso dentro dessa perspectiva realiza-se ao assumi-lo sendo independente da vida social, mas também constitutivo dela, portanto, sua análise se pressupõe como necessariamente interseccionando os significados ou sentidos, as suas atividades materiais e os sistemas externos à linguagem.

Em outra perspectiva, de modo complementar, é importante compreender que os discursos são representados socialmente de diversas formas, sendo elementos semióticos por excelência, desde a imagem ao conjunto gráfico/alfabético, cores, tamanhos de fontes, espessuras. Nas palavras de Chouliaraki & Fairclough (1999), “o conceito de discurso pode ser entendido em uma perspectiva particular de várias formas de semioses”.

3.2.2. *Textos*

É importante salientar que essa noção de linguagem em uso é vista em diversas áreas dos estudos linguísticos, tal como acontece na linguística de texto (ou linguística textual) em que se articulam o texto, discurso e o gênero, observando os eventos relacionados à construção e ao processamento das ideias elencadas no texto. Para a linguística textual (doravante LT), segundo Marcuschi (2009, p. 80), o texto é visto como um “sistema de conexões entre vários elementos”, sendo de natureza fonética, morfológica, semântica, sintática, pragmática, etc., o que, por sua vez, o constitui em uma “orientação de multissistemas”, isto é, nas palavras do autor, “envolve aspectos linguísticos, como não linguísticos, em seu processamento, tornando-se, então, “multimodal”.

Para o exame aqui sustentado, elege-se o texto como um elemento motivador de reflexões linguísticas, discursivas, sociais e multimodais. Marcuschi (2009, p. 80), logo, corroborando a ideia do texto como elemento multifacetado, afirma que “o texto é um evento interativo”. Para construí-lo, portanto, não se opera apenas um amontoado de regras, mas sim “um conjunto de sistemas ou subsistemas que permitem que as pessoas interajam por escrito ou pela fala, escolhendo e especificando sentidos mediante a linguagem que usam”. Ainda confirmando as ideias aqui selecionadas, Marcuschi (2009) recorre a Beaugrande (1997) que postula “ser essencial tomar o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. Então, observa-se que “as pessoas usam e partilham a língua tão bem precisamente porque ela é um sistema em constante interação com seus conhecimentos partilhados sobre o seu mundo e sua sociedade” (BEAUGRANDE 1997 *apud* MARCUSCHI, 2009).

Além dessas proposições, faz-se mais necessário observar a importância que a imagem tem adquirido na pós-modernidade para a construção de outros gêneros que se consolidam em meio à pós-modernidade. Vieira (2007, p. 9) expressa a consideração de que “os avanços e as mudanças nas comunicações transglobais exercem poder transformador nos eventos de escrita, alcançando principalmente o texto”. Isto significa dizer que as práticas de linguagem até metade do século passado debruçavam-se sobre uma cultura manuscrita, ou seja, um domínio do escrito. No contexto pós-moderno, as práticas discursivas se tornam multissemióticas e multimodais, conforme descrito no início das considerações ao se referir a

Marcuschi (2009) que remete o texto como um conjunto de multissistemas de construção de significado que se reforçam com o uso de outras modalidades. A pós-modernidade, conforme afirmava Vieira (2009, *apud* GIDENS, 1991), motivou transformações ideológicas no que concerne às preocupações com o tempo, o espaço e o modo de produzir significados, mediante o desenvolvimento de recursos tecnológicos. Comunicar-se no século XXI tornou-se cada vez mais dinâmico, rápido e objetivo. Portanto, novas habilidades são necessárias, a capacidade de compreender e promover a reflexão de um modo simples é preciso. Os agentes sociais fazem parte de contextos históricos, econômicos, profissionais em que a imagem é elemento delineador e significativo. Referências imagéticas se concretizam, se formam e se consolidam com intensidade no século XXI, o que significa dizer que tais características vão naturalmente ser encontradas na produção de textos de alunos universitários.

Vieira (2007, p. 9) corroborando a ideia anteriormente reproduzida afirma: “Ao texto pós-moderno acresce a necessidade de utilizar mais do que uma articulada composição de frases e de períodos. Necessita-se de imagens e até mesmo de sons e de movimentos (TV, cinema e internet), que se entrelaçam para construir os novos sentidos exigidos pelos textos contemporâneos”. Além disso, é válido considerar que Vieira (2007, p. 12) se debruça sobre as áreas de Semiótica Social, a qual também é arcabouço de Fairclough na Análise do Discurso Crítica. Além disso, compreendem-se as ideias em distintas formas de atividade social, tanto em fatores políticos, econômicas, intelectuais. Por isso, também considero aqui a importância das imagens, pois “elas não são imunes nem alheias à ideologia”. Essa concepção estabelece que os estudos dos textos também devem considerar a imagem, uma vez que “os semióticos sociais enfatizam a estruturação sistemática da imagem em uma sintaxe visual”. No entanto, preciso produzir algumas observações. A imagem não só concretiza um significado, reflete sentidos e emite sensações à mensagem produzida no construto textual, ela é a própria informação também. É necessário se desapegar da noção de imagem como elemento auxiliar, pois, na verdade, esta é integrante, faz parte do objetivo do texto e promove também sentidos autônomos. Em suma, “apenas o texto multissemiótico, por sua construção multimodal, consegue sintetizar as expressões de poder presentes na comunicação humana. A parte verbal representa a parte específica, não o componente principal. Isso equivale a dizer que o mundo da escrita, paulatinamente, está perdendo o espaço para outras formas semióticas de comunicação” (VIEIRA, 2007, p. 12).

3.2.3. Gêneros

Um dos assuntos mais relevantes e que potencializam discussões é o conceito e a abrangência dos gêneros textuais. Diversos renomados teóricos refletem em suas ancoragens específicas a relevância dos gêneros textuais ou gêneros discursivos. Motta-Roth e Kleiman, na linguística do letramento, Koch e Marcuschi, na linguística do texto, e Fairclough, na linguística do discurso, são exemplos de autores que consolidam essas discussões como importantes, cada qual com o seu foco inicial de área e pesquisa.

Nos estudos críticos do discurso, Fairclough (2003) aponta que os gêneros constituem modos de agir e interagir no curso da vida social em que estamos inseridos. A partir dessa concepção, compreendemos que nos ambientamos na abordagem escrita ou falada dos textos, o que nos distinguirão de modo efetivo e funcional. A linguagem é um elemento que constitui a realidade do ser humano, enquanto o discurso é um dos seus marcadores principais.

Fairclough (2003) propõe que as formas de ação, interação e representação em eventos sociais são delineadas pelas práticas sociais e ainda pelos modos como estão articulados. Dessa forma, os gêneros podem se organizar de modo abstrato, assim como mais próximo à realidade. A construção abstrata dos gêneros promove a criação de pré-gêneros, estes, portanto, ligados a sequências linguísticas básicas e constituidoras da realidade social do evento: narração, argumentação, descrição, conversação. Os gêneros mais situados, em uma perspectiva macro, desenvolvem atividades mais contornadas como entrevistas, bilhetes, cheques, pintura, filmes etc.

Marcuschi (2009) também considera a noção de tipo ou tipologia textual e propõe que estes dizem respeito aos recursos linguísticos utilizados para a composição dos gêneros, isto quer dizer que são características componenciais dos gêneros. Gêneros, por sua vez, são modos, maneiras, linguísticos de estruturar uma sociedade para que esta se firme e se concretize como tal. Além disso, a teoria de Fairclough nos faz ler que ainda existem os gêneros situados, que legitimam não só fenômenos mentais, mas também atividades materiais concretas e constituem uma rede particular de práticas, como uma pesquisa de doutorado, um vestibular, um concurso público.

De modo complementar, segundo a concepção postulada por Marcuschi (2009), um gênero textual consiste em um modo linguístico que uma sociedade utiliza para se constituir, organizar-se como sociedade. Portanto, os gêneros são representações sociais de forma de organizar a atuação social de um sujeito diante de um grupo social, ou comunidade de fala (ou escrita).

Conforme o pensamento de Marcuschi (2009), a sociedade selecionou modos de se organizar enquanto sociedade, isto é, por gêneros textuais. E diante da atualização dos gêneros, surgem outros gêneros. No entanto, a proposta de Marcuschi (2009) é que não há inovação total dos gêneros e sim a atualização frente à tecnologia. As novas formas de organização, ou seja, as mudanças linguísticas surgem para atender às demandas sociais. A carta é o exemplo mais nítido. É um gênero que exige polidez diante do interlocutor, um formato fixo, objetivo informativo etc. No entanto, com o advento da tecnologia transformou-se em outros gêneros como o e-mail, a correspondência eletrônica. Dentre as novas características, o e-mail dispensa data, tendo em vista de que na estrutura tecnológica da mídia, já há esta informação.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, segundo Rojo (2008), discutem e põem em xeque a relevância e como os gêneros discursivos deverão se articular em meio à didatização. A partir da leitura crítica da autora, chega-se à ideia de que os PCNs, na verdade, mostram influência direta com as teorias textuais, como a teoria bakhtianiana e o diálogo entre gênero e escola da Universidade de Genebra. Dentro dessa perspectiva teórica, há três elementos que irão circundar a constituição dos gêneros do discurso. São eles: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Estes elementos, na visão de Bakhtin, “estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de determinada esfera da comunicação” (ROJO, 2009, p. 93).

Dentro desse diálogo teórico, em consonância com o entendimento do que preveem os PCNs, percebe-se que o ensino de língua portuguesa deve privilegiar um espaço para as práticas de uso da linguagem, sejam elas concebidas em uma dimensão histórica. Dessa forma, para compreender os gêneros do discurso, em práticas sociais situadas, é necessário examinar, em outras palavras, as dimensões sociais, cognitivas e linguísticas contextualizadas em situações partilhadas de comunicação.

Nesse mesmo viés, mas colocando a escola como tônica de discussão, diversos autores produziram levantamentos que tinham como propósito perceber a relevância da produção de textos realizada na escola. Chegaram à conclusão de que: durante muito tempo o momento de produzir textos era a forma de reproduzir textos, somente. Isso significa dizer que não se pensava na recepção daqueles textos, não se imagina quem são os leitores, o referente, a compreensão da mensagem veiculada. Em grande parte, o texto era o seguir de um modelo, sem função social alguma, em linguagem predominantemente formal, produzido para somente um leitor ideal: o professor. Em outras palavras, a interação texto-sujeito não existia, uma vez que na correção o professor somente marca à caneta vermelha aquilo que não está conforme a gramática normativa, desconsidera o contexto de produção e impõe apenas sua visão de língua como sistema de regras, sem refletir sobre aquele tão complexo processo.

No entanto, diz-se, nos dias de hoje, que a prática pedagógica de diversas escolas brasileiras, mediadas pelos recursos tecnológicos e materiais didáticos, uma insurgência de gêneros textuais a serem trabalhados pela escola. Pensando dessa forma, Soares (1999) afirma que:

as propostas dos livros didáticos são adequadas às atividades realizadas em sala de aula. Além de apresentarem vários tipos de textos: literários, informativos e “práticos”, os livros adotados nas escolas consideradas propõem exercícios de reestruturação, reconstrução e refacção do texto, encarando este como o resultado de um processo, na perspectiva de que o sujeito produtor precisa se preocupar com as ideias, a organização, os elementos característicos do tipo de texto, a escolha de informações específicas, a adequação da linguagem ao destinatário e com a correção ortográfica e gramatical. (p. 24) Pensar a linguagem como aspecto puramente humano e que se concretiza a partir de diversos gêneros textuais é um dos desafios mais instigantes para o atual professor de língua portuguesa que deve, portanto, atualizar-se diante das necessidades dos avanços acadêmicos, assim como os exames vestibulares da grande parte das universidades brasileiras.

Articulando a teorias dos gêneros textuais, corroboradas por autores como Marcuschi, Motta-Roth, Rojo, percebe-se que, nos finais dos anos 1990 e início da década de 2000, a atualização dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugere a importância da língua como um dos elementos que constituem a vida social e são formadas por outras linguagens. Isso significa dizer que a linguagem é o elemento constitutivo da humanidade e se dá em

diferentes gêneros, o que supõe haver um estudo sistemático que vise à compreensão dessas formas relativamente estáveis e suas construções, amparado pela defesa dos PCNs que afirmam:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. PCNs (1999, p. 21)

Verifica-se, então, que o papel do professor de língua portuguesa, na contemporaneidade, em meio à grande infinidade de gêneros, estaria claramente relacionado à construção de oportunidades para a interação social e os efeitos dessa articulação entre tecnologia, linguagem e ação social. É necessário, portanto, levar à escola uma multiplicidade de gêneros textuais a fim de produzir uma reflexão linguística sobre a ação social, as linguagens, os contextos, entre outros elementos que farão parte da sistemática de produzir, ler, entender e vivenciar experiências textuais.

O ensino de língua portuguesa efetivamente deverá promover o reconhecimento dos diversos gêneros textuais, sua compreensão e produção para que, em um ponto de vista da cidadania protagonista, possa ajudar o aluno a constituir um sujeito social expressivo e mais atuante, conforme se espera na leitura dos PCNs. Portanto, o gênero é a questão, uma vez que ele concretiza a produção dos textos. Para Motta-Roth (2006, p.181), compreendemos os gêneros como uma simbiose de elementos linguísticos, portanto dos níveis constitutivos da linguagem como fonologia, morfologia, semântica, sintaxe, pragmática, discursiva, que irão repercutir em contextos recorrentes e sistemáticos da experiência humana, chegando ao compartilhamento social. Além disso, Motta- Roth (2006, p. 24) sistematiza a ideia de que gêneros são formas significativas de agir em conjunto, produzindo jogos de linguagem, ressaltando o aspecto cultural do gênero.

Corroborando tal efeito, Lôpo-Ramos (2007) sintetiza a proposição de diversos autores, compreendendo o gênero textual como uma maneira de agir em sociedade, mediada

por formas relativamente estáveis que incluem, em sua prática, uma visão sociocultural da linguagem e da ação social:

(Gêneros) são ações sociais linguísticas situadas em tipos particulares de contextos da comunidade. Neste sentido, o formato que eles assumem não é algo meramente estrutural: tem a ver com sua função sociocultural tanto no âmbito público, como no âmbito privado. Eles consolidam as práticas ao mesmo tempo em que constroem outras, daí a sua natureza estável, mas não imutável, mutável, mas não ininteligível, pois são usados em lugar e tempo determinados, social e historicamente situados.

Assim, articulando os aspectos percebidos até agora, em relação aos gêneros, novos textos, conclui-se, por ora, que os PCNs contribuíram de modo significativo para a construção de um modelo teórico e prático da situação da sala de aula ideal. Consoante a esse pensamento, é necessário fazer os alunos produzam textos, nas mais diversas possibilidades de gêneros, para aprimorar a competência linguística, discursiva, sociolinguística, textual, dentre outras.

3.3. A Pedagogia crítica e o professor como intelectual transformador

Nesta seção, eu reflito teórica e contextualmente junto à situação da escola de hoje em contraponto à de antigamente e demonstro quais são os pontos que se transformaram e os que ainda permanecem intactos. Além disso, os pressupostos teóricos que se dialogam são a pedagogia crítica, com as contribuições de Giroux (1999) e Gramsci (1968, 1989) e a função da leitura e da escrita na prática escolar e social, com as considerações de Fairclough (1999, 2003).

As considerações acerca da pedagogia crítica surgem em meio à década de 1980, junto à disseminação das ideias de que é importante considerar as experiências dos alunos a fim de promover o desenvolvimento de teorias educacionais no âmbito político e cultural. Então, é possível perceber que os educadores radicais viam a escola como uma reprodutora da ordem social, assim os alunos pouco contestam a lógica dominante, e, se o fazem, seria pela resistência.

Contra essa visão mais antiquada da educação, temos que a educação de hoje se reflete em meio a uma luta por modos de vidas particulares, específicos, muitas vezes, até identitário.

Assim, segundo Giroux (1999, p. 214), a educação faz parte da produção e da legitimação das formas e das subjetividades sociais, as quais se organizam e reproduzem relações de poder e assimetrias, fatores que demonstram a limitação do potencial humano no sentido positivo de capacitação individual e coletiva, em favorecimento daqueles que estão em intenso prestígio social.

As conjecturas observadas, então, tentam direcionar como é importante que o processo pedagógico seja tratado pelas teorias críticas. São consideradas, então, a reflexão de que é imprescindível a valorização de um processo de desconstrução ideológica de um texto à medida que apareçam paralela ou frente a isso as preocupações com os interesses políticos que estruturam as formas particulares do conhecimento. Giroux (1999) avalia que muitas teorias críticas e radicais não consideram que o processo pedagógico é uma forma de produção e de intercâmbio e troca cultural que vê o conhecimento como produzido, mediado, recusado, representado e transformado em objeto de poder nas lutas pela hegemonia, seja dentro da escola, seja fora dela. O ponto desta reflexão pode engendrar diversos exemplos visualizados na escola brasileira, a saber a desvalorização de algumas disciplinas em contraponto ao destaque de outras; a questão econômica sobrepujando os valores do próprio ambiente escolar; a mercadorização da escola, com instituições que se propõem ao ensino somente para o vestibular, outras que condicionam um discurso religioso, e ainda aquelas que se fundamentam em paradigmas alternativos e construtores de novas realidades sociais.

Aqui vale salientar quais são os pontos que se destacam no que diz respeito às características da pedagogia crítica. Consoante a leitura de Giroux (1999) e Gramsci, cabe à escola a promoção e a difusão dos conhecimentos sistematizados e acumulados historicamente com reflexões concretas, justificadas e inter-relacionadas com a realidade social; essa disseminação de conhecimentos deve se pautar nas capacidades de leitura e de escrita, assim como a formação científica, tecnológica, junto ao desenvolvimento cognitivo, os quais devem também proporcionar a inclusão social das camadas historicamente excluídas, por distintas questões, como econômica, cultural, religiosa, raciais, ou por limitações psicofisiológicas. Assim, o ensino deve ser um construto dialético, que promova a ação-reflexão-ação, sem se limitar ao senso comum, chegando ao conhecimento científico, por meio de reflexões dialógicas. Essa relação deve considerar o aluno como um sujeito social, apto à construção e desconstrução do conhecimento das sistematizações históricas aplicáveis às situações profissionais e cotidianas, sendo crítico, tomando decisões, fazendo escolhas que

motivem a criatividade, a comunicação, a responsabilidade de que o aprendizado é contínuo, progressivo e dinâmico, junto às mudanças sociais, com compromisso de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Em suma, Giroux (1999) reitera que a educação caminha sob uma situação de crise nos últimos vinte anos, fator que desestruturou, além de tudo, a própria construção docente como uma classe intelectual. A fragmentação, seguindo critérios sociais e econômicos, desmantelou a classe dos professores de modo que, para solucionar (ou apenas problematiza, em termos da ADC) o problema da educação, é necessário criar uma organização social e teórica para colocá-los no debate atual. Parece-nos uma visão reducionista, mas Giroux (1997) esclarece que:

Uma das maiores ameaças aos professores existentes e futuros nas escolas públicas é o desenvolvimento crescente de ideologias instrumentalistas que enfatizam uma abordagem tecnocrática para a preparação dos professores e também para a pedagogia de sala de aula. No cerne da atual ênfase nos fatores instrumentais e pragmáticos da vida escolar colocam-se diversas suposições pedagógicas importantes. Elas incluem: o apelo pela separação de concepção e execução; a padronização do conhecimento escolar com o interesse de administrá-lo e controlá-lo; e a desvalorização do trabalho crítico e intelectual de professores e estudantes pela primazia de considerações práticas.

Os comentários tecidos por Giroux (1997) apenas nos mostram mais uma vez como a educação contemporânea tem enfrentados desafios significativos, os quais têm relação com o restante das ordens dos discursos que nos atravessam. Assim, a desvalorização do professor explorada em diversas situações veiculadas pela mídia indica uma crise epistemológica muito mais abrangente que a linguagem desenvolvida pela Internet, e os discursos cotidianos expressam. Nesse sentido, é extremamente recorrente a visualização de casos em que a ação pedagógica de determinado professor foi questionada à luz de tradicionalismos que não acompanharam os estudos linguísticos de mais de meio século de avanço. No caso de Brasília, a discussão acerca das inadequações de um livro didático que expressava como a língua de um povo pode variar e se travestir em distintas situações contextuais. Os atravessamentos discursivos dessa situação colocaram em destaque a formação dos professores de língua portuguesa assim como questionaram a produção científica da linguística moderna, tudo isso por um descomprometimento da própria carreira jornalística com a divulgação do que se transmite nos principais veículos de informação. Além disso, esse fato tão ilustrativo apenas

reflete o poder que a língua exerce sob aqueles que lhe estão subordinadas, legitimando relações assimétricas de poder, que usam a língua como objeto de discriminação e não de emancipação social. Este exemplo foi citado com o propósito de salientar como a educação não tem cumprido o seu papel, segundo as correntes críticas do conhecimento.

As observações de Giroux (1997) em relação à escola nos mostram que este local é, antes de tudo, social, englobando critérios e acontecimentos culturais, econômicos e ideológicos. Essas considerações são relevantes à medida que demonstram a ineficiência do papel da escola como um local de aprendizagem teórica que visa à mudança social de acordo com as realidades das regiões onde de alocam. Assim, o trabalho do professor é eminentemente importante, haja vista que ele desenvolverá as pesquisas de caráter transformador, reflexivo e emancipador. É, pelo menos, isto que se espera de um professor do século XXI, uma vez que a situação do contexto de trabalho é distinta e gera ciclos viciosos que exigem apenas a técnica pedagógica reprodutora e não reflexiva, tampouco o trabalho político de um cidadão reflexivo e ativo em relação ao mundo em que vive.

Complementando essa visão, Giroux (1997) elucida a concepção de professor como intelectual transformador que “deve ser visto em termos dos interesses políticos e ideológicos que estruturam a natureza do discurso, relações sociais em sala de aula e valores que eles legitimam em sua atividade de ensino”. Nesta construção, o professor é responsável por discursos que emanem uma consciência linguística crítica que seja capaz de promover mudanças, por meio da manifestação diante de injustiças econômicas, culturais e políticas, seja dentro, seja fora do ambiente escolar. É papel do docente, então, prover ao aluno voz ativa e vez na transformação social diante de suas experiências pedagógicas; o aluno é visto como um agente político, crítico e emancipador capaz de estabelecer diálogos críticos, de se posicionar frente a situações ideológicas distintas e de se expressar em favor daqueles que precisam de auxílio e sofrem discriminação ou assujeitamento.

Outro expoente da pedagogia crítica é Antonio Gramsci que faz uma análise pormenorizada dos processos educacionais como parte de discursos em meio a hegemonia na pós-modernidade. Segundo Gramsci (1968), as culturas subordinadas podem criar espaços de resistência e de afirmação, caso haja luta entre a cultura popular contrário a um consentimento, assim haverá relações sociais em que os limites e as possibilidades dos

princípios pedagógicos capacitam e incapacitam grupos, reiterando algumas lutas e acomodando outras.

A escola, então, refere-se a um espaço social rico e que, hoje, passa uma crise, a qual abre espaço para uma prática pedagógica ligada intimamente às atividades econômicas, fator que implica negativamente a construção de uma pedagogia libertadora, transformadora e emancipadora conforme mencionei nos parágrafos anteriores. Gramsci (1989) sugere que um dos principais objetivos da escola é fugir deste padrão que encolhe o processo e não faz uma relação intrínseca e constituidora da realidade do aluno. Assim, é mais do que importante promover práticas pedagógicas que estimulem a ruptura com o senso comum. Para Gramsci (1989), o senso comum é um conjunto de informações ligadas a concepções e construções teóricas de pessoas que apenas absorvem ou assimilam acriticamente leituras de mundo, por isso é papel da escola suplantar essas considerações que são naturais àqueles que não puderam (ou não se estruturaram para) refletir esses assuntos. Além disso, esse movimento de ruptura com o senso comum vai significar, na prática, uma procura pelo bom senso, uma concepção crítica de que o conhecimento é partilhado e reconhecido enquanto mutável e possível de desvelar as condições de assimetria, as lutas hegemônicas com o propósito de problematizar tais questões.

Discursivamente falando, Gramsci (1968) reitera que, na escola, há muitas condições de entender como o poder e a política são conceitos intrincados entre si, mas não reduzidos a isso. Assim, o pensamento e o fazer escolares são sucintamente políticos na medida em que o homem é um ser social e duplamente objeto de alienação ou de superação desta, na perspectiva em que, diante do conhecimento, o homem não é mero sujeito passivo que apenas foi interpelado pelo poder a ele proposto, tampouco é um intelectual isolado que se omite da transformação ao construir postulados irrealis e utópicos. Em síntese, Gramsci (1968) revela, compreendendo a linguagem como não neutra, tampouco não atrelada à sociedade, que a hegemonia está fundamentada mais na proposta do consentimento, por meio de naturalizações, reificações, fragmentações (estratégias da ADC), e não pela coerção, esta hoje é simbólica e refrata a instabilidade dos fenômenos sociais, todos envolvidos numa situação de grupos dominantes, os quais injetam suas ideologias, até o momento em que são aproveitadas e posteriormente questionadas.

Mais relevante ainda é a consideração de Gramsci (1968) de que a escola é responsável por proporcionar aos alunos um preparo eficiente para a cidadania, conforme já foi mencionado nesta dissertação também por outros expoentes da ciência social crítica. Dessa forma, a escola tem uma finalidade mais que social, trata-se de um objetivo transformador, solidário, democrático, crítico e reflexivo que sintetiza um conjunto de aparelhos ideológicos que possam ser usados de forma que o aluno, e cidadão, assumam suas identidades, lute por sua autonomia e revele as assimetrias a que está exposto, promovendo a mudança social.

Dessa maneira, este capítulo serviu para a análise da conjuntura do contexto de pesquisa, refletindo sobre o papel do vestibular na história do Ensino Superior no Brasil, o que contribuiu, seja positiva para a valorização deste na sociedade, seja para a fusão de discursos contraditórios, opressores e desiguais sobre o acesso a esta situação social. Além disso, refleti sobre o conceito de gêneros como um modo de ação social, em formato relativamente estável com o poder de excluir, oprimir, contradizer, legitimar, ascender grupos e partes específicas da sociedade; a definição de textos como as representações concretas de discursos por meio de multimodalidades e a concepção de discursos como expressão da linguagem em uso, na prática social, com a referência a visões de mundo e de cultura. Ademais, também produzi reflexões sobre a educação libertadora e transformadora como uma alternativa de propor o caminho para as mudanças sociais quanto ao mundo em que vivemos, no intuito de minimizar os efeitos sociais que servem de subsídio para articular a linguagem, a sociedade e o vestibular.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DE DADOS DOCUMENTAIS

As categorias analíticas e o efeito discursivo do vestibular

Este capítulo se destina à apresentação das análises propriamente ditas dos textos que são objeto de pesquisa desta dissertação. Assim, as propostas de redação, os textos produzidos pelos candidatos e as planilhas de correção vinculadas aos textos são avaliados conjuntamente de modo a comprovar o quão imbrincadas estão essas práticas discursivas e sociais. Neste capítulo, teço as principais informações analíticas da pesquisa, constituindo, então a segunda parte do arcabouço que foi apresentado no Capítulo 2, no sentido de abarcar a Análise do Discurso, levando à Análise Interdiscursiva e à Análise Linguística, além da Análise das Identidades.

Considerar a produção e a recepção de um texto como critérios avaliativos que estarão em um exame de seleção supõe revelar aspectos que constituem a vida social, a qual é marcada por um conjunto de fatores como processos mentais, atividades materiais, relações sociais, tudo em volta de discursos, conforme a visão de Harvey, depois ancorada na leitura de Chouliaraki & Fairclough (1999). Nesse sentido, o vestibular tem, em seu cerne, diversas considerações que são apontadas como objeto de reflexão, de modo que as avaliações, as marcas de autoria, as competências exigidas pela Universidade, as habilidades requeridas são aspectos discursivos que podem influir realmente na construção da vida social, à medida que valores são demonstrados, atores sociais são apagados ou elucidados, posicionamentos são subjogados ou colocados em tônica.

Este capítulo é dividido em quatro partes, cada seção dedicada à categoria analítica específica, a qual foi escolhida diante das minhas inquietações que se dirigiam ora ao ofício de pesquisador, ora ao trabalho de professor de língua portuguesa com foco em redação. Sobre isso, a divisão pormenoriza, em sua primeira parte, como a “**metaforização**” foi usado para explicitar o ponto de vista do aluno/candidato. No segundo momento, discuti a relação entre a produção do texto engendrada em uma “**estrutura genérica**” específica e variável com a proposta de texto, apresentando, logo, o caráter atual e crítico que se vive quanto à produção de textos para universidades. No terceiro quadro, avalio como a “**modalidade**” é usada em favor do posicionamento e demonstro as equivalências e as discrepâncias quanto ao

ensino da prática de textos. E, no último ponto, apresento considerações acerca da “**avaliação**” que é considerada uma categoria de ligação explícita com a identidade do autor do texto.

Em todas as análises, as propostas de redação e as planilhas de correção são elencadas junto às produções de texto, uma vez que estas constituem o foco de minha pesquisa, enquanto as primeiras fazem parte do processo social e discursivo de tais atividades materiais. Além disso, é importante esclarecer que o objetivo do capítulo é evidenciar como as marcas de identidade pode contribuir para a leitura do texto como um candidato cidadão, crítico, reflexivo e articulado, mediante situações distintas, as quais são concretizadas por meio dos gêneros textuais.

1. Metaforização

Usar metáforas significa construir um raciocínio de substituição em que algo ocupa o lugar de outro ou exerce as funções de substituição, exemplificação e simbolização em determinado propósito. Assim, as metáforas são formas relevantes que fazer julgamentos, avaliações, deduções e sugestões como forma de nomear algo no mundo; nesse sentido, as metáforas são reflexo de cultura, ou seja, de um modo de ver, uma lente diante de nossas experiências, como, por exemplo, as metáforas que fazem parte do ideário cotidiano, refletindo papéis sociais protagonistas e antagonicos. Desse modo, chamar alguém de “piranha”, ou de “galinha”, refrata uma ideia negativa na sociedade brasileira, na qual imperam ainda relações assimétricas quanto ao desejo e à experiência sexual, de modo de que essa “cisca” em diferentes locais e aquela “abocanha”, “come” o que estiver por perto. Tais metáforas, portanto, são objeto de total importância para a compreensão e a revelação de preconceitos vividos pela sociedade nacional.

No caso desta dissertação, a escolha da metáfora como uma categoria analítica se fez por dois motivos. O primeiro, comum à prática de pesquisadores, surgiu diante das próprias análises preliminares dos textos dos alunos, mostrando, então, um lugar essencial na construção de um ponto de vista. O segundo ponto, por sua vez, consiste na consideração de que metáforas, expressões conotativas e ditados populares são rechaçados nas aulas de redação, uma vez que comprometem a impessoalidade do texto, fator que, segundo os diversos professores de português, demonstra forte carga subjetiva, prática que entra em

conflito com a valorização de um aluno crítico que pode lançar mão de diferentes recursos para a sua expressão linguística.

No caso da proposta de redação do 1º Vestibular de 2013, a Universidade de Brasília solicitou a elaboração de um texto expositivo-argumentativo que demonstrasse um posicionamento crítico acerca do tema delação premiada. Na proposta em questão, havia um conjunto de textos verbais, em diferentes estilos de composição, que versavam sobre o tema. Dentre os textos, destacavam-se (1) o trecho do conto de Machado de Assis que discutia por meio de um fato literário o arrependimento do “aproveitar-se de algo”, portanto, tocando em um dos pontos da proposta de redação por meio da interpretação de uma situação subjetiva, o que sugere a abstração como uma habilidade requerida em sua leitura; (2) o excerto do artigo de opinião de Thiago Bottino que discute como a sociedade brasileira e a jurisprudência lidam com a questão da delação, assim a defesa do autor é que, mesmo contribuindo para a resolução do problema, o criminoso continua a sê-lo e que ajudá-lo, minimizando sua pena, o Estado estará colocando em uma posição privilegiada, bonificando-o em seu crime – este trecho, por sua vez, já reflete uma opinião clara e bastante categórica por meio de linguagem objetiva e denotativa, fator que já condiciona a produção argumentativa dos candidatos; e (3) os dois trechos do texto literário *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles, no qual há as reflexões de que mostram como bajular um indivíduo para conseguir lucro é uma estratégia possível, mas indigna, à leitura do eu-lírico, o qual reflete e mostra como, em casos de injustiça, se atrelar à delação pode contribuir para minimizar os efeitos negativos de um possível erro da justiça. Essas considerações servem apenas para demonstrar como a proposta de redação é rica em diferentes gêneros, os quais fluem de textos opinativos atuais e acessíveis por veículos de grande circulação a textos literários em diferentes épocas e estilos, ambos comentando, discutindo e defendendo pontos distintos sobre a mesma situação-tema. Em suma, elaborar um texto expositivo-argumentativo permite a apropriação das ideias, a adição de pontos de vista, a leitura crítica dos pontos de modo articulado e linguisticamente situado nesse gênero discursivo específico. O enunciado da proposta diz:

Figura 5 – Recorte da Proposta de Redação do 1º Vestibular de 2013.

Os textos motivadores — de épocas e gêneros distintos — apresentam diferenças significativas no que se refere a elementos estruturais, mas mantêm certas semelhanças, que podem ser atribuídas aos elementos temáticos — denúncia, delação, traição —, que, inter-relacionados, remetem a uma trama, com características recorrentes no que se refere a comportamentos humanos envolvidos na delação, na traição. As ações intentadas trazem, de um lado, frustração, infortúnios, castigos e, de outro, vantagens, benefícios ou, mesmo, prêmios.

Com base nos textos motivadores, redija um texto expositivo-argumentativo a respeito das relações e dos comportamentos envolvidos na delação premiada. Em seu texto, explicita objetivamente sua opinião, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

- < sistema que caracteriza as trocas: o “toma lá dá cá” e suas consequências;
- < valores éticos envolvidos no acordo de delação premiada.

Caso apresente argumento, justificativa ou exemplo extraído dos textos motivadores, apresente a necessária referência.

Fonte: 1º Vestibular de 2013 – Cespe-UnB

Voltando ao campo da metáfora, passo aqui a considerar que essa estratégia argumentativa também pode se valer de expressões denotativas e ditos populares para expressar um conjunto de ideias. É isto que aconteceu com o texto do candidato V1. Este utiliza a metáfora “dedo duro”, que condiz àqueles que se dedicam a delatar outros, como uma forma de negar qualquer benefício que este pode gerar à sociedade. Já, em seu primeiro parágrafo, o candidato defende que:

Figura 6 – Recorte da Redação do Candidato V1 (1º e 2º Parágrafos)

Sempre achamos ruim ter um “dedo duro”, um “fofoqueiro” entre os amigos, porque confiamos nessas pessoas e a partir da hora que ela trai essa confiança, sem justificativa, deixa-se de ser amigo e às vezes se torna até mesmo para proteger, como seria o que *seria* feito?

Quando se pensa em delação premiada, o delator deve considerar duas coisas, se ele vai seguir a moral, que seria manter a confiança e a amizade dos comparsas, ficando calado, ou a ética, falando como foi, quem fez e contando os detalhes.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa

É interessante perceber que V1 defende que é negativo e que todos não querem ter um amigo, familiar, ente que seja “dedo duro” ou “fofoqueiro”. Já começo a análise a considerar que essa recuperação de termos da infância e/ou adolescência reflete uma visão menos preocupada com a formalidade e a erudição tão exigidas na hora de produzir textos oficiais em exames de seleção. Em uma prova de escola, em Ensino Médio ou em cursos pré-vestibulares, provavelmente seria apenas como impropriedade vocabular. No caso de V1, ao contrário, a estratégia serviu de maneira a comprovar que nós não vemos com bons olhos alguém que nos delate, pois, nesse contexto, a confiança é quebrada, um laço mais do que social, mas de empatia e de um contrato que pode demonstrar uma visão ética ou moral.

Nesse mesmo paradigma, V1 faz um paralelo entre o que é ética e o que é a moral, mostrando, então, um outro traço de originalidade quanto à sua argumentação. Para V1, ético é qualquer prática que não fira as relações sociais, formais e institucionais, já a moral está intimamente ligada aos laços afetivos (ligando-se à “honra” e à “confiança”, atributos usados no parágrafo posterior - 3º) que nós estabelecemos na nossa vida. Desse modo, vejo que a leitura de V1, a despeito dos deslizes gramaticais cometidos, demonstrou maturidade ao usar de um fato temático para propor uma reflexão acerca de nossa vida.

No fecho dessa análise, ponho à tona o fato que a redação de V1 alcançou nota máxima em critérios de macroestrutura, os quais revelam o olhar do conteúdo do texto. Ao ter esse posicionamento, é possível observar que V1 defendeu um ponto de vista, refletiu sobre o tema, propôs e recuperou situações correlatas a fim de sua aprovação. Finalizando tal ponto, é

de suma importância considerar que a metáfora do “dedo duro” é imprescindível ao texto, pois é ela que tem a função de iniciar as discussões e mostrar como o tema pode estar articulado com o nosso cotidiano e a nossa história de vida.

Outro dado que surgiu em meio à pesquisa foi a redação do candidato V2, o qual demonstra que:

Figura 7 – Recorte da Redação do Candidato V2 (1º Parágrafo)

“Dedo duro”. É assim que chamam um delator, um traíra que revelou informações sigilosas para as autoridades, visando ou não o benefício próprio. É evidente que ninguém gosta de um “dedo duro”, portanto o delator deve ter uma proteção para que os delatados não encontrem uma forma de se vingar. A delação premiada pode não ser eticamente correta em todos os casos, mas é um preço a se pagar, o custo-benefício é satisfatório, a vale a pena oferecer prêmios para delatores.

Fonte: *Corpus da Pesquisa*

Trata-se de um outro candidato que usou a metáfora de “dedo duro” para introduzir lembranças e outros contextos já vivenciados por nossa sociedade. A recuperação do tema, então, serve como uma forma de estabelecer “links” com a nossa realidade, fator que demonstra capacidade de abstrair do tema aspectos que nos circundam. Estando nesse contexto, V2 consegue expor uma opinião e mostrá-la como ela se fazer presente no mundo em que vivemos. Assim, o particular tornou-se social, aquilo que podia apenas fazer parte de uma lembrança pessoal de um candidato, de um caso específico durante a escola ou uma brincadeira inocente na rua de esconder um objeto de um outro colega, torna-se uma questão maior, haja vista a sua abrangência social, humana, permitindo ao candidato V2 refletir sobre o tema de forma cotidiana e abstrata ao mesmo tempo. V2, além de metaforizar a prática da delação premiada, ainda fragmenta, mostrando que, em alguns casos, isso pode ferir os preceitos éticos, mas que os benefícios podem ser mais valiosos.

Ainda assim, é latente que V2 é mais categórico e usa diversos recursos linguísticos metafóricos ou populares para expressar seu ponto de vista. Isso também acontece ao dizer que “vale a pena oferecer prêmios para delatores” e que “o delator deve ter uma proteção para

que os delatados não encontrem uma forma de se vingar”. Desta maneira, V2 expressa sua opinião, ou seja, é mais importante resolver os problemas e que, para isso, as diversas estratégias são possíveis e louváveis. Além disso, é importante considerar também relevante como as expressões nominais, constituindo o léxico gramatical, são esclarecedoras quanto à opinião do candidato de modo que os termos “proteção”, “eticamente”, “correto”, “preço” e “prêmio”, tanto na proposta, quanto na redação do candidato são usados e condicionam explicitamente as informações do posicionamento apresentado por ele.

Fazendo a transposição da análise quantitativa e qualitativa da planilha de redação, V2 também foi considerado como um texto com domínio da proposta e de argumentos coerentes com o tema, perdendo pontuação somente em questões de progressividade, a qual reflete uma necessidade maior de conexão entre os argumentos, o que também é percebido no parágrafo que discuti há pouco.

De modo complementar, passo sinteticamente a avaliar a proposta de redação do Programa de Avaliação Seriada – 2ª Etapa – Subprograma 2011. Esta avaliação de redação em língua portuguesa solicitava que os candidatos elaborassem uma carta de resposta ao leitor que lesse determinada reportagem acerca dos problemas ambientais. Por ora o que vale salientar é que esta carta deveria indicar como a criatividade pode ser vantajosa para a criação de alternativas viáveis ao manejo do meio ambiente.

A redação de P1 expressa que:

Figura 8 – Recorte da Redação do Candidato P1 (4º e 6º Parágrafos)

(...)

A natureza clama por socorro e, no entanto, o que se verifica são rios poluídos, desmatamento e falta de políticas públicas para a conservação de reservas ecológicas, principalmente no perímetro urbano. É grande a dificuldade em aliar progresso e preservação ambiental, porém, é de grande importância, já que não há progresso sem recursos naturais, estes que são finitos.

(...)

Portanto, é de grande importância a mobilização da sociedade em prol da preservação ambiental, seja participando ativamente de projetos socioambientais ou em pequenos atos do cotidiano como não jogar papel no chão das ruas. O planeta pede socorro, cabe a todos ajudá-lo.

(...)

Fonte: *Corpus* da Pesquisa

Nos momentos de análise e reanálise dos textos, tive diversos momentos de dúvidas que diziam respeito ao uso da metáfora nesta redação. O candidato P1 personifica a “natureza” e o “planeta” dando a eles características de agentes verbais. O fator que me fez alocar esses dois exemplos de dados na estratégia discursiva da metaforização é o confronto que vejo entre o “criminoso” da delação premiada como um ator que será privilegiado por uma ação e a “natureza” e o “planeta” agentes totalmente passivos em relação à ação antrópica. Os temas, distintos e com gêneros também diferentes, suscitaram argumentos que foram articulados pela mesma estratégia.

No texto de P1, o que prevalece é uma visão de que, diante das atrocidades cometidas pela ganância desenvolvimentista do homem, “o planeta pede socorro”, ou seja, apenas deseja, dramaticamente, um “cuidado” maior, assim como “a natureza clama”, isto é, solicita ajuda para “sofrer menos” com o descaso do ser humano. Tais exemplos servem como uma maneira de atenuar a carga orgânica do planeta e torná-la humana, de unificá-la aos sentimentos que nós sentimos. Em termos da ADC, seria uma estratégia marcar a identidade do candidato ao tornar esse problema com consequências semelhantes às quais estamos subordinados em nossas angústias diárias. Ao ver a planilha de correção, observei que a redação de P1 foi também considerada positiva, mas apenas na coerência da rede

argumentativa, fato que significa dizer que a banca foi mais rigorosa quanto às ideias discutidas pelo candidato.

Nesse sentido, saliento o caráter subjetivo da correção de textos em exames vestibulares da mesma forma que ocorre em escolas e cursos preparatórios. Tudo isso em favor de uma padronização que não desvalorize os critérios sociais aos quais os textos estão envolvidos. Destaco isso, pois, ao comparar os dois certames: um vestibular e um programa seriado, vejo que há incongruências, percebendo que, coerentemente, esse tem de levar em conta critérios como maturidade argumentativa e construção linguística e aquele já mais atrelado a alunos mais experientes ou com mais acúmulo de conhecimento, em que diversos têm somente essa preocupação, já com mais afinco, enquanto o primeiro constitui uma avaliação ao final do 2º Ano no Ensino Médio, tempo em que o aluno amadureceu bastante, mas ainda há muito o que aprender. Tais considerações ocorrem sobretudo em decorrência de, em textos com argumentos qualitativos menos expressivos, haver mais nota, caso comparemos com a avaliação de um aluno ainda estudante regular com mais qualidade e articulação linguística.

Em suma, finalizando esta seção, visualizo a importância da metáfora como um recurso argumentativo que pode fazer surgir reflexões relevantes para germinar a identidade dos leitores e produtores de textos. Nessa problemática, a construção de textos argumentativos requer uma expressão crítica sobre a realidade em questão, mostrando uma ligação com o mundo real e a própria construção crítica do autor. Como referência teórica, vemos que Fairclough (2003) reflete que, ao usar uma metáfora, revalidamos nossas experiências, demonstramos o que pensamos, julgamos ou elucidamos determinados valores. As metáforas, em todos os casos avaliados, contribuíram efetivamente para a elaboração desse raciocínio, mostrando, então, que, apesar de os discursos sobre produção de texto serem reducionistas, generalistas e pouco críticos, as bancas têm valorizado um candidato articulado, reflexivo, crítico e que consegue expressar-se em favor de uma ideia principal, abordando distintas estratégias.

2. Estrutura Genérica

Nesta seção, avalio como a estrutura genérica contribui para o fortalecimento de um texto com marcas efetivas de autoria. A segunda categoria analítica que emerge dos exames aqui estabelecidos é a estrutura genérica. Inicialmente, teço comentários acerca do conceito de gênero, estrutura genérica e cadeias de gêneros para posteriormente demonstrar como algumas redações pouco se preocupam com os gêneros formais do ensino da língua portuguesa, mas os entendem como gêneros acionais.

Fairclough (2003) revela que se convencionou chamar de gênero a macro-organização composicional de um texto situado contextualmente (temporal, cultural, histórico, geográfico) de modo que este é a materialização dos propósitos das atividades discursivas. Ao evidenciar que a vida social é marcada por três significados básicos, conforme já comentei nas seções anteriores, há o significado acional que se atrela ao conceito de gênero, o significado representacional que promove as relações dos discursos e o significado identificacional que se propõe a indicar que estilos partem para a nossa experiência.

Falando dessa maneira, cabe considerar que hoje, em meio à modernidade líquida e reflexiva, as formas de ação e de interação social são delimitadas pelas práticas sociais que se agrupam e se conectam em cadeias. Este é o caso do vestibular. Caso avaliemos discursivamente este evento, veremos que há uma rede de ações que estão encadeadas.

Figura 9: Cadeia de Gêneros e Práticas Sociais Vinculadas ao Vestibular.



Nesse sentido, é possível observar que o vestibular⁶ uma prática social relevante à vida de um estudante, daí a função de um trabalho que visualize as potencialidades e como esses exames de seleção podem refletir relações de poder, promover a criação de gêneros e estabelecer uma infinidade de textos. Como comentei no Capítulo 1, com as bases bibliográficas adequadas, vejo que as mudanças sociais e discursivas que integram o mundo moderno constituem transformações não somente nas práticas sociais, mas no modo como agimos, interagimos, nos identificamos e somos e nos representamos. Essas mudanças incluem os gêneros, como, por exemplo, o pagamento do vestibular pode gerar três gêneros distintos; pode ocorrer na forma convencional, na solicitação de isenção de taxa, na opção de ser treineiro (sem possibilidade de concorrer realmente às vagas), a cota racial, social e educacional.

As mudanças de gênero são, sob o olhar de Fairclough (2003), parte integrante da contextualização social das transformações da sociedade moderna. Assim, os gêneros “locais” são reduzidos a práticas mais específicas, como, numa escola, a produção de texto de alunos de 3º Ano do Ensino Médio quase se restringe à dissertação e aos outros gêneros argumentativos, como editorial, crônica argumentativa, artigo de opinião, comentário crítico. Tais pontos se tornam locais à medida que, em Brasília, o contexto educacional pouco sai da Universidade de Brasília, diferentemente de outras cidades como Goiânia, Tocantins e São Paulo que permitem maior variabilidade, pois há outra contextualização social.

Essa cadeia de eventos que foi mostrada na figura anterior alimenta uma rede amalgamada de ações, as quais se concretizam pelos gêneros, combinando, conectando os já existentes, da mesma forma que aconteceu com a carta e o e-mail. Um gênero tornou-se mais comum e ligado ao contexto das tecnologias da informação, enquanto o outro se transformou numa prática obsoleta ou num outro contexto mais institucional, como cartas de bancos, de concursos públicos e de avisos de órgãos em geral.

Fairclough (2003) ainda menciona que os eventos podem envolver uma rede de distintos textos e ligados a gêneros também diferentes. Aí cabe a inclusão da proposta de

⁶ Esta parte da dissertação se refere à análise da prática particular no arcabouço da ADC.

redação como escolha de análise nesta dissertação. Primeiro há uma cadeia de vários textos de diferentes naturezas, tais como poemas, letras de músicas, textos de enciclopédias, charges, obras de arte, textos técnicos, jurídicos, jornalísticos e verbetes, essa coletânea é um gênero que envolve uma cadeia de outros textos, exemplificando o meu posicionamento.

Para esta análise, coloco em pauta as redações dos candidatos P1, P2, P3, P4 e P5. Todas as redações são vinculadas à proposta explicada na seção anterior. A proposta de redação do Programa de Avaliação Seriada – Subprograma 2011 – 2ª Etapa, exigia a elaboração de uma carta. Destaco aqui que a proposta indica que o candidato deve promover uma visão com dois critérios básicos:

Figura 10 – Recorte da Proposta de Redação do Programa de Avaliação Seriada (PAS), Subprograma 2011 – 2ª Etapa

Considerando os textos acima como motivadores, coloque-se no lugar de leitor da revista em que foram publicadas a carta abaixo e a reportagem mencionada. Em resposta à carta do leitor, redija uma carta, de até 30 linhas, posicionando-se a respeito da informação nela mencionada e argumentando sobre a necessidade de as grandes cidades usarem a criatividade para assumirem suas responsabilidades com o meio ambiente. Sugira como devem ser vencidas as dificuldades ambientais trazidas pelo progresso. Ao final da carta, identifique-se como Maria ou João.

Fonte: PAS – 2ª Etapa-2011 – Cespe-UnB

A escolha desta proposta se deu à posição amadurecida assumida pela Universidade, ao meu ver, de compreender um gênero textual como uma forma de ação, na qual posso, como cidadão crítico e protagonista, reclamar, solicitar, sugerir. A proposta de redação não condicionou o texto do candidato a ser uma mera reprodução dos gêneros textuais ensinados na escola, uma vez que uma carta exigiria a delimitação de local e data, adicionados à direita; vocativo, paragrafado e seguido de vírgula; o corpo textual em que há apresentação do personagem fictício, arguição do ponto de vista e fechamento com soluções para o problema, respeitando hierarquia e grau de importância dos interlocutores; fecho com expressões da

redação oficial, ou atenciosa ou respeitosamente e assinatura, centralizada e seguida por ponto final.

Figura 11 – Recorte da Redação do Candidato P1 (1º, 2º, 3º, 7º e 8º Parágrafos)

Brasília, 3 de dezembro de 2012.

Senhores leitores,

É incômodo o quanto fatos, como o descrito em relação ao rio Iguaçu, no Paraná, que segundo foi exposto aqui nessa mesma revista por outro leitor, nasce e sai de Curitiba já poluído, ainda ocorrem com frequência e sem devida preocupação dos cidadãos.

A natureza clama por socorro e, no entanto, o que se verifica são rios poluídos, desmatamento e falta de políticas públicas para a conservação de reservas ecológicas, principalmente no perímetro urbano. É grande a dificuldade em aliar progresso e preservação ambiental, porém, é de grande importância, já que não há progresso sem recursos naturais, estes que são finitos.

(...)

Portanto, é de grande importância a mobilização da sociedade em prol da preservação ambiental, seja participando ativamente de projetos socioambientais ou em pequenos atos do cotidiano como não jogar papel no chão das ruas. O planeta pede socorro, cabe a todos ajudá-lo.

Atenciosamente,
Maria.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

Iniciando a análise, já percebo o respeito à proposta de redação. O vestibular exigia a elaboração de uma carta de resposta ao leitor de uma revista específica e foi, parcialmente, isto que o candidato P1 desenvolveu em seu texto. O candidato elaborou uma carta tradicional, com estrutura formal, na qual há argumentos referentes a como a cidade de Curitiba tem desenvolvido projetos alternativos de recuperação dos principais ambientais. Assim, é possível ver que a estrutura genérica usada pelo candidato P1 não tem total relação com o tema, haja vista que a solicitação é de um texto simples que se articula com uma rede de gêneros anteriores.

Essa construção nos evidencia que a proposta de redação elenca outros gêneros, como um artigo de revista, uma carta opinativa de leitor sobre o tal artigo e uma entrevista acerca do tema (esta integra a proposta de redação). Nessa perspectiva, a carta de resposta ao leitor é um gênero encadeado que responde pela articulação com outras situações. Além disso, faz-se necessário discutir aqui o gênero como uma forma de ação social sobre o mundo. Conforme Fairclough (1992), nós exercemos os papéis de sujeitos sociais à medida que o discurso previamente nos direciona para isso, o que significa que um candidato aqui deve promover reflexões críticas e propor soluções originais acerca do problema ambiental em questão. Assim, a ação social está imbrincada na efetivação do gênero (ou da cadeia de), de modo que o candidato P1 se mostrou diante de uma posição emergencial para que tenhamos mais consciência de nossa responsabilidade com o meio ambiente.

Nesta prova (a da carta de resposta ao leitor), um dos critérios de correção utilizado pela banca foi o de “Atendimento ao gênero carta de resposta ao leitor e respeito à estrutura formal”, o qual valia de 0 a 4 pontos, num universo de 10 pontos para a nota da redação. A redação do candidato P1 teve nota máxima nesse critério. Quanto à estrutura formal do gênero, observa-se que há as características que o restringem no rol das cartas, considerando que o único aspecto que poderia ser desconsiderado ou apenas na correção seria o uso da expressão de fechamento “Atenciosamente”, forma esta atrelada ao gênero mais panorâmico, numa perspectiva narrativa e informal, por exemplo.

Quanto às características demonstradas pelo candidato P1, assim como pela redação do candidato P2, ver a seguir, o gênero carta de resposta ao leitor iria contextualizar um jogo dialógico e interativo entre um leitor que parece ser assíduo, um texto base e outro texto resposta, como se fosse uma réplica, num jogo político. Nesse sentido, os pontos que considero e avalio como mais importantes se tratam de uma linguagem acessível e argumentativa, com vistas ao convencimento do ponto de vista, assim como o da expressão de interlocução com outros possíveis leitores nas mesmas condições de sujeitos sociais. A partir da expressão do vocativo “Senhores leitores”, na redação de P1, e “Prezado Senhor”, na redação de P2, vejo que os candidatos entenderam e conseguiram abstrair a situação de comunicação propriamente dita. Ademais, vejo nos textos em questão uma recuperação anafórica de ideias discutidas nos textos das propostas de redação. Esse fator contribui para a visão de que o texto feito candidato, além da função de parte de um exame de seleção, constitui também parte da vida social. O gênero e a estrutura genérica contribuem para marcar

as ações no mundo moderno e delimitam as posições de sujeito participante e responsável pela mudança, conforme se depreende do tema. A seguir a redação do candidato P2.⁷

Figura 12 – Recorte da Redação do Candidato P2 (1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º Parágrafos)

Prezado senhor,

Ao ler sua carta fiquei orgulhosa ao saber da eficiência do projeto que os produtores rurais do Paraná estão realizando. É ótimo que uma parcela da sociedade perceba a importância do meio ambiente e lute pela preservação dele.

Não só esses produtores, mas o país todo, *principalmente as grandes cidades* deveriam se mobilizar em prol do meio ambiente. O mundo se encontra em um contexto consumista e individualista e isso dificulta a percepção da importância da natureza para que o progresso possa acelerar e não retroceder. *Com a degradação do ambiente* o desenvolvimento se tornará insustentável, o que afetará a sociedade em geral, trazendo consequências irreparáveis, como a perda da biodiversidade, além de desastres ambientais, como por exemplo, enchentes e tornados.

Para que a nação não presencie acontecimentos tão trágicos é necessário que os *cidadãos* assumam a responsabilidade de promover um desenvolvimento sustentável que só será alcançado por meio de projetos e ações, patrocinados tanto por capital público quanto privado.

Todos devem ter a capacidade de perceber que o progresso precisa do meio ambiente e o ser humano precisa do progresso. O mundo assiste aos malefícios que a intervenção do homem no meio ambiente tem causado, que infelizmente são irreparáveis, mas é possível evitar que a situação piore e novas *catástrofes* ocorram.

Atenciosamente,

Maria.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa

Ao contrário da nota máxima atingida pelo candidato P1, a redação de P2 alcançou nota mediana quanto ao respeito ao gênero, ou seja, neste critério de que mencionei

⁷ Na reprodução dos textos dos candidatos, os termos em itálico condizem aos erros quanto à gramática normativa, apresentados pela banca como aspectos de microestrutura.

anteriormente. Assim, vale fazer uma leitura mais minuciosa acerca do texto do candidato para avaliar de modo menos imparcial.

Provavelmente, a marcação com menos nota se deve à progressão de ideias e a como os argumentos contribuem para a leitura do texto. Caso observemos o texto do candidato, há menos informações categóricas que vão consistir no ponto básico das cartas de revistas, nas quais os leitores, de fato, se mostram indignados, feridos, ofendidos quanto a alguma questão discutida nos contextos temporalmente definidos. A redação de P2 inviabiliza uma leitura mais eficiente acerca do tema, o texto é um conjunto de comentários pouco opinativos e menos ainda reflexivos, em termos de professores de redação, há argumentos clichês e lugares comum, os quais não valoram o texto como uma entidade de significado acional para um cidadão responsável e ciente de sua posição social.

Recuperando, dentro dessa visão, a concepção de Marcuschi (2005) de que um gênero textual também abre as portas para o controle social, econômico e cultural apenas ratifica o caráter imprescindível de que a função do texto deve ser ensinada aos alunos de Ensino Médio e Fundamental, assim como a todos os falantes de língua. Exemplos dessa prática são totalmente possíveis de serem visualizados, sobretudo no caso do vestibular e exame seriado que analisamos, tal como o texto que pode ser usado como uma forma de protesto, de elogio ou de simples expressão crítica, mesmo participando de um concurso/certame.

O corretor, representando a Universidade, assume uma posição de controle ao exercer o poder sobre o candidato, o qual será ou aprovado ou desclassificado por não dominar as regras básicas de compreensão crítica da realidade. O processo de correção, além de uma atividade material, é marcado por relações de ação, identificação e representação acerca de discursos, estilos e gêneros, assim o que é apenado, as características que levaram o corretor a atribuir notas baixas, as expressões lexicais, o conteúdo textual considerado fraco são formas palpáveis de ver o discurso na prática.

Traços que não contribuíram para que o candidato não recebesse nota máxima podem ter sido a não expressão de um ponto de vista, marcado pela 3ª pessoa, como no 3º parágrafo, em que o candidato relata que, para resolver o problema, os cidadãos, e não 'nós', devem assumir a responsabilidade, léxico gramatical que já minimiza o nosso controle sobre o

problema, dedicando a outras setores tal função. Vejamos a próxima redação, feita pelo candidato P3.

Figura 13 – Recorte da Redação do Candidato P3 (Texto Integral)

Curitiba, 2 de dezembro de 2012.

Senhores,

Sou moradora de Curitiba, formada em engenharia florestal e estou desenvolvendo alguns projetos sustentáveis, *afim* de melhorar a nossa qualidade de vida e termos mais *contado* com *areas* verdes.

Acredito que grande parte da culpa é do governo, haja *visto* que não elabora projetos de sustentabilidade, para *efitar* que o progresso prejudique a natureza da forma que vem prejudicando. Porém a culpa também é dos moradores, que jogam lixo no chão e que acabam parando nos rios.

Um dos meus projetos visa a *concientização* da população, que poderia ocorrer, através de propagar na televisão e não através de folhetos, evitando a poluição e o *disperdício* de papel. *Concientiza-los* da importância dos rios e da vegetação.

Depois do primeiro passo, o próximo seria o reflorestamento de áreas destruídas, principalmente perto do rio, pois faria com que este ficasse mais protegido tanto do próprio lixo quanto da grande *incidencia* do sol, *acabaria* que protegendo também o solo.

A população poderia participar, plantando mudas que poderiam ser distribuídas pelo governo. E o terceiro passo seria distribuir lixeiras por toda a cidade. *Fazendo uma cidade melhor e limpa.*

Atenciosamente,
Maria.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa

Na redação do candidato P3, volta-se à questão do uso da linguagem mais acessível e que demonstra mais empenho do produtor do texto com o gênero. Apesar de a nota do candidato P3, em critérios de argumentação ser baixa, assim como aconteceu com o candidato P2, o primeiro conseguiu realçar mais categoricamente a sua opinião acerca do tema.

Em relação a textos argumentativos, convencionou-se evitar o uso da 1ª pessoa, uma vez que essa estratégia poderia deixar explícito o candidato, sendo, então, critério de eliminação e/ou desclassificação em concursos diversos. No entanto, vemos o discurso como algo que integra a vida social e que diz muito sobre quem somos e que papéis exercemos no mundo, junto às nossas diversas identidades, no papel de cidadãos, professores, alunos, eleitores, pensadores, intelectuais, profissionais, com características latentes ou pouco expressivas e/ou aglutinadoras. Nesse sentido, a consideração que quero deixar explícita e categórica é a de que o gênero, mais do que qualquer característica de manuais de redação e estilo, é que vai direcionar o modo como a linguagem deve acontecer. Isso apenas colabora a ideia de que, se vamos produzir uma carta argumentativa, posso, sem problemas de gênero, escrever em 1ª pessoa, mostrando o meu ponto de vista de forma evidente e articulada; já, se formos criar um manifesto, é mais importante criar um texto mais simples e acessível para maior adesão, da mesma forma que a redação de vestibular deve estar ancorada nesta visão para se atrelar aos estudos mais modernos e menos opressores.

A produção de texto deve ser emancipadora e permitir também que se coloque em xeque preconceitos, relações assimétricas e formas opressoras de poder. Internalizada essa desconstrução dos gêneros argumentativos, mais facilmente será a efetivação de um país menos desigual e a favor das mudanças reais. Em relação a isso, Fairclough (2003) reitera que a agenda da ADC tem como um de seus compromissos a problematização de situações discursivas, em que uns tomam o poder e outros são marginalizados e oprimidos. A produção de texto em um vestibular tem o mesmo caráter.

Chegando ao derradeiro dado desta seção, vejamos a redação de P4. O candidato inicia o seu texto por meio de uma interação mediada entre a possível e fictícia autora e o texto disponibilizado pela revista. Nesse sentido, compreendo que há os elementos que constituem o gênero carta convencional, a despeito das características linguísticas, como o uso de pronomes de tratamento como em “Vossa Senhoria”, esse respeito também é visto positivamente pela associação entre o gênero e a sua configuração pessoal e cenicamente marcada. No caso da redação de P4, a leitora que responde é uma estudante que pede as informações para criar projetos análogos ao desenvolvido no Rio Iguaçu, junto às comunidades rurais do Paraná. A seguir, está a redação de P4.

Figura 14 – Recorte da Redação do Candidato P4 (1º, 2º, 4º, 3º, 5º, 7º e 8º Parágrafos)

Brasília, 2 de dezembro de 2012.

Senhor leitor,

Me chamo Maria, sou estudante de uma escola particular do Distrito Federal e promotora de projetos sustentáveis, escrevo esta carta a fim de solicitar a Vossa Senhoria ajuda em relação as informações fornecidas em seu e-mail à Nota “Rios Reprovados”.

Como fora mencionado, nota-se que a Vossa Senhoria defende o trabalho feito pelos produtores rurais do Paraná, o que é justo, já que são eles que estão despoluindo o rio Iguaçu. O meu objetivo é assimilar o seu exemplo fornecido com meus projetos, porque *considerando que o mundo é de todos e que este deveria ser cuidado por todos*, não é isso que acontece, *na verdade* são poucos os que colaboram.

O motivo é simples: poluição. De acordo com a Revista Planeta de novembro de 2012, foram encontrados 50 mil fragmentos de plástico por quilômetro quadrado em quatro diferentes pontos do Oceano Antártico e no continente, o que foi inesperado para os pesquisadores, além da elevada quantidade de fibras sintéticas provenientes de resíduos de roupas lavadas em máquinas.

(...)

Atenciosamente,
Maria.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa

Compreendendo a proposta de redação como um gênero de ação social que reflete uma concepção de língua interativa, discursiva e cultural, consigo assegurar a resposta para a primeira questão de pesquisa que condiz à concepção de língua e de texto para a Universidade. Cada vez mais sociais, percebo as propostas de redação com um amadurecimento, ou seja, distanciando-se dos discursos e das práticas convencionais para o ensino e a produção de textos, sobretudo os argumentativos. Ao cobrar de um aluno a produção de uma carta de resposta ao leitor, a Universidade conseguiu cobrar um gênero social, eficaz e possível de ser vivenciado em nosso cotidiano. Muitos de nós lemos jornais e, em alguns casos, enviamos sugestões, reclamações e arguições acerca do que pensamos sobre

aqueles textos; assim, o gênero se concretiza e se mostra palpável e demonstra ser, além de um evento discursivo, uma atividade material.

Ao resumir as análises, compreendo a seguinte tabela que demonstra se o candidato percebeu o gênero requerido. Se isso aconteceu, ele se apropriou das características como linguagem mais interativa, interlocução definida, uso da 1ª pessoa como critério de afirmações categóricas e metafóricas, além do respeito à proposta de redação com a proposição de soluções. Dessa forma, chegamos à tabela seguinte.

Tabela 4 – Considerações da Categoria Estrutura Genérica – Abordagem Sinótica.

Candidato	Emissor	Uso da 1ª Pessoa	Proposição de Soluções	Nota de Gênero
P1	Não há	NÃO	Atos cotidianos, como “não jogar lixo”	Nota Máxima
P2	Não há	SIM	Responsabilidade do cidadão	Nota Mediana
P3	engenheira florestal	SIM	Reflorestamento, plantação de mudas e distribuição de lixeiras	Nota Máxima
P4	estudante de escola particular	SIM	Remuneração àqueles que não poluem	Nota Máxima

Fonte: elaborado pelo autor da dissertação.

Fairclough (2003) defende que textos não constituem somente os efeitos de estruturas linguísticas e das próprias ordens de discurso; eles também são efeitos de outras estruturas sociais, e de práticas sociais em todos os seus aspectos, sendo difícil a sua separação. O que quero dizer é que esses textos não são lidos apenas como textos linguísticos, mas também como termos que constituem parte de nossa vida. O vestibular, considerado como uma prática social, se envolve com a ordem do discurso educacional, mas também se atrela ao campo profissional e acadêmico, por exemplo, pois é essa articulação que nos faz entender tudo como um sistema conectado e potencialmente problemático.

Nessa temática, o candidato é mais um agente social que pode dominar, fazer parte do contexto de produção, ou ser marginalizado. Desse modo, a sua aprovação, conforme já mencionei, se instaura em uma ordem do discurso que faz atravessamentos diante de outras, como no caso da profissão a seguir, das experiências no ramo acadêmico, da relação espaço-temporal com os contextos a que se subordina. Assim, um aluno de ensino médio que passa em um vestibular conseguiu comprovar para o vestibular como é crítico, no caso da redação, pois suplantou o gênero tradicional para compreendê-lo como um gênero situado, o que irá se amalgamar à ideia da própria prática particular, no próprio sentido de um caso específico de produção, correção e recepção do texto elaborado.

Portanto, a categoria analítica da estrutura genérica contribuiu de forma significativa para a construção das marcas de identidade dos candidatos em seus textos e quanto mais categórico for o pensamento, menos lugar-comum for a argumentação, maior será a nota do candidato. Todas essas impulsões linguísticas e discursivas se contrapõem ao modo como os professores de português tendem a promover o ensino da produção de texto. Fairclough (1992, p. 123) manifesta a ideia de que as mudanças sociais ocorrem por problematizarem as convenções sociais no caso dos intérpretes e produtores de textos. Isso significa que a própria avaliação de textos e a concepção de gêneros como forma de ação social já é uma mudança discursiva que reflete transformações nas estruturas sociais do mundo moderno. Assim, observo que o ensino excludente da língua com excesso de regras condizendo aos tipos e aos gêneros textuais promoviam, em vez de excluir, a legitimação das relações assimétricas, potencializando lutas por poder, ou, simplesmente, no olhar do candidato, uma tentativa de mudar de vida.

3. *Modalidade*

A terceira categoria linguística que emergiu dos dados foi a modalidade e perceptivelmente deixa latente que o candidato tem um pensamento categórico ou que sua ideia foi sair pela tangência.

Ao avaliar esse conceito, interagimos com o pensamento de Fairclough (2003, p. 165) quando este menciona que a modalidade é vista como uma questão do modo, da maneira que os falantes se envolvem no momento de suas declarações, de suas perguntas e de suas ofertas, por exemplo. Logo, é possível avaliar os discursos que envolvem nas atividades materiais das

realizações dos textos, quando se compreende que o candidato usou de determinados aspectos linguísticos para expressar certezas, dimensionar suas dúvidas, mostrar possibilidades, demonstrar necessidades ou conceder permissões.

É ainda evidente que a modalidade trabalhada no texto, além de deixar explícito o grau de envolvimento do produtor do texto, nos mostra a formação das identidades do sujeito social, uma vez que, modalizando o discurso, nós damos tônica àquilo com que nos importamos, assim como rejeitamos informações que não nos dizem respeito. Desse modo, ao considerar que o processo de identificação está ligado mensuravelmente às atividades materiais e demonstra os discursos como um processo contínuo e possível de mudança, vemos que os três significados discursivos emanam na análise da modalidade, mesmo que, em primeiro plano, esteja amalgamada aos estilos.

Nessa perspectiva, a análise da modalidade nos faz demonstrar como os significados do discurso (ação, representação e identificação), por meio de suas consequências, gêneros, discursos e estilos, articulam-se dialeticamente, conforme é desenvolvido pelo arcabouço da ADC, na perspectiva de Fairclough (2003). Este mesmo autor desenvolve uma leitura crítica acerca da Gramática Sistêmico Funcional para mostrar que a modalidade revela o grau de comprometimento do sujeito social, por meio de posicionamentos menos categóricos e visões determinadas seja a favor, seja contra dada situação. Parafrazeando Fairclough (2001, p. 1999), a modalidade pode germinar do texto por verbos modais e os seus respectivos auxiliares, tempo verbal que indica a situação e a relevância da ação verbal destacada, os advérbios modalizadores, além de pronomes e estruturas indeterminadoras.

Paralelo a esta construção, Fairclough (2001, p. 200) também redireciona que as modalidades podem ser subjetivas, objetivas, epistêmicas e deônticas. A primeira classificação deixa evidente o grau de afinidade e comprometimento, a segunda apenas circunda e pouco expressa tais envolvimento, a terceira se liga ao envolvimento do sujeito com a verdade, sobretudo pelas apropriações e citações e a última dimensiona se o autor tem necessidades e obrigações que fazem parte do contexto de enunciação. Confirmando isso, vale ressaltar que a modalidade expressa valores, experiências, crenças quanto ao fato avaliado, de forma que há também o grau de afinidade e participação na interação em curso.

Passemos agora a avaliar as redações de P5 e P6, junto aos outros textos sobre os quais já tecemos comentários anteriormente. Para isso, nos textos em que já expressos nas seções anteriores, a reprodução apresentará apenas os excertos em destaque.

Destaco aqui que a modalidade, de fato, vai constituir um dos aspectos linguísticos mais contundentes quando se menciona a marca das identidades dos sujeitos nos textos. Falo isso pela observação de que o grau do envolvimento do candidato no gênero acional está intimamente relacionado à procura por sua identidade. Em exemplos simples, é mais fácil perceber na produção de textos de um candidato que quando ele modaliza o seu discurso, por uma lado, usando advérbios, como indubitavelmente, com certeza, certamente, sempre, nunca, há generalizações argumentativas, as quais podem contribuir positivamente para a expressão de um ponto de vista categórico; por outra perspectiva, o candidato que tenta sair pela tangente, se esmiúça de maneira complementar para não se integrar ao texto ou ao contexto requerido pelo exame em questão.

Passo a examinar o tema de redação do Programa de Avaliação Seriada, haja vista que o posicionamento do candidato se torna latente, portanto é natural que haja diversos exemplos de categorias que mostrem como os sujeitos se incluem na situação-problema.

Começando a análise pela redação do candidato P1, aquela que usa diversas metáforas e personificações, é possível compreender que o texto é praticamente todo escrito na 3ª pessoa. Vejamos os exemplos desse uso:

Tabela 5 – Excertos da Redação do Candidato P1

Excerto – Redação de P1
É incômodo o quanto fatos, (...), ainda ocorrem com frequência sem a preocupação dos cidadãos.
A natureza clama por socorro e, no entanto, o que se verifica são rios poluídos...
Por isso se faz necessário o uso da criatividade
É de grande importância a mobilização da sociedade...
Cabe a todos ajudá-lo.

Fonte: Corpus da Pesquisa.

Esse uso excessivo da 3ª pessoa pode significar duas atitudes básicas. Em primeiro lugar, o apego à impessoalidade, que, na verdade, constitui um mito à medida que um texto sempre explicita, em algum momento, discursos social e historicamente situados, mostrando que o ensino da produção de texto de professores tradicionais tende a dismantlar qualquer marcação que possa indicar a identidade do sujeito-autor. De modo complementar a essa visão, a segunda atitude reflete o grau de envolvimento que o candidato pode ter com a questão-problema, ou seja, como se trata de um problema da humanidade, ele deixa de se expressar em 1ª pessoa, pois consegue mostrar de forma mais simples que esse problema é da sociedade humana, enfim, não é ele o problema, mas o sistema de vida social de que participamos. Observo, por exemplo, que, em todos os casos destacados, há um reforço de que a sociedade tem um problema que precisa ser resolvido, solução esta que é de responsabilidade do cidadão, mas o candidato, nessa mesma posição, negligencia tal papel, importante e preponderante na prática discursiva e social.

Em contrapartida, as redações dos candidatos P3 e P4, assumindo uma personagem fictícia, criam outra estratégia argumentativa: o uso da 1ª pessoa. Vejamos os exemplos.

Tabela 6 – Excertos da Redação dos Candidatos P3 e P4.

Excertos – Redação de P3	Excertos – Redação de P4
Sou moradora de Curitiba (...) e estou desenvolvendo projetos sustentáveis...	Sou estudante de escola particular e promotora de eventos
Um dos meus projetos visa a “ conscientização ”	O meu objetivo é assimilar o seu exemplo fornecido.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

Essa caracterização dos verbos na 1ª pessoa condiciona o escritor do texto como uma participante efetivo daquela realidade. Portanto, há um engajamento com o texto, o que significa que o gênero possibilita uma reflexão diante de um problema. Assim, os candidatos têm mais liberdade quanto à ideia que vão proporcionar, o que indica que ali fazem parte de uma situação hipotética, fictícia, a qual, de certo modo, revela o grau de possibilidade de ação social. No que se refere à sugestão de soluções para o problema, é interessante perceber que os

candidatos optam por modalizar o discurso, uma vez que aí já não é mais sua alçada. Propor soluções é uma atividade, executá-las é outra totalmente diferente que abarca a outros setores sociais. Vejamos nos casos.

Tabela 7 – Excertos da Redação dos Candidatos P3.

Excertos – Redação de P3
Depois do primeiro passo, o próximo seria o reflorestamento (...), pois faria com que este ficasse mais protegido tanto do próprio lixo quanto da própria incidência do sol, acabaria que protegendo também o solo.
A população poderia participar , plantando mudas que poderiam ser distribuídas pelo governo.
E o terceiro passo seria distribuir lixeiras por toda a cidade.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

Lendo esses excertos, é possível perceber que as sugestões, naturalmente na 3ª pessoa do discurso, já condizem à outra esfera do caráter social do texto, conforme defendi no último parágrafo. Todas essas soluções, a despeito do caráter qualitativo delas, foram descritas no futuro do pretérito, tempo verbal que se caracteriza por condições possíveis de acontecer. Assim, o candidato não se inclui nesse rol de possibilidades, há, então, um envolvimento menos participativo, caso comparemos com as descrições das personagens criadas.

Nesse mesmo sentido, a redação do candidato P2 também se encaixa nesses moldes, mesmo que prefira tratar de outra estratégia quanto do uso do tempo verbal. Vejamos os exemplos.

Tabela 8 – Excertos da Redação do Candidato P2.

Excertos – Redação de P2
Para que a nação não presencie acontecimentos tão trágicos, é necessário que os cidadãos assumam a responsabilidade de promover um desenvolvimento sustentável que só será alcançado por meio de projetos e ações patrocinados tanto por capital público quanto privado.
Todos devem ter a capacidade de perceber que o progresso precisa do meio ambiente e o ser humano precisa do progresso.
Com a degradação do ambiente o desenvolvimento se tornará insustentável , o que afetará a sociedade.
O mundo assiste aos malefícios que a intervenção do homem no meio ambiente tem causado, que infelizmente são irreparáveis, mas é possível evitar que a situação piore e novas catástrofes ocorram.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

O posicionamento do candidato P2 é mais ativo, se considerarmos os aspectos linguísticos de seu texto. Desse modo, há diversas orações que se intercalam para propor soluções possíveis de minimizar o problema ambiental sobre o qual o texto fala; mas esse texto traz uma identidade bem mais participativa, mais coerente e mais reflexiva quanto ao futuro do planeta, mesmo que faça ressalvas. Esse pensamento mais categórico é dado pelo uso do futuro do presente, o qual gramaticalmente é marcado por ações que virão a acontecer em momento posterior, como nos casos “será alcançado” e “se tornará insustentável”. Ao mesmo tempo em que isso acontece, o texto revela um dado mais interessante: quebra-se o futuro com a necessidade de conscientização no presente. Então, o problema passa por uma condição de obrigação: “progresso preciso de meio ambiente” e “homem precisa do progresso”, da mesma forma que “todos devem ter”. Em poucas palavras, é perceptível que o candidato expressa suas ideias de modo claro e, categórica e discursivamente, chama a atenção para a conscientização social no que diz respeito aos problemas ambientais.

Passemos agora a avaliar mais duas redações acerca do mesmo tema e da mesma prova. São as redações, respectivamente, dos candidatos P5 e P6.

Figura 14 – Recorte da Redação do Candidato P5 (Texto Integral).

Brasília, 2 de dezembro de 2000.

Prezado leitor,

Nos felicitamos pela sua participação em nossa coletiva ainda mais, por saber que a humanidade, no que diz respeito à luta pela natureza, ainda supera a irracionalidade urbana da poluição.

Mas, infelizmente, essa conscientização concentra-se (como no seu exemplo) nas áreas rurais com o espaço cada vez menor, sendo substituído pelas que crescem em um ritmo admirável e, proporcionalmente a elas, a quantidade de lixo nas ruas, rios e oceanos.

A solução passa pelo termo “Desenvolvimento Sustentável”, no qual o progresso atual não põe em risco a vida das sociedades futuras (lembrando que o termo sociedade se refere necessariamente à espécie humana), estruturando-se no investimento em educação de modo que a população, como um todo, viva conscientemente voltada para uma menor degradação ambiental.

Respeitosamente,
Maria.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

O texto de P5 foi avaliado negativamente pela banca. Esta defendeu que o candidato não proporcionou: uma leitura eficiente do que foi solicitado pela proposta de redação, assim como não respeitou a estrutura formal do gênero; uma leitura com argumentos coerentes acerca da responsabilidade das grandes cidades e não apresentou soluções palpáveis de como vencer as dificuldades ambientais trazidas pelo progresso. De fato, fazendo uma leitura minuciosa dos aspectos comentados pelo candidato, percebemos alguns deslizes, como: há problemas de articulação de ideias, não há originalidade da argumentação, as soluções são pouco relevantes. Assim, é justificada e fundamentada a nota baixa do candidato (3,5 no universo de 10 pontos), mesmo que ele tenha feito um texto dialogando com a carta e a resposta ao leitor.

Fairclough (2003, p. 171) revela que o tipo de envolvimento de um autor também depende da interseção entre modalidade e outras categorias nas orações da mesma forma que

isso, por conseguinte, a forma como ele se identifica. Como estamos vendo nos exemplos, tais categorias incluem as funções do discurso e o modo gramatical, por exemplo, nas proposições feitas pelos candidatos.

Quanto à modalidade, o posicionamento, bastante elementar, pouco contribui para uma leitura crítica da realidade humana frente aos problemas ambientais. Vejamos os casos abaixo:

Tabela 9 – Excertos da Redação do Candidato P5.

Excertos – Redação de P5
Mas, infelizmente , essa conscientização concentração...
(lembrando que o termo sociedade se refere necessariamente à espécie humana)
como um todo, viva conscientemente voltada para uma menor degradação ambiental

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

Trago os três exemplos anteriores para demonstrar como, ao contrário do que imaginamos, o uso da categoria modalidade pode também não contribuir para o posicionamento do autor. Vejo a modalidade como o grau de envolvimento, aspecto, portanto, que integra a identidade do autor, o que, neste caso específico, apenas confundiu ainda mais o conjunto textual. No momento em que o candidato salienta algumas ideias, colocando-as de forma mais categórica, ele apenas incorre em mais erros de produção textual, as quais condizem à ruptura das estruturas sintáticas, aos jogos verbais sem a devida contextualização gramatical e à falta de paralelismo, por exemplo.

Como último dado para esta seção, reproduzo a redação de P6. Esta redação também foi avaliada de maneira negativa. Trago esses últimos dados para demonstrar que somente o posicionamento categórico não supera a importância do conteúdo dentro do texto. Como é de conhecimento, é comum que a Universidade de Brasília, por meio de seu vestibular e outros exames de seleção, valorize um raciocínio crítico em textos. Mas aqui faço a ressalva de que mais importante do que ser crítico é saber construir um texto de modo coeso e coerente, de modo que entendamos e articulemos aquilo com a realidade que nos circunda. Vejamos a redação do candidato P6.

Figura 15 – Recorte da Redação do Candidato P6 (Texto Integral)

Brasília, 2 de dezembro de 2012.

Me chamo Maria, tenho 46 anos, sou funcionária pública, moro na cidade de São Paulo nas proximidades do *rio tietê*. Venho por meio desta propor uma mudança, venho propor algo que aos poucos *venha mudar* a realidade que vivemos diariamente.

O rio tietê está totalmente poluído, há lixo para todos os lados, há escoamento de esgoto sem tratamento nenhum jogado diretamente no rio, o mau cheiro é tão desagradável que *causa náuseas*.

Mas do que adiantará eu agir sozinha numa tentativa ilusória de despoluição, sem o auxílio de nenhuma autoridade para tomar providências. As autoridades *por sua vez* não tomam providências porque sabemos que um mandato na presidência no máximo 8 anos, tempo insuficiente para a despoluição de um rio que precisaria de no mínimo meio século.

É preciso que haja conscientização vinda do povo, para que juntos venhamos a despoluir o que é nosso. E juntos termos a oportunidade de fazer diferente.

Atenciosamente,
Maria.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

A redação de P6, mais do que P5, consegue transmitir uma rede de informações relevantes acerca do tema, mas não obedece ao comando da prova, ou seja, não faz a articulação entre a sua opinião e a oferta de que existe responsabilidade das grandes cidades diante dos problemas ambientais historicamente carregados junto ao desenvolvimento econômico. Como estratégia argumentativa, o candidato usou de sequências descritivas para iniciar o seu texto, o que nos remete a uma contextualização com o gênero em questão.

Ao contrário das redações, o candidato P6 revela que o seu propósito é sugerir uma mudança de hábitos. Essa afirmativa é categórica, mas não se faz eficiente na medida em que não há uma solução real e há somente o padrão de solução que foi abordada pelas outras redações. Nesse ponto, sinto a necessidade de observar essa prática. Na atualidade, posições críticas bem fundamentadas estão cada vez mais difundidas pelo acesso à internet, mas

também concorrem com a total banalização da expressão do senso comum. Isso, em outras palavras, revela que quem consegue transmitir um ponto de vista segundo argumentos coerentes, sem que haja fundamentalismos, já sairá à frente em diversos exames de seleção.

Quanto às estratégias lançadas pelo candidato P6, é possível observar a seguinte tabela:

Tabela 10 – Considerações da Categoria Modalidade – Abordagem Sinótica.

Descrição	Uso da 1ª Pessoa	Modalidade
Maria – 46 anos, funcionária pública, SP	Venho propor uma mudança	“ É preciso que haja a conscientização”
Rio Tietê – poluído, causa náuseas	Não adianta eu agir sozinha	“De um rio que precisaria ”

Fonte: elaborado pelo autor da dissertação.

O candidato P6 relacionou em seu texto diversas estratégias argumentativas como uso da descrição como forma de introdução, assim como outros candidatos também fizeram, fator que mais uma vez significa vestir um personagem, para o qual há um exemplo de cidadão ativo, atuante diante dos problemas sociais e ambientais, como no caso da descrição da remetente da carta que tinha 46 anos, era funcionária pública e morava em São Paulo; também foi usada como argumento pela emissora a ideia do Rio Tietê, fator que tangencia a abordagem temática, talvez um dos aspectos que tenha feito o texto ser julgado como negativo.

Sob o ponto de vista linguístico, é notório que o uso da 1ª pessoa do discurso acompanha as estratégias argumentativas, se conectando articuladamente com a história de contextualização. Esse uso permite que a emissora se coloque de uma maneira ideal, o que sugere já a identidade daquilo que podemos nos tornar; isso reflete a ideia da proposição de mudança e do fato que sozinhos temos pouca força, mas estreitamos nossas relações a partir de mais diálogos. Ademais, a modalização do discurso também aparece de modo que a necessidade é apresentada como uma forma de fortalecer a carga dos verbos “precisar” e “necessitar”. É praticamente uma reivindicação muitíssimo importante, pois é ela quem define como o discurso será materializado. Em contraponto a essa categoria “da obrigação”, o

candidato P6 considera os verbos no pretérito imperfeito, uma vez que não nenhuma forma de confirmar que aquilo, de fato, vai acontecer. Como sendo um texto de publicação e correção, seria mais relevante até fazer o uso dessas categorias, mas segmentadas, por isso a importância dessas categorias.

A título de conclusão, destaco que o uso de aspectos linguísticos modalizadores foi de extrema relevância para a expressão do posicionamento dos candidatos. Nas redações de P1, P2, P3 e P4, a utilização de verbos modais, como os de possibilidade e de obrigação; a expressão de verbos no futuro do pretérito e no futuro do presente; a articulação com as expressões e os advérbios modais contribuiu para a argumentação dos candidatos haja vista a construção textual também bem feita. No caso das redações de P5 E P6, por sua vez, o uso de tais estratégias não contribui, pois, feita de forma inadequada e desarticulada, não propiciaram uma leitura integral do posicionamento dos candidatos. Assim, concluo que o uso de todas essas estratégias, conforme Fairclough (2003), indica como o sujeito social se vê no mundo e ainda demonstra se faz, ou não, parte dos problemas encontrados na modernidade; esse caráter apenas exemplifica o grau de envolvimento do candidato.

4. Avaliação

Segundo Fairclough (2003), as estruturas gramaticais usadas pelo sujeito servem para demonstrar quais vozes surgem e representam os discursos existentes naquele evento social. A avaliação, amalgamada a outras categorias de análise como a intertextualidade e a pressuposição, pode promover uma ligação rica entre o que, de fato, foi dito e como ali cabem discursos.

Nesse sentido, faço agora uma análise de como os recursos textuais dos candidatos são usados de modo a proporcionar a avaliação dos eventos discursivos. Seguindo o paradigma de análise de Fairclough, (2003, p. 171), a categoria "avaliação" será aqui usada em um sentido mais geral, pois não envolverei na análise somente a modalidade, mas também outros aspectos linguísticos como o uso de adjetivos, os advérbios, assim como as considerações mais ou menos implícitas. Assim, além da avaliação, estarei considerando os valores e a sua interrelação com os processos mentais e de transitividade.

A categoria da avaliação pode ter ainda algumas especificidades, conforme Fairclough (2003, p. 172): declarações de fato, previsões e declarações hipotéticas e avaliações com juízo de valor. Esses tipos já foram mencionadas na seção anterior, quando indicava a modalidade discursiva trabalhada pelo candidato, sobretudo no que diz respeito ao uso do tempo verbal (futuro do presente, no caso dos problemas e da responsabilidades do cidadão no mundo e futuro do pretérito, no caso das possibilidades de soluções, fatores em que não há certeza sobre sua ocorrência).

As declarações com juízo de valor são acompanhadas por verbos relacionais, as quais irão dimensionar a avaliação do candidato por meio de adjetivos, como é o caso de grande parte das redações, ou em sintagmas nominais. Da mesma forma, pressuposições, elipses e verbos também podem direcionar a avaliação de juízo de valor, pois demonstram, mesmo que implicitamente, a identidade do candidato no que se refere à identidade de ator social.

Quanto ao tema da delação premiada, por exemplo, no 1º vestibular de 2013, redações que avaliamos na primeira seção, vejamos as avaliações emitidas pelos candidatos V1 e V2.

Tabela 11 - Excertos da Redação do Candidato V1.

Excertos – Redação de V1
<i>Sempre</i> achamos <i>ruim</i> ter um “dedo duro”...
A partir da hora que ela <i>trai essa confiança</i> , sem justificativa, deixa-se de <i>ser amigo</i> e as vezes se torna até mesmo <i>um inimigo</i> .
Ele teria uma <i>honra</i> e seria uma <i>pessoa de confiança</i> , <i>porém</i> , iria ser preso.

Fonte: Corpus da Pesquisa.

No caso da redação de V1, é possível observar como os trechos em itálico revelam o posicionamento do candidato. É bastante perceptível a associação negativa “dedo duro”, categorizado como uma prática “ruim”, marcado ainda por um modalizador temporal, o qual torna a afirmação mais categórica ainda, por isso “sempre achamos ruim”. No exemplo posterior, o “dedo duro” é também relacionado com algo negativo, trata-se de uma pessoa “traidora”, que “não merece confiança”, pois se torna um “inimigo”. Depois disso, para se tornar uma “pessoa de confiança”, ele precisaria de mais “honra”, além de ser “preso” para corrigir o seu erro.

A visão do candidato V1 foi avaliada pela banca de modo positivo, com nota máxima. Assim, a banca reconheceu que o candidato demonstrou maturidade e uma linguagem simples para informar o seu posicionamento. Quero ainda ressaltar que, neste caso, a partir da análise da tipologia formal dissertação, portanto um pré-gênero, segundo Fairclough (2003), o candidato revelou ser apto para o exame de seleção, porque, de fato, exprimiu sua opinião acerca do tema, fator, que como discutimos anteriormente, não é assumido pelo ensino da redação, a qual, na verdade, solicita diversas estratégias de impessoalizar qualquer traço de identidade.

Fazendo, então, a inter-relação com as categorias trabalhadas nesta dissertação, a avaliação negativa foi usada pelo candidato de modo latente e contribuiu na leitura de sua opinião. Além disso, as marcas de identidade do sujeito se fizeram presentes por meio de adjetivos e substantivos valorativos, como “ruim”, “amigo”, “confiança” com declarações de juízo de valor, como defende Fairclough (2003, p. 171). Vejamos a redação de V2

Tabela 12 - Excertos da Redação do Candidato V2.

Excertos – Redação de V2
A delação premiada pode não ser eticamente correta em todos os casos.
Quando o prêmio é a diminuição da pena, a situação se complica ainda mais, uma vez que esse criminoso saia mais cedo da prisão e continue cometendo crimes.
É vantajoso diminuir a pena de um criminoso para tentar pegar outro?
É impossível exercer plenamente a justiça, pois caso o delator esteja realmente arrependido , não há sombra de dúvidas que a premiação e a diminuição da pena é justo .

Fonte: Corpus da Pesquisa.

Em primeiro lugar, no caso do segundo excerto da redação V2, seria até possível relacionar o que este candidato discute com a avaliação de “sem confiança” que o candidato V1 demonstra. Assim, o criminoso é categoricamente imutável, atitude subentendida na sentença, a partir da consideração de que, ao sair da prisão, ele continuará a cometer crimes. Esse caráter de imutabilidade se relacionaria com a visão da primeira redação, pois o

candidato V1 o avalia como não merecedor de confiança, um traidor que se torna inimigo, mais de uma pessoa, mas, sim, da sociedade.

O candidato V2 assumiu os tópicos que deviam ser discutidos com mais rigor, tanto que recuperou os próprios núcleos nominais no texto, aí surgem as marcas “eticamente” correta. Este fator apenas demonstra quanto a indicação dos temas e dos tópicos pode direcionar com mais eficiência o que o candidato pode demonstrar em seu texto.

O campo da avaliação é ligado ao conjunto de adjetivos, as construções verbais que gerariam estruturais com cargas de atributo e expressões adverbiais. Uma separação eficaz para os recursos de avaliação do caso seria:

Tabela 13 - Considerações da Categoria Avaliação – Abordagem Sinótica.

ADJETIVOS	EXPRESSÕES VERBAIS	EXPRESSÕES ADVERBIAIS
Vantajoso	se complica	eticamente
Arrependido	pode ser	Realmente
Justo	continuar cometendo	sem sombra de dúvidas

Fonte: elaborado pelo autor da dissertação.

Para explicar o quadro que apresentei anteriormente, vejo que o candidato separou o uso de adjetivos para dois objetos diferentes: o primeiro que é delação premiada, sendo associada a ideias positivas como “vantajosa”, “justa”, além do já expresso “correta” e o segundo que é o próprio delator que, caso se regenere, estará “arrependido”. Posteriormente, as expressões verbais quando ligadas ao delatar são marcadas por verbos de ação, como “continuar cometendo”, o caráter da imutabilidade, mas, por outro lado, o candidato menciona que também há a possibilidade de a delação ferir critérios éticos, como nos verbos “se complica” e no modalizador “pode ser”, trazendo possibilidades. Desse modo, vemos também que o candidato trouxe essas opiniões de modo categórico como em “realmente” e “sem sombra de dúvidas”, expressões nominais que indicam certeza, envolvimento efetivo com a verdade, com a opinião do candidato. Assim como o candidato V1, a redação de V2 tirou nota máxima na expressão argumentativa e opinativa. Vejamos a próxima redação.

Figura 16 - Recorte da Redação do Candidato V3 (Texto Integral)

Há certa polêmica sobre a validade da delação premiada. Ela ocorre quando um integrante de um grupo criminoso é preso. A fim de obter benefícios como redução de pena e, em alguns casos, a liberdade, ele relata informações sobre os crimes, *integrantes e localização* das quantias furtadas, por exemplo. Alguns afirmam que essa ajuda é necessária. Já outros não concordam, pois alegam que o ser humano envolvido é chantageado.

É comum nos meios midiáticos a exposição de notícias sobre formação de quadrilhas, tráfico de drogas e sequestros relâmpagos. Muitas vezes, esses criminosos confiam na ineficácia da Justiça para cometerem seus atos. Quando são detidos, um integrante acaba delatando o restante do grupo. Essa tática utilizada pela polícia é uma forma eficaz na prisão de todos os envolvidos em determinado caso. As pessoas que defendem a delação premiada aparentam não se importar com os benefícios que serão fornecidos ao delator e *sim*, com uma quantidade de bandidos nas ruas.

Em contrapartida, há quem diga que essa atitude é uma forma de manipular a natureza humana e transmitir sensação de impunidade. Isso ocorre porque o criminoso, ao perceber que sua situação não é favorável, procura formas de atenuar sua punição. Desse modo, valores como lealdade e ética são desvalorizados. Além do mais, há a possibilidade de vários bandidos do mesmo grupo apresentarem a vontade de cooperar. Assim, segundo as leis vigentes, todos seriam beneficiados e o caso não teria as punições devidas.

Portanto, apesar de tamanhas divergências entre os dois grupos, faz-se necessária a delação premiada. Esta deve ser incentivada pela polícia, pois constitui uma forma eficaz na prisão de criminosos. Com o crescente aumento de ações que visam o mal da sociedade, deve-se utilizar todos os meios cabíveis para a proteção da população. Infelizmente, valores como lealdade e ética terão de ser revistos. Porém, esse ainda é um preço pequeno a ser pago diante das incontáveis mortes que ocorrem na atualidade.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

A redação do candidato V3 tem diversos pontos que merecem atenção. Farei uma breve exposição dos seguintes aspectos: adequação à tipologia dissertativa; sequência argumentativa; coesão sequencial e adjetivação.

Quanto ao primeiro aspecto, quero ressaltar que o candidato foi avaliado com nota máxima, o que significa que abordou todos os critérios considerados relevantes à construção de um texto dissertativo expositivo-argumentativo acerca da temática delação premiada. Avalio que o texto deste candidato é um exemplo categórico de como o texto dissertativo, além de ser um pré-gênero, é ensinado nas metodologias mais tradicionais de produção de textos. Digo isso, uma vez que a redação deste candidato revela uma preocupação excessiva com a técnica. Vejo neste texto todos os discursos defendidos pelos professores mais conservadores, como o uso de um período de contextualização, que pouco informa acerca do posicionamento do candidato, posteriormente há uma definição de um dos núcleos nominais da proposta de redação, junto ao objetivo de sua prática. Também há no texto a estratégia do confronto de pontos de vista acerca do tema, com conectores e poucas expressões categóricas acerca da visão individual do candidato. Nesse sentido, revelo ainda que não sou contrário a essas práticas mais tecnicistas do ensino da produção de textos, considero-as bastante efetivas no que diz respeito a alunos com dificuldade, no entanto é mais relevante promover uma reflexão de que um contexto profícuo de textos argumentativos exige criatividade, leitura de mundo e construção gramatical e linguística. Trata-se de um conjunto, e não de uma ruptura com a técnica, apenas a associação desta com o prazer da escrita.

No segundo aspecto, a sequência argumentativa do candidato é simplesmente impecável, haja vista que ele expressa uma rede de informações coerentes com o tema, desenvolvendo-o de modo progressivo e contínuo. Observamos essas características pela utilização das ideias de que a delação pode promover pontos positivos e negativos. Os pontos positivos são mais importantes, usados como estratégia da polícia e de outros dispositivos investigativos, para que se proporcione mais justiça às questões sociais. Por outro lado, o candidato também demonstra qualitativamente ideias no campo abstrato de como a estratégia da delação premiada pode ser filosoficamente entendida. E, ao final, com menos categoria, seu posicionamento demonstrando visão do fato. Vale ressaltar aqui o terceiro aspecto que se destaca no texto que é a coesão sequencial. Esta é usada no texto de forma bastante diversificada, simplesmente a mais articulada das redações discutidas. A sequenciação do texto se dá por conectores como “em contrapartida”, marcando a contra-argumentação; “portanto” e “assim”, mostrando fechamento de ideias; “este”, “esse” em suas funções de referências anafóricas e anafóricas imediatas.

Quanto à avaliação, o candidato V3 a usa nos seguintes casos:

Tabela 14 - Excertos da Redação do Candidato V3.

Excertos – Redação V3
Portanto, apesar de tamanhas divergências entre os dois grupos, faz-se <i>necessária</i> a delação premiada.
Esta deve ser incentivada pela polícia, pois constitui uma forma <i>eficaz</i> na prisão de criminosos.
Porém, esse ainda é um preço <i>pequeno</i> a ser pago diante das incontáveis mortes que ocorrem na atualidade.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

Nesse aspecto, atento para a análise de como a avaliação da delação premiada é marcada de forma incisiva, por meio de adjetivos que demonstram os pontos positivos dessa estratégia de investigação. Logo, o candidato V3 demonstrou a sua leitura acerca desse tema, se posicionando em favor dessa prática, no entanto, também deixou expressa a ideia de que, pelo receio de mostrar sua identidade, o candidato tornou implícita a sua opinião. Quero exprimir ainda que essa obscuridão argumentativa, chamada de impessoalidade, imparcialidade e neutralidade é falsa e pouco valorizada pela banca em questão.

Em último lugar, destaco a redação do candidato V4 para finalizar este capítulo.

Figura 17 – Recorte da Redação do Candidato V4 (Texto Integral)

Quando se encontrada diante de uma situação em que a delação premiada pareça ser uma opção vantajosa, a justiça coloca em pauta valores morais *versus* a resolução de um crime. Fica em jogo a fidelidade do acusado para com seus comparsas, o correto cumprimento da lei, e outros detalhes que podem fazer com que esse tipo de delação que podem fazer com que esse tipo de delação seja visto como algo não politicamente correto pelos olhos da população.

Ao se estabelecer um acordo com o acusado, fica explícito o estímulo, o incentivo do *estado* à traição e a falta de caráter moral do cidadão, mas nada disso realmente importa na hora que se está investigando, a sede pela verdade e a necessidade de resolver o crime predominam e assim a justiça é feita por meio da traição.

Nessa troca de favores, fica em vista que, sim, realmente, ambas as partes saem ganhando, então como isso pode ser como algo ruim? Mas o criminoso que está disposto a denunciar seus parceiros realmente merece sair ganhando? Afinal de contas, ele ainda não é um criminoso? Facilitar a ação da polícia não deveria aliviá-lo na hora de seu julgamento ou beneficiá-lo de alguma outra forma, se crime continua tendo sido cometido e a vítima continua prejudicada, é nessa hora que o respeito com a população é exercido.

O homem passa por situações que envolvem fidelidade, caráter e respeito ao longo de toda a sua vida, e está sempre tentando tomar as decisões certas. Mas para que ele possa fazê-lo, se espelha em seus superiores, e por isso que o Estado é o encarregado de ser o modelo de caráter, um país governado por pessoas de respeito terá sempre uma população respeitável.

Fonte: *Corpus* da Pesquisa.

O texto do candidato V4 foi bastante produtivo no que se refere à argumentação e à organização de ideias. Em se tratando da linguagem dissertativa, o candidato V4 expressa suas ideias em 3ª pessoa, fator que explicita a impessoalidade como uma forma de minimizar qualquer identificação, além da manutenção de uma argumentação individual e pouco favorável ao posicionamento apresentado. Essa reflexão já foi apresentada para revelar que há

discursos que imperam sobre o ensino da produção de textos, por meio de gêneros, ou seja, o significado identificacional do discurso.

Quanto à categoria de avaliação, destaco na minha análise os seguintes aspectos.

Tabela 15 - Considerações da Categoria Avaliação – Abordagem Sinótica.

Excertos – Redação de V4	
Trecho	Estratégia Argumentativa
fica explícito o estímulo, o incentivo do <i>estado</i> à traição e a falta de caráter moral do cidadão.	Analogia – assim que a justiça se vale da delação premiada, ela incentiva a traição e a falta de moral.
o correto cumprimento da lei, e outros detalhes que podem fazer com que esse tipo de delação que podem fazer com que esse tipo de delação seja visto como algo não politicamente correto	Adjetivação – correto no sentido de adequado e apropriado. Modalidade – podem fazer no sentido de possibilidade.
Facilitar a ação da polícia não deveria aliviá-lo na hora de seu julgamento ou beneficiá-lo de alguma outra forma, (...) a vítima continua prejudicada .	Negação/Modalidade – não deveria no sentido de não poderia. Adjetivação – prejudicada no sentido de sofrer lesões.
O homem passa por situações que envolvem fidelidade, caráter e respeito ao longo de toda a sua vida, e está sempre tentando tomar as decisões certas .	Adjetivação – decisões certas no sentido de seguir a moral e a ética.

Fonte: elaborado pelo autor da dissertação.

A partir desta tabela sinótica, visualizo que a opinião do candidato V4 vincula-se à possibilidade de que a delação premiada constitui uma forma de burlar o sistema ético e legal da jurisprudência. Segundo o candidato, não é justo, tampouco aceitável tal estratégia, uma vez que, nesse tipo de situação, o prejudicado continua lesado; obviamente essa informação é

válida no contexto, mas não é de total veracidade, caso se avaliem os casos desse sistema de trocas.

A adjetivação usada pelo candidato revela que nós, enquanto cidadãos, devemos procurar seguir e exercer nossos papéis sociais de forma adequada, apropriada e parece estar implícito que quem está fora disso, na verdade, não contribui para a harmonia da vida social. No caso dos adjetivos, o candidato optou pelo uso de “certa”, “politicamente correto”, por exemplo. Mais do que isso, há no texto diversos exemplos de substantivos que se relacionam intimamente a atributos e qualidades, como “fidelidade”, “respeito” e “caráter”, todos esses nomes estão ligados às características que devem ser valorizadas na personalidade dos cidadãos.

Novamente, há a reflexão acerca da ética e da moral como pontos importantes para a discussão do tema em questão. Vale também observar que o uso de aspectos modalizadores também são utilizados no texto, como no caso das expressões “podem fazer sentido” e “deveria aliviá-lo”, ambos revelam o grau de comprometimento do autor que prefere avaliar as possibilidades como algo natural à ideia principal do texto. Nos dois casos, a modalização do discurso envolve uma das opções de leitura, seja positiva, seja negativa. Cabe ainda mencionar que o primeiro aspecto discutido pelo candidato é como existe uma relação intrínseca entre a delação premiada e o incentivo à prática da traição. Trata-se do posicionamento mais incisivo do candidato, no sentido de explorar categoricamente que a justiça, ao se valer dessa técnica, responde ilegal e amoralmente quanto à questão básica da manutenção da cidadania, objetivo principal desse setor da sociedade. Em último lugar, informo também que o texto do candidato V4 foi avaliado positivamente pela banca, atingindo nota máxima em todos os quesitos. Enfim, essa avaliação apenas reitera a análise que fizemos.

Neste capítulo, então, apresentei as categorias de análise textual, usadas e explicadas para determinar quais são os efeitos discursivos que fazem parte da prática social do vestibular. Pela leitura dos exemplos mencionados, orientei uma análise que demonstrou, à luz dos estudos de Fairclough (2003, p. 26), como os sentidos (ou significados) do discurso estão intimamente ligados à prática social, de modo que a representação, a ação e a identificação são elementos que se relacionam dialeticamente. No caso dos textos dos vestibulares, os candidatos representam discursos que podem proporcionar o controle sobre as

nossas atividades materiais (Significado Representacional – Discursos); além de agirem e interagirem com os outros, seja em relação de assistência, controle, domínio, subversão ou resistência (Significado Acional – Gêneros) e finalmente promovendo as visões mais subjetivas e individuais em cada leitura (Significado Identificacional – Estilo).

Na perspectiva das redações, os significados do discurso aparecem dialeticamente, mesmo que o foco da pesquisa seja a estruturação das identificações sociais. Nesse sentido, observei que os candidatos utilizam diversas categorias como formas de demonstrar seus posicionamentos acerca dos temas propostas. A redação serve como uma forma de agir sobre o mundo, no qual os candidatos exercem variadas funções sociais, como o participante de um concurso, o aluno de ensino médio, o participante da vida acadêmica, o cidadão protagonista, dentre outras possibilidades. O texto, então, é um objeto de pesquisa rico e demonstra como as nossas identidades integram nossas práticas sociais, além das práticas particulares.

Finalmente, visualizei que as categorias mesclavam novas e antigas formas de construir o significado, como a utilização de um gênero carta como forma de agir e propor soluções para problemas que podemos resolver, assim como vemos em um texto dissertativo expositivo-argumentativo para exprimir uma opinião acerca de um fato que integra o nosso cotidiano. A avaliação, a modalidade e a metaforização constituem formas eficientes de apresentar nossa leitura do mundo de maneira categórica e que, na maioria das vezes, isso é avaliado positivamente pela banca, desde que esteja coerentemente articulado.

REFLEXÕES FINAIS

Quanto às reflexões finais desta dissertação, apresento algumas considerações pertinentes que dizem respeito à relevância do processo de produção de textos como um evento social, delineado no vestibular de quaisquer que sejam as Universidades que os controlam. Nesta parte da dissertação, proponho-me a comentar as duas últimas partes do arcabouço da Análise de Discurso Crítica, de Chouliaraki & Fairclough (1999), ou seja, aqui explico as definições dos principais desafios, as reconfigurações das questões e as reflexões sobre as análises.

Do ponto de vista teórico, defendo que a Análise de Discurso Crítica se revela como uma área promissora dentro dos estudos críticos com base sociológica. Isso é perceptível ao mencionar que falta uma metodologia que abarque uma análise pautada na empiria científica para revelar os aspectos discursivos e puramente sociais que estão inclusos na produção e na recepção de textos. Defendo isto, pois vejo a ADC como um arcabouço teórico-metodológico que lança mão de estratégias científicas para a revelação de mazelas sociais, as quais dimensionam as relações assimétricas de poder, com inclusão de determinados grupos e exclusão de outros.

A partir desta análise, procurei revelar que os significados acionais, representacionais e identificacionais estão imbrincados nos processos sociais dos quais participamos, assim como Fairclough (2003) assevera. Na prática, constatei que a prática da produção de textos está ligada hoje ao conceito de gêneros (significado acional) como uma forma de ação sobre o mundo, mas, ao mesmo tempo, quando um texto é escrito, ele faz surgir ou se esconderem determinados discursos (significado representacional) seja num caráter de resistência, de legitimação ou de apagamento diante de situações sociais, da mesma maneira que o texto é levado, ora à expressão de identidades diversas mais preocupadas, ativas e cidadãs, ora uma construção da humanidade como passível de poucas mudanças (significado identificacional). Portanto, estilo, gêneros e discursos são relacionáveis entre si e a prática de produção de textos na escola deveria indicar um olhar mais crítico acerca dessas considerações. Pelo que pude perceber pelas análises aqui apresentadas, o ambiente universitário tem avançado na prática nesse sentido, pois, ao avaliar as redações dos candidatos, a Universidade não apenas fica no nível textual, mas faz do vestibular um evento social, no qual se observam, por

exemplo, os discursos, as identidades e os estilos como parte integrante da essência do homem pós-moderno.

Também pude perceber pela análise das propostas de redação que, no contexto contemporâneo, não compete somente ao aluno a sua habilidade em lidar com diferentes textos, nas mais múltiplas modalidades. O candidato, como um ser social, integrante da pós-modernidade, já vive a multiplicidade linguística na prática, no entanto tem poucas reflexões teóricas e formuladas acerca disto. Os vestibulares, então, se revelam bastante significativos nessa perspectiva, pois, como um controlador das atividades escolares, podem direcionar os caminhos pelos quais a escola pode trilhar. Assim, a prática de um professor pós-moderno, crítico, reflexivo se sustenta em um paradigma intelectual e transformador, assim como determina Giroux (1999). Dada a função social que a escola domina, é importante verificar que a educação deve suplantar os muros concretos e permitir que o aluno/candidato seja crítico, se torne capaz de refletir sobre a sua realidade e ainda possibilitar uma rede de possibilidades para a mudança social.

No campo da mudança social, é válido salientar que a correção do vestibular já constitui um evento que revela transformações no ambiente acadêmico que terão total ligação com a vida social. Digo isto, pois, ao refletir acerca do “desencaixe” proposto por Giddens (2002) e sobre a crise da identidade discutida por Hall (2001), vejo que a modernidade trouxe diversas características que se ligam ao novo capitalismo de modo que as ordens do discurso não são mais estanques, uma vez que a prática social do vestibular revela diversos atravessamentos por conjunturas distintas, tais como a ordem do discurso educacional, seja no âmbito público, seja no âmbito privado, a ordem do discurso econômica, a ordem do discurso social, a ordem do discurso pessoal, por exemplo.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa vinculou-se a um sistema triangulado, com a visão de análise documental e qualitativa e o arcabouço teórico metodológico da Análise de Discurso Crítica. As reflexões me levaram a crer que o corpus se constitui por dados que, somente a partir da análise, é que se definem, de modo que o planejamento não contribui de forma significativa, apenas direciona um modelo que posteriormente é reavaliado para validar as multimetodologias trabalhadas na pesquisa em questão. O arcabouço da ADC, criado por Chouliaraki & Fairclough (1999) e Fairclough (2003), apenas contribui para o exame dos textos, visto que abrange diferentes níveis de análise, os quais levam para uma

concepção do evento social, que deixa imbrincado uma visão ideológica de poder e de posição social em sua própria ocorrência. Dessa maneira, também haverá espaço para o lugar das reflexões acerca da identidade, da conjuntura da pesquisa, das articulações dialéticas com o espaço e o tempo definidos, sem negligenciar a própria análise de termos linguísticos. Portanto, o arcabouço contribui definitivamente para a agenda da ADC em decorrência de abrir espaço para a discussão transdisciplinar dos problemas que vivemos hoje, além de propiciar uma leitura que destaca a linguagem como um instrumento de poder e de expressão ideológica e identitária, que se relaciona com outros elementos sociais.

Quanto às questões de pesquisas, mesmo já tendo-as respondidas, volto a contemplá-las. As concepções que se debruçam sobre a prática do vestibular ou exame de seleção revelam que a gramática constitui um conjunto de regras variáveis e adaptáveis às situações comunicativas e, de modo complementar, demonstram que a linguagem é um sistema muito maior que a simples expressão gráfica deste. Ela é, na verdade, um instrumento de expressão interativa, na qual se usam símbolos, ícones, línguas, sons e imagens para estabelecer o caráter social do homem. Nessa perspectiva, a correção das redações que não tem enfoque somente nas regras gramaticais, tampouco no gênero como uma forma estanque de realização social comprova que a Universidade tem sido madura e coerente com os avanços dos estudos críticos desenvolvidos na modernidade. Complementar a isso, vejo também que o texto é visto como um evento interativo que se vale de multissemioses para construir os seus significados, daí a necessidade de o vestibular ou a prova apresentarem uma série de textos de diferentes modalidades, todas em favor de um dado propósito comunicativo.

Outras características, por sua vez, também foram reveladas nesta pesquisa. A Universidade, por meio de sua planilha de correção, demonstra que a criticidade, a reflexão e a cidadania devem estar conectadas de forma que o texto possa expressar linguisticamente não só o abstrato, mas sim o concreto. Essas considerações aparecem na planilha de correção via linha argumentativa, pois assim se mostram mais acessíveis ao grande público, mas a correção, conseqüentemente, se apresenta com muita distinção e variabilidade. Dessa mesma maneira, as marcas de identidade, como a expressão categórica de dado pensamento, a metaforização de determinadas visões reducionistas e preconceituosas, a ligação de fatos cotidianos com a expressão de crítica social, podem surgir e fazer do texto um emaranhado de discursos emancipatórios e transformadores, da mesma forma que podem revelar visões de mundo desatualizadas, opressoras e resistentes à mudança.

Quanto às análises propostas no decorrer da dissertação, visualizei que as marcas de identidade, quando expressas, podem contribuir positivamente na construção argumentativa dos textos dos candidatos. Percebi claramente que usar metáforas, trabalhar com ditados populares, discutir em primeira pessoa pode estar em favor dos argumentos apresentados pelos candidatos, uma vez que tais estratégias facilitam a leitura crítica, tornando a linguagem mais acessível e próxima à realidade linguística e também social, de modo que tais pontos podem nos mostrar como um texto tem efeitos concretos na sociedade, além de expressar os discursos que integram a nossa vida, deixando explícitas algumas estratégias de controle social, ora por legitimação de preconceitos, exclusão de grupos sociais, ora por emancipação de sujeitos com foco na mudança.

Além de tudo isto, também é válido salientar que tais marcas de identidade se fazem mais positivas caso o próprio texto do candidato seja claro em suas posições, ou seja, isso significa dizer que a identidade pode contribuir junto à articulação linguística de um texto, com expressão clara e adequada ao contexto de comunicação. Assim, candidatos com mais facilidade de expressão tendem a provocar mais reflexões fundamentadas e críticas, o que pode demonstrar que a educação transformadora surge a partir da perspectiva de que o aluno/candidato é visto como um cidadão protagonista, fator que poderia estar engendrado na própria prática escolar. A Universidade, como espaço teórico-metodológico-prático, tem o aparato ideológico adequado para investir nesse tipo de ação, de modo que o vestibular serve como incentivo para a mudança social, acarretando, assim, a possibilidade de um olhar mais sensível às funções da escola e da produção de textos como componentes sociais articuláveis entre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1953].
- BAUER, M.W & GASKELL, G. (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- BAUMAN, Z. *Globalização. As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- BERNSTEIN, B. *Estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle(a)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias. Língua estrangeira moderna*. Brasília: MEC, 1999. p. 49-63.
- CASTELLS, M. *Information technology, globalization and social development: United Nations Research Institute for Social Development discussion paper No. 114*, 1999.
- CELLARD, A. *A análise documental*. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh University Press.1999.
- CLARK, R *et al. Critical Language Awareness: a critical review of three current approaches to language awareness*. In: *Language and Education*, Vol. 4, nº 4: University of Lancaster, 1990, p. 249-260

CLARK, R. *et al.* *Critical Language Awareness: towards critical alternatives*. In: *Language and Education*, vol. 5, nº 5: University of Lancaster, 1991, p. 41-54.

COEN & MANION. *Triangulation*. In: *Research Methods in Education*. 2nd Edition. London: Croom Helm, 1983, p. 233-261.

DENZIN, N. K. *The Research Act in Sociology*. Chicago: Aldine. (1970)

DIAS, J.F. *Analistas de discurso e sua prática teórica e metodológica*. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v 12 (2), UnB: 2011, p. 213-246.

DIAS, Juliana. *A linguística do parto: cruzamentos de discursos, vozes e identidades*. Pontes Editora, no prelo.

DIJK, T. A. *Discurso e poder*. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2012 [2008].

DIJK, T. A. *Ideology: A Multidisciplinary Approach*. London: Sage, 1998.

DIJK, T. A. *Racism and Discourse in Spain and Latin America*. Amsterdam: Benjamins, 2005.

FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. In: MAGALHÃES (org). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2012, p. 93-107.

FAIRCLOUGH (ed.) *Critical Language Awareness*. Harlow: London, 1992.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coordenadora de tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London : Edward Arnold, 1995.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse – textual analysis for social research*. Routledge: London, 2003.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993[1979].

FREIRE, P. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

GIDDENS, Anthony. Introdução. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIROUX, H. A. *Escola crítica e política cultural*. 3ª ed. Tradução de Dagmar M. L. Zibas. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

GIROUX, Henry. *Cruzando as fronteiras do Discurso Educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1968.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. 8ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

HABERMAS, J. *Communication and the Evolution of Society*. Boston, MA: Beacon Press, 1979.

HALL, Stuart. *A identidade em questão*. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALLIDAY, M.A.K. e Matthiessen, C.M.I.M. *An introduction to functional grammar*. 3.ed., Oxford, Londres: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M.A.K. *Language as social semiotic*. London: Arnold, 1978.

HARVEY, D. *Justice, nature and the geography of difference*. Oxford: Blackwell, 1996.

HARVEY, D. *The Condition of Post-Modernity*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

IVANIC, R. *Writing and Identity: The discorsal construction of identity in academic writing*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

JANKS, H. & IVANIC, R. CLA and emancipatory discourse. In: FAIRCLOUGH (ed.) *Critical Language Awareness*. Harlow: London, 1992, p. 305-331.

KLEIMAN, A. Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

KLEIMAN, A. (org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, A. *Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna*. Signo. Anta Cruz do Sul, v. 32, n 53, p. 1-25, dez, 2007.

LACLAU, E. *New reflections on the resolution of our time*. Londres: Verso, 1990.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LÔPO-RAMOS, Ana Adelina. *Um caminho estrangeiro na compreensão do gênero: estratégias cognitivas em produção textual no Celpe-Bras*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília: UnB, 2007.

MARCUSCHI, L.A. *O papel da atividade discursiva no exercício do controle social*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, vol. 7 (2), 2005: UnB, p.7-33.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MEYER, M. *Between theory, method, and politics: positioning of the approaches to CDA*. In: WODAK, Ruth & MEYER, Michael (ed). *Methods of critical discourse analysis*. London, New Delhi, Sage, 2001, p.14-31.

MILLER, C. R. *Genre as social action*. In: A. Freedman & P. Medway (orgs.). *Genre and the new rhetoric*. Londres: Taylor & Francis, [1984] 1994, p. 23-42.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Socioconstrucionismo: discurso e identidade social*. In: _____. *Discursos de identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 13-34.

MOITA-LOPES, L.P. & ROJO, R.H.R. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. In: BRASIL/MEC/SEB/DPEM. *Orientações curriculares de ensino médio*. Brasília, DF: MEC/SEB/DPEM, 2004, p. 14-56

MOTTA-ROTH, Desirée. O Ensino de Produção Textual com base em Atividades Sociais e Gêneros Textuais. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 6, número 3, set./dez. Florianópolis, 2006.

MOTTA-ROTH, Desirée. Análise Crítica de Gêneros: Contribuições para o Ensino e a Pesquisa de Linguagem. IV SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. UNISUL – Tubarão, SC. (2007)

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROJO, Roxane. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et all. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* Ano I. Número I. Julho de 2009

SCHIFFRIN, Deborah. Theory and method in discourse analysis: What context for what unit? *Language and Communication*, Vol 17, No. 2, pp. 75- 92 (1997).

SOARES, Magda. *Aprender a escrever, ensinar a escrever*. In: ZACCUR, E. A magia da linguagem. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 49-73.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional* Lisboa: Caminho, 1998, p. 169-222.

VIEIRA, J. A et all. *Reflexões Sobre a Língua Portuguesa: Uma abordagem multimodal*. 1^a. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. v. 01. 148p .

WODAK, Ruth & KRYZANOWSKY, Michal (2008). *Qualitative Discourse Analysis in the Social Sciences*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 7-39.

ANEXOS DA DISSERTAÇÃO

Redações referentes ao Programa de Avaliação Seriada (PAS – Subprograma
2011/2ª Etapa)

CANDIDATO P1

Redação

PAS – 2.ª Etapa – Subprograma 2011	CADERNO DE RESPOSTAS	CANDIDATO AUSENTE <input type="radio"/> SIM <input type="radio"/>	01511
------------------------------------	----------------------	--	-------

INSTRUÇÕES

- O espaço abaixo é destinado à transcrição do texto definitivo da prova de Redação em Língua Portuguesa. Esta folha é o único documento que servirá de base para a avaliação da sua prova de Redação em Língua Portuguesa.
- Não rubrique, não escreva o seu nome nem faça marca ou sinal identificador nos espaços destinados à transcrição do texto definitivo, sob pena de ter a sua prova anulada.
- Escreva com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substitutivo. Lembre-se: parênteses não podem ser usados para tal finalidade.
- Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens e o número máximo de linhas estabelecido.

TEXTOS DEFINITIVOS DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1	
2	Brasília, 3 de dezembro de 2012.
3	Senhores leitores,
4	É incômodo o quanto fatos, como o descrito em re-
5	lação ao rio Itaquá, no Paraná, que segundo foi exposto
6	aqui nessa mesma revista por outro leitor, nasce e
7	sai de Curitiba já poluído, ainda ocorrem com frequên-
8	cia e sem a devida preocupação dos cidadãos.
9	A natureza clama por socorro, e no entanto, o que
10	se verifica são rios poluídos, desmatamento e falta de
11	políticas públicas para a conservação de reservas eco-
12	lógicas, principalmente no perímetro urbano. É grande
13	a dificuldade em aliar progresso e preservação ambien-
14	tal, porém, é de extrema importância, já que não há
15	progresso sem recursos naturais, estes que são finitos.
16	Por isso se faz necessário o uso de criatividade e
17	inovação para que se alie desenvolvimento e o uso ade-
18	quado de matéria prima. Nas cidades, projetos bem ela-
19	borados podem aliar preservação e o lado social, co-
20	mo ocorre quando cooperativas de reciclagem são incenti-
21	vadas. A conscientização da população quanto ao devi-
22	do fim que se deve dar ao lixo aliada à coleta seletiva
23	também é essencial.
24	Portanto, é de grande importância a mobilização
25	da sociedade em prol da preservação ambiental, se-
26	ja participando ativamente de projetos socioambientais
27	ou em pequenos atos do cotidiano como não jogar pa-
28	pel no chão das ruas. O planeta pede socorro, cabe a
29	todos ajudá-lo.
30	Atenciosamente, Márcia

0399085543

cespeUnB
Centro de Seleção e de Promoção de Eventos



5/5

CANDIDATO P1
Espelho da Planilha de Correção

REDAÇÃO

ASPECTOS MACROESTRUTURAIS		
Quesitos Avaliados	Faixa de valor	Nota
1 Apresentação do texto (legibilidade, respeito às margens, paragrafação)	0,00 a 1,00	1,00
2 Desenvolvimento do tema		
2.1 Atendimento ao gênero carta de resposta ao leitor e respeito à estrutura formal	0,00 a 4,00	4,00
2.2 Coerência da argumentação em favor da necessidade de as grandes cidades assumirem responsabilidades com o meio ambiente	0,00 a 3,00	2,40
2.3 Apresentação de sugestões de como devem ser vencidas as dificuldades ambientais trazidas pelo progresso	0,00 a 2,00	2,00

ASPECTOS MICROESTRUTURAIS																														
Tipo de erro	linha -->	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Grafia/Acentuação		1
Morfossintaxe	
Propriedade vocabular	

RESULTADO	
Nota no conteúdo (NC = soma das notas obtidas em cada quesito)	9,40
Número total de linhas efetivamente escritas (TL)	30
Número de erros (NE)	4
NOTA DA REDAÇÃO	8,867

CANDIDATO P2

Redação

PAS - 2.ª Etapa - Subprograma 2011

CADERNO DE RESPOSTAS

PARA USO EXCLUSIVO
DO CHEFE DE SALACANDIDATO
AUSENTE SIM

01517

INSTRUÇÕES

1 O espaço abaixo é destinado à transcrição do texto definitivo da prova de Redação em Língua Portuguesa. Esta folha é o único documento que servirá de base para a avaliação da sua prova de Redação em Língua Portuguesa.

2 Não rubrique, não escreva o seu nome nem faça marca ou sinal identificador nos espaços destinados à transcrição do texto definitivo, sob pena de ter a sua prova anulada.

3 Escreva com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substitutivo. Lembre-se: parênteses não podem ser usados para tal finalidade.

4 Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens e o número máximo de linhas estabelecido.

TEXTOS DEFINITIVO DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1	Prezado senhor,
2	Após ler sua carta, fiquei orgulhosa ao saber da eficiência
3	do projeto que os produtores rurais do Paraná estão realizando.
4	É ótimo que uma parcela da sociedade precebe a im-
5	portância do meio ambiente e luta pela preservação dele.
6	Não são os produtores, mas o país todo, principalmente
7	as grandes cidades, deveriam se mobilizar em prol do meio
8	ambiente. O mundo se encontra em um contexto consumista
9	e individualista e isso dificulta a percepção da importância
10	da natureza para que o progresso possa alcançar e não re-
11	troceder com a degradação do ambiente e desenvolvimento
12	se tornará insustentável, o que afetará a sociedade em
13	geral, trazendo consequências irreparáveis, como a perda da
14	biodiversidade, além de desastres ambientais, como por
15	exemplo, enchentes e terremotos.
16	Para que a nação não presencia acontecimentos tão trá-
17	gicos é necessário que os cidadãos assumam a responsabili-
18	dade de promover um desenvolvimento sustentável, que
19	seja alcançado por meio de projetos e ações, partici-
20	pados tanto por capital público quanto privado.
21	Todos devem ter a capacidade de perceber que o progresso
22	precisa do meio ambiente e o ser humano precisa do
23	progresso. O mundo assiste aos males que a interven-
24	ção do homem no meio ambiente tem causado, que in-
25	felizmente são irreparáveis, mas é possível evitar que a
26	situação piore e novos catástrofes aconteçam.
27	Atenciosamente,
28	Maria
29	
30	

CANDIDATO P2
Espelho da Planilha de Correção

REDAÇÃO

ASPECTOS MACROESTRUTURAIS

Quesitos Avaliados	Faixa de valor	Nota
1 Apresentação do texto (legibilidade, respeito às margens, paragrafação)	0,00 a 1,00	1,00
2 Desenvolvimento do tema		
2.1 Atendimento ao gênero carta de resposta ao leitor e respeito à estrutura formal	0,00 a 4,00	2,40
2.2 Coerência da argumentação em favor da necessidade de as grandes cidades assumirem responsabilidades com o meio ambiente	0,00 a 3,00	1,20
2.3 Apresentação de sugestões de como devem ser vencidas as dificuldades ambientais trazidas pelo progresso	0,00 a 2,00	2,00

ASPECTOS MICROESTRUTURAIS

Tipo de erro	linha -->	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3				
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	
Gratia/Acentuação		1
Morfossintaxe		1	1	.	1	1
Propriedade vocabular	

RESULTADO

Nota no conteúdo (<i>NC</i> = soma das notas obtidas em cada quesito)	6,60
Número total de linhas efetivamente escritas (<i>TL</i>)	20
Número de erros (<i>NE</i>)	5
NOTA DA REDAÇÃO	5,600

CANDIDATO P3

Redação

TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1	
2	A Luitiba, 12 de dezembro de 2012
3	Senhores,
4	Sou moradora de Luitiba, formada em engenharia florestal
5	e estou desenvolvendo alguns projetos sustentáveis, afim de me-
6	lhorar a nossa qualidade de vida e termos mais contato com
7	áreas verdes.
8	Acredito que grande parte da culpa é do governo, haja visto
9	que não elabora projetos de sustentabilidade, para evitar que o pro-
10	gresso prejudique a natureza da forma que vem prejudicando
11	pois a culpa também é dos moradores, que jogam lixo no chão
12	e que acabam parando nos rios.
13	Um dos meus projetos visa a conscientização da população, que
14	podria ocorrer, através de propagandas na televisão e não através
15	de folhetos, evitando a poluição e o desperdício de papel. Conscien-
16	tizar a importância dos rios e da vegetação.
17	Depois do primeiro passo, o próximo seria o reflorestamento
18	de áreas áreas destruídas, principalmente perto do rio, pois
19	faria com que este ficasse mais protegido tanto do próprio li-
20	xo quanto da grande incidência do sol, acabaria que prote-
21	gendo também o solo. A população poderia participar, plantando
22	as mudas que poderiam ser distribuídas pelo governo. E o terci-
23	ro passo seria distribuir lixeiras por toda a cidade. Fazendo
24	uma cidade melhor e limpa.
25	Atenciosamente,
26	Maria
27	

CANDIDATO P3
Espelho da Planilha de Correção

REDAÇÃO

ASPECTOS MACROESTRUTURAIS		
Quesitos Avaliados	Faixa de valor	Nota
1 Apresentação do texto (legibilidade, respeito às margens, paragrafação)	0,00 a 1,00	1,00
2 Desenvolvimento do tema		
2.1 Atendimento ao gênero carta de resposta ao leitor e respeito à estrutura formal	0,00 a 4,00	4,00
2.2 Coerência da argumentação em favor da necessidade de as grandes cidades assumirem responsabilidades com o meio ambiente	0,00 a 3,00	1,20
2.3 Apresentação de sugestões de como devem ser vencidas as dificuldades ambientais trazidas pelo progresso	0,00 a 2,00	2,00

ASPECTOS MICROESTRUTURAIS																														
Tipo de erro	linha -->	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	3	
Grafia/Acentuação	
Morfossintaxe		.	.	.	1	1
Propriedade vocabular	

RESULTADO	
Nota no conteúdo (NC = soma das notas obtidas em cada quesito)	8,20
Número total de linhas efetivamente escritas (TL)	25
Número de erros (NE)	7
NOTA DA REDAÇÃO	7,080

CANDIDATO P4

Redação

PAS - 2.ª Etapa - Subprograma 2011		PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA	SALA
CADERNO DE RESPOSTAS		CANDIDATO AUSENTE <input type="radio"/> SIM	01513
INSTRUÇÕES			
1	O espaço abaixo é destinado à transcrição do texto definitivo da prova de Redação em Língua Portuguesa. Esta folha é o único documento que servirá de base para a avaliação da sua prova de Redação em Língua Portuguesa.	3	Escreva com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substitutivo. Lembre-se: parênteses não podem ser usados para tal finalidade.
2	Não rubrique, não escreva o seu nome nem faça marca ou sinal identificador nos espaços destinados à transcrição do texto definitivo, sob pena de ter a sua prova anulada.	4	Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens e o número máximo de linhas estabelecido.

TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1	Brasília, 2 de dezembro de 2012
2	
3	Senhora Leitor,
4	Me chamo Maria, sou estudante de uma escola particular do Distri-
5	to Federal e promotora de projetos sustentáveis, escrevo esta carta a fim
6	de solicitar a Vossa Senhoria ajuda em relação as informações fornecidas
7	em seu e-mail à nota "Rios superpodres".
8	Como fora mencionado, nota-se que a Vossa Senhoria defende o trabalho
9	feito pelos produtores rurais do Pará, o que é justo, já que são eles que
10	estão despoluindo o rio Tucuruí. O meu objetivo é assimilar o seu exemplo
11	fornecido com meus projetos, porque considerando que o mundo é de todos
12	e que está durando seu cuidado por todos, não é isso que acontece, na ver-
13	dade não poucos os que colaboram.
14	O motivo é simples: poluição. De acordo com a Revista Planeta de
15	novembro de 2012, foram encontrados 50 mil fragmentos de plásticos por quilôme-
16	tro quadrado em quatro diferentes pontos do Oceano Antártico e no continente, o
17	que foi inspirado para os pesquisadores, além da elevada quantidade de fi-
18	bras sintéticas provenientes de resíduos de roupas lavadas em máquinas.
19	Além do exemplo citado em seu e-mail, uma medida que contribuiria com
20	um projeto sustentável é a numeração à quem preferir a natureza. Com isso,
21	possivelmente os cidadãos se sentirão mais motivados, uma vez que estes
22	também se beneficiarão. Mesmo os que não quiseram contribuir durarão pa-
23	por, já que eles também podem, de acordo com o princípio "poluidor-pagador",
24	e, o que tem adunado será direcionado para aqueles que contribuem, seguin-
25	do o princípio "preveder-sucedem".
26	Atenciosamente,
27	Maria.
28	
29	
30	

CANDIDATO P4
Espelho da Planilha de Correção

REDAÇÃO

ASPECTOS MACROESTRUTURAIS

Quesitos Avaliados	Faixa de valor	Nota
1 Apresentação do texto (legibilidade, respeito às margens, paragrafação)	0,00 a 1,00	1,00
2 Desenvolvimento do tema		
2.1 Atendimento ao gênero carta de resposta ao leitor e respeito à estrutura formal	0,00 a 4,00	4,00
2.2 Coerência da argumentação em favor da necessidade de as grandes cidades assumirem responsabilidades com o meio ambiente	0,00 a 3,00	1,20
2.3 Apresentação de sugestões de como devem ser vencidas as dificuldades ambientais trazidas pelo progresso	0,00 a 2,00	2,00

ASPECTOS MICROESTRUTURAIS

Tipo de erro	linha -->	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3
Grafia/Acentuação		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Morfossintaxe		-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Propriedade vocabular		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

RESULTADO

Nota no conteúdo (NC = soma das notas obtidas em cada quesito)	8,20
Número total de linhas efetivamente escritas (TL)	26
Número de erros (NE)	1
NOTA DA REDAÇÃO	8,046

CANDIDATO P5

Redação

PAS - 2.ª Etapa - Subprograma 2011

CADERNO DE RESPOSTAS

DO CHEFE DE SALA

CANDIDATO
ALSENTE SIM

INSTRUÇÕES

- O espaço abaixo é destinado à transcrição do texto definitivo da prova de Redação em Língua Portuguesa. Esta folha é o único documento que servirá de base para a avaliação da sua prova de Redação em Língua Portuguesa.
- Não rubrique, não escreva o seu nome nem faça marca ou sinal identificador nos espaços destinados à transcrição do texto definitivo, sob pena de ter a sua prova anulada.
- Escreva com letra legível. No caso de erro, risque, com a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respeito. Lembre-se: parênteses não podem ser usados para tal finalidade.
- Não será avaliado texto escrito em local indevidamente nas margens e o número máximo de linhas estabelecido.

TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1	
2	Brasília, 2 de Dezembro
3	Prezado leitor,
4	Vos felicitamos pela vossa participação em nossa vol-
5	untária mais, por saber que a humanidade, mas que o
6	luta pela natureza, ainda supera a ultracrisis
7	ultracrisis da poluição.
8	Vos, infelizmente, essa conscientização concentra-se
9	como no meu excelente exemplo) mas várias vezes se
10	estão cada vez menor, sendo substituída pelas
11	que crescem em um ritmo admirável e, proporcional-
12	mente, a quantidade de lixo nas ruas, rios e oceanos.
13	A poluição passa pelo termo "Desenvolvimento sustent-
14	ado" no qual o progresso atual não põe em risco as vic-
15	inidades futuras (lembrando que o termo "sociedade
16	se refere necessariamente à espécie humana), entret-
17	anto, no investimento em educação de modo que
18	população, como um todo, viva conscientemente volt-
19	ada para uma menor degradação ambiental.
20	Respeitosamente,
21	Marina
22	
23	

CANDIDATO P5
Espelho da Planilha de Correção

REDAÇÃO

ASPECTOS MACROESTRUTURAIS		
Quesitos Avaliados	Faixa de valor	Nota
1 Apresentação do texto (legibilidade, respeito às margens, paragrafação)	0,00 a 1,00	0,50
2 Desenvolvimento do tema		
2.1 Atendimento ao gênero carta de resposta ao leitor e respeito à estrutura formal	0,00 a 4,00	0,80
2.2 Coerência da argumentação em favor da necessidade de as grandes cidades assumirem responsabilidades com o meio ambiente	0,00 a 3,00	1,80
2.3 Apresentação de sugestões de como devem ser vencidas as dificuldades ambientais trazidas pelo progresso	0,00 a 2,00	1,00

ASPECTOS MICROESTRUTURAIS																													
Tipo de erro	linha -->	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	
Grafia/Acentuação		.	.	1	
Morfossintaxe		1	
Propriedade vocabular		

RESULTADO	
Nota no conteúdo (NC = soma das notas obtidas em cada quesito)	4,10
Número total de linhas efetivamente escritas (TL)	20
Número de erros (NE)	3
NOTA DA REDAÇÃO	3,500

CANDIDATO P6

Redação

PAS - 2.ª Etapa - Subprograma 2011

CADERNO DE RESPOSTAS

CANDIDATO
AUSENTE SIM

01522

INSTRUÇÕES

1 O espaço abaixo é destinado à transcrição do texto definitivo da prova de Redação em Língua Portuguesa. Esta folha é o único documento que servirá de base para a avaliação da sua prova de Redação em Língua Portuguesa.

2 Não rubrique, não escreva o seu nome nem faça marca ou sinal identificador nos espaços destinados à transcrição do texto definitivo, sob pena de ter a sua prova anulada.

3 Escreva com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substitutivo. Lembre-se: parênteses não podem ser usados para tal finalidade.

4 Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens e o número máximo de linhas estabelecido.

TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1	
2	Brasília, 2 de Dezembro de 2012;
3	Me chamo Maria, tenho 46 anos, sou funcionária
4	pública, moro na cidade de São Paulo, mas na
5	proximidade do rio Tietê. Vim por meio desta propor
6	uma mudança, semo paper algo que os pou
7	cos semha mudar a realidade que vivemos diari
8	amente.
9	O rio Tietê está totalmente poluído, há lixo
10	para todos os lados, há escoamento de esgoto
11	sem tratamento nenhum que vai diretamente
12	de no rio, o mau cheiro é tão desagradável
13	que causa náuseas.
14	Mas do que odiantava eu agir sozinho nu
15	ma tentativa ilusória de despoluição, sem
16	o auxílio de nenhuma autoridade para as
17	meas providências. As autoridades por sua vez
18	não tomam providências porque sabem
19	que um mandato na prefeitura dura no
20	máximo 90 dias, tempo insuficiente para a
21	despoluição de um rio que precisaria de no
22	mínimo mais século.
23	É preciso que haja conscientização de
24	do povo, para que juntos tenhamos a despo
25	luição que é nosso. E juntos temos a opor
26	tunidade de fazer diferente.
27	Atenciosamente,
28	Maria.
29	
30	



CANDIDATO P6
Espelho da Planilha de Correção

REDAÇÃO

ASPECTOS MACROESTRUTURAIS

Quesitos Avaliados	Faixa de valor	Nota
1 Apresentação do texto (legibilidade, respeito às margens, paragrafação)	0,00 a 1,00	1,00
2 Desenvolvimento do tema		
2.1 Atendimento ao gênero carta de resposta ao leitor e respeito à estrutura formal	0,00 a 4,00	1,60
2.2 Coerência da argumentação em favor da necessidade de as grandes cidades assumirem responsabilidades com o meio ambiente	0,00 a 3,00	1,20
2.3 Apresentação de sugestões de como devem ser vencidas as dificuldades ambientais trazidas pelo progresso	0,00 a 2,00	1,00

ASPECTOS MICROESTRUTURAIS

Tipo de erro	linha →	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3					
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	
Grafia/Acentuação	
Morfossintaxe		.	.	1	1	1
Propriedade vocabular	

RESULTADO

Nota no conteúdo (NC = soma das notas obtidas em cada quesito)	4,80
Número total de linhas efetivamente escritas (TL)	27
Número de erros (NE)	4
NOTA DA REDAÇÃO	4,207

Redações referentes ao 1º Vestibular de 2013 (Cespe/UnB)

CANDIDATO V1

Redação

1. VESTIBULAR DE 2013

ORDENHO DE RESPOSTAS

3dia.



1º Dia

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA

CANDIDATO AUSENTE SIM

INSTRUÇÕES

- O espaço abaixo é destinado à transcrição do texto definitivo da prova de Redação em Língua Portuguesa. Esta folha é o único documento que servirá de base para a avaliação da sua prova de Redação em Língua Portuguesa.
- Não rubrique, não escreva o seu nome nem faça marca ou sinal identificador no espaço destinado à transcrição do texto definitivo, sob pena de ter a sua prova anulada.
- Escreva com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substitutivo. Lembre-se: parênteses não podem ser usados para tal finalidade.
- Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens e o número máximo de linhas estabelecido.

▼ **TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA** ▼

1	
2	Sempre achamos ruim ter um "dedo duro", um
3	"piqueiro" entre os amigos, porque confiamos em
4	perros e a partir da hora que ele trai essa con-
5	fiança, sem justificativa, deixa-se de ver amigo e às
6	vezes se torce até mesmo um inimigo. Mas no caso
7	de um crime ou até mesmo para se proteger, como
8	seria, o que seria feito?
9	Quando se pensa em delação premiada, o delat-
10	or deve deve considerar duas coisas, se ele vai
11	requer a moral, que seria manter a confiança e
12	amizade dos companheiros, ficando calado, ou a é-
13	tica, falando como foi, quem fez e contando
14	os detalhes.
15	Caso esse indivíduo requirir a moral, ele teria
16	uma honra e seria uma pessoa de confiança, porém,
17	iria ser preso. Mas se ele requirir a ética, ele poderia
18	talvez não ser preso ou ter a pena reduzida e iri-
19	arrumir um compromisso com a sociedade, porém, não
20	seria uma pessoa totalmente confiável.
21	Não importa muito a escolha que irá ser feita,
22	pois ambas possuem consequências. É como os di-
23	itados populares: "bom lá da cá" e "cada um colhe
24	o que planta". Não há como evitar as consequên-
25	cias.
26	A delação premiada deve sim existir, desde que
27	seja respeitado todos os direitos do delator, já
28	que somente ele poderá decidir se cooperará
29	ou não com a investigação e com a sociedade
30	envolvida.

CANDIDATO V1
Espelho da Planilha de Correção

PROVA REDAÇÃO

ASPECTOS MACROESTRUTURAIS		
Quesitos Avaliados	Faixa de valor	Nota
1 Apresentação do texto (legibilidade, respeito às margens e à paragrafação)	0,00 a 0,50	0,50
2 Atendimento à tipologia textual solicitada	0,00 a 1,50	1,50
3 Pertinência na seleção de argumentos relativos ao sistema de trocas, suas conseqüências e valores éticos.	0,00 a 4,00	4,00
4 Progressividade textual.	0,00 a 4,00	4,00

ASPECTOS MICROESTRUTURAIS																													
Tipo de erro	linha ->	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	
Grafia/Acentuação		1	
Morfossintaxe		.	.	2	1	.	1	.	2	.	.	1	1	1	.	.	
Propriedade vocabular		

RESULTADO	
Nota no conteúdo (NC = soma das notas obtidas em cada quesito)	10,00
Número total de linhas efetivamente escritas (TL)	29
Número de erros (NE)	10
NOTA DA PROVA REDAÇÃO	8,62

CANDIDATO V2

Redação



1º Dia

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA

CANDIDATO AUSENTE SIM

INSTRUÇÕES

- O espaço abaixo é destinado à transcrição do texto definitivo da prova de Redação em Língua Portuguesa. Esta folha é o único documento que servirá de base para a avaliação da sua prova de Redação em Língua Portuguesa.
- Não rubrique, não escreva o seu nome nem faça marca ou sinal identificador no espaço destinado à transcrição do texto definitivo, sob pena de ter a sua prova anulada.
- Escreva com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substitutivo. Lembre-se: parênteses não podem ser usados para tal finalidade.
- Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens e o número máximo de linhas estabelecido.

▶ **TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA** ◀

1	"Dedo duro". É assim que chamam um delator, um traidor que revela informações sigilosas para as autoridades, visando ou não o benefício próprio. É evidente que ninguém gosta de um "dedo duro", portanto o delator deve ter uma proteção para que os delatados não encontrem uma forma de se vingar. A delação premiada pode não ser eticamente correta em todos os casos, mas é um preço a se pagar, o custo jurídico é satisfatório e vale a pena oferecer prêmios para delatores.
2	
3	
4	
5	
6	
7	Uma das formas de incentivo à delação é o prêmio juntamente com a garantia de segurança. As autoridades, além de premiar o delator, garantem a sua segurança enquanto for preciso, normalmente até o fim do caso e a respectiva captura dos delatados. Isso é uma forma de proteger o direito à vida que todos têm.
8	
9	
10	
11	Entretanto, quando tal delator faz parte da organização criminosa, há a dúvida se o prêmio é eticamente correto, se é correto oferecer prêmios a alguém que também cometeu os mesmos crimes que o delatado. Quando o prêmio é a diminuição da pena, a situação se complica ainda mais, uma vez que é possível que esse criminoso não mais cede à prisão e continue cometendo crimes. Seria mesmo correto, justo, oferecer diminuição de pena para criminosos? Vale a pena diminuir a pena? É um tanto diminuir a pena de um criminoso para tentar pagar outro?
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	Sem muitas dúvidas que as consequências da delação premiada não são boas para os casos, ou seja, na grande maioria dos casos é melhor pagar o preço da delação e capturar uma organização inteira, mesmo oferecendo privilégios ao criminoso delator. Embora não seja a maioria dos casos, há também alguns casos que o preço da delação é caro demais, por isso a justiça deve avaliar os casos e decidir o mais justo e melhor.
19	
20	
21	
22	
23	Deve-se observar, entretanto, que no mundo em que habitamos, a justiça não é plena mas é absoluta, portanto, os "incargados" devem fazer o melhor para julgar e oferecer o mais próximo de justo possível. Uma vez que é impossível obter se o criminoso delator se arrepende ou não de seus crimes e está buscando uma forma de redenção, uma segunda chance, é impossível oferecer plenamente a justiça, pois caso o delator esteja realmente arrependido, não há nenhuma dúvida, que a premiação e a diminuição da pena é justa. Era deficiente no sistema jurídico avaliar mais a tempo a causa de delação.
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

6904244784




5/5

CANDIDATO V2
Espelho da Planilha de Correção

PROVA REDAÇÃO

ASPECTOS MACROESTRUTURAIS		
Quesitos Avaliados	Faixa de valor	Nota
1 Apresentação do texto (legibilidade, respeito às margens e à paragrafação)	0,00 a 0,50	0,50
2 Atendimento à tipologia textual solicitada	0,00 a 1,50	1,50
3 Pertinência na seleção de argumentos relativos ao sistema de trocas, suas consequências e valores éticos.	0,00 a 4,00	4,00
4 Progressividade textual.	0,00 a 4,00	3,00

ASPECTOS MICROESTRUTURAIS																															
Tipo de erro	linha -->	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	
Grafia/Acentuação		1
Morfossintaxe		1
Propriedade vocabular	

RESULTADO	
Nota no conteúdo (NC = soma das notas obtidas em cada quesito)	9,00
Número total de linhas efetivamente escritas (TL)	30
Número de erros (NE)	3
NOTA DA PROVA REDAÇÃO	8,60

CANDIDATO V3

Redação

1º VESTIBULAR DE 2013

CADERNO DE RESPOSTAS

Sala: UU648



1º Dia

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA

CANDIDATO AUSENTE SIM

INSTRUÇÕES

- O espaço abaixo é destinado à transcrição do texto definitivo da prova de Redação em Língua Portuguesa. Esta folha é o único documento que servirá de base para a avaliação da sua prova de Redação em Língua Portuguesa.
- Não rubrique, não escreva o seu nome nem faça marca ou sinal identificador no espaço destinado à transcrição do texto definitivo, sob pena de ter a sua prova anulada.
- Escreva com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substitutivo. Lembre-se: parênteses não podem ser usados para tal finalidade.
- Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens e o número máximo de linhas estabelecido.

TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1 Há certa polêmica sobre a validade da delação premiada. Ela ocorre quando
2 um integrante de grupo criminoso e preso, a fim de obter benefícios como redução de pe-
3 na e, em alguns casos, a liberdade, ele relata informações sobre os crimes, integran-
4 tas e localização das quantias furtadas, por exemplo. Alguns afirmam que esse ajuda aju-
5 do é necessária. Já outros não concordam, pois alegam que o ser-humano envolvido é
6 chantagado.

7 É comum nos meios midiáticos a exposição de matérias sobre formação de qua-
8 drilhas, tráfico de drogas e sequestros relâmpagos. Muitas vezes esses criminosos confiam na
9 ineficácia da justiça para cometerem seus atos. Quando são detidos, um integrante ace-
10 ta delatar o restante do grupo. Essa tática utilizada pela polícia é uma forma efi-
11 caz na prisão de todos os envolvidos em determinado caso. As pessoas que defendem a
12 delação premiada apresentam não se importar com os benefícios que serão fornecidos
13 fornecidos ao delator e sim, com uma menor quantidade de bandidos nas ruas.

14 Em contrapartida, há quem diga que essa atitude é uma forma de manipu-
15 lar a natureza humana e transmitir sensação de impunidade. Isso ocorre porque o cri-
16 minoso, ao perceber que sua situação não é favorável, procura formas de atenuar sua
17 punição desse modo, valores como ~~compadecimento~~ lealdade e ética não desvalorizados
18 além do mais, há a possibilidade de vários bandidos de um mesmo grupo apresentarem a vor-
19 tade de cooperar. Assim, segundo as leis vigentes, todos recebem benefícios e o caso não
20 teria as punições devidas.

21 Portanto, apesar de todas as divergências entre os dois grupos, faz-se necessá-
22 ria a delação premiada. Esta deve ser incentivada pela polícia, pois constitui uma for-
23 ma eficaz na prisão de criminosos. Com o crescente aumento de ações que visam o mal da
24 sociedade, deve-se utilizar todos os meios cabíveis para a proteção da população. Infeliz-
25 mente, valores como lealdade e ética terão de ser revistos. Por fim, esse ainda é um passo
26 pequeno a ser pago diante das incontáveis mortes que ocorrem na atualidade.

27
28
29
30

6904244784

1/5

CANDIDATO V4

Redação

1º VESTIBULAR DE 2013

CADERNO DE RESPOSTAS

Sala: 00594



1º Dia

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA

CANDIDATO AUSENTE SIM

INSTRUÇÕES

- 1 O espaço abaixo é destinado à transcrição do texto definitivo da prova de Redação em Língua Portuguesa. Esta folha é o único documento que servirá de base para a avaliação da sua prova de Redação em Língua Portuguesa.
- 2 Não rubrique, não escreva o seu nome nem faça marca ou sinal identificador no espaço destinado à transcrição do texto definitivo, sob pena de ter a sua prova anulada.
- 3 Escreva com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substitutivo. Lembre-se: parênteses não podem ser usados para tal finalidade.
- 4 Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens e o número máximo de linhas estabelecido.

TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DE REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1	
2	Quando se encontrada diante de uma situação em que
3	a delação premiada parece ser uma opção vantajosa, a justiça coloca
4	em pauta valores morais versus a redução de um crime. Fica
5	em jogo a fidelidade do acusado para com seus companheiros, o correto cumprimento
6	da lei, e outros detalhes que podem fazer com que um tipo de delação seja visto
7	como algo não politicamente correto pelos olhos da população.
8	Ao se estabelecer um acordo com o acusado, fica explícito o estímulo,
9	o incentivo do estado à traição e a falta de caráter moral do cidadão,
10	mas nada disso realmente importa na hora que se está investindo
11	ganho, a sede pela verdade e a necessidade de resolver o crime predominam
12	e assim a justiça é feita por meio da traição.
13	Nessa troca de favores, fica em vista que, sim, realmente, ambas as partes saem ganhando, então como isso pode ser visto como algo ruim?
14	Mas o criminoso que está disposto a denunciar seus parceiros realmente merece sair ganhando? Afinal de contas, ele ainda não é um criminoso?
15	Facilitar a ação da polícia não deveria aliviá-lo na hora de seu julgamento ou beneficiá-lo de alguma outra forma, seu crime continua tendo sido cometido e a vítima continua prejudicada, e nessa hora que o devido respeito com a população é exercido.
16	O homem passa por situações que envolvem fidelidade, conduta e respeito ao longo de toda a sua vida, e está sempre tentando tomar as decisões certas, mas para que ele possa fazê-lo, se espelha em seus parceiros, e por isso que o estado é o encarregado de ser o modelo de caráter, um país governado por pessoas de respeito tem sempre uma população respeitável.
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	

Proposta de Redação – PAS (Subprograma 2011 – 2ª Etapa)

CESPE/UnB – PAS 2.ª ETAPA

REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

ATENÇÃO: Nesta prova, faça o que se pede, utilizando, caso deseje, o espaço indicado para rascunho no presente caderno. Em seguida, escreva o texto na folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos. Respeite o limite máximo de linhas disponibilizado. Qualquer fragmento de texto além desse limite será desconsiderado. Na folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa, utilize apenas caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente. Identifique-se apenas nos locais apropriados, pois será atribuída nota zero ao texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora desses locais.

Pureza maculada

Nem os mares austrais escapam do plástico. Pesquisadores, a bordo do navio francês Tara, fizeram uma viagem pelos oceanos do mundo para investigar a biodiversidade dos ecossistemas marinhos em tempos de mudança climática. Eles divulgaram ter encontrado vestígios de plástico nas águas antes imaculadas da Antártida. Amostras colhidas em quatro diferentes pontos do Oceano Antártico e do continente apresentavam 50 mil fragmentos de plástico por quilômetro quadrado, taxa comparável à média mundial e absolutamente inesperada para os pesquisadores. Surpreenderam-se com a elevada presença de fibras sintéticas, em geral originárias de resíduos de roupas lavadas em máquinas.

Revista Plástica, n.º 1 (2012) (com adaptações)

Mais verde

Palco da sétima edição da Olimpíada do Conhecimento, São Paulo ganhará seis mil árvores nativas no rastro do evento. O número corresponde ao impacto ambiental da competição, durante a qual haverá a emissão de 980 toneladas de gases de efeito estufa. Ao longo de 24 meses, as árvores plantadas serão monitoradas.

Brasil, 13/08/2012 (com adaptações)

Como está o quadro atual do pagamento por serviços ambientais?

JCC – Temos várias iniciativas regionais e locais importantíssimas, mas ainda são ações embrionárias. Essas experiências estão tendo êxito e precisam se tornar políticas públicas.

De onde devem vir os recursos para remunerar quem protege a natureza?

JCC – Defendo um modelo com recursos dos orçamentos públicos federal, estadual e municipal, mas com espaço também para recursos vindos da iniciativa privada. E, quando falamos de uma política nacional, em vez de um conjunto de iniciativas exitosas, falamos em estabelecer o princípio do "poluidor-pagador" e fazer que os recursos advindos dele sejam, automaticamente, direcionados para o princípio do "provedor-recebedor", ou seja, quem polui vai ajudar a remunerar quem preserva.

Revista Sustentável pelo Instituto Social do Cadeo Canal São João e Superintendência, n.º 1 (2012) (com adaptações)

Considerando os textos acima como motivadores, coloque-se no lugar de leitor da revista em que foram publicadas a carta abaixo e a reportagem mencionada. Em resposta à carta do leitor, redija uma carta, de até 30 linhas, posicionando-se a respeito da informação nela mencionada e argumentando sobre a necessidade de as grandes cidades usarem a criatividade para assumirem suas responsabilidades com o meio ambiente. Sugira como devem ser vencidas as dificuldades ambientais trazidas pelo progresso. Ao final da carta, identifique-se como Maria ou João.

Rio despoluído

Prezados senhores,
Em relação à nota "Rios reprovados", na edição 476 dessa revista, gostaria de informar que o rio Iguaçu, no Paraná, nasce e sai poluído do perímetro urbano de Curitiba, corta o Estado de leste a oeste, mas é gradativamente despoluído à medida que vai percorrendo o meio rural, chegando à foz totalmente despoluído. No Paraná, os produtores rurais estão procurando fazer sua parte.

Atenciosamente,
Flávio por e-mail.

Proposta de Redação – Vestibular (1º/2013)

REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

ATENÇÃO: Nesta prova, faça o que se pede, utilizando, caso deseje, o espaço indicado para rascunho no presente caderno. Em seguida, escreva o texto na folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos. Respeite o limite máximo de linhas disponibilizado. Qualquer fragmento de texto além desse limite será desconsiderado. Na folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa, utilize apenas caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? disse-me o Pollicarpo.

— Eu...

— Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

[...]

Na sala arquejava o terror (...). Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo (...). Daí a algum tempo, olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu (...). Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?

Fragmento de Azeite. Curvelo de escola. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. II, 1992. (com adaptação).

A delação premiada é um incentivo dado ao criminoso para que coopere com a investigação de crimes. Muitos criticam esse “prêmio” dado ao delator, sob o argumento de que o criminoso, além de praticar um delito, trai seus comparsas e os delata visando apenas ao seu próprio interesse. Já os defensores acreditam que mais crimes serão descobertos, se houver esse incentivo, e que não deve haver juízo moral sobre essa forma de obtenção de provas.

Para a sociedade fica a questão: o Estado deve valer-se de benefícios concedidos a um criminoso, em sua função de punir outros criminosos, quando há coautores? Ainda que a delação premiada, quando eficaz, possa permitir a desarticulação de organizações criminosas, não se deve esquecer de que o beneficiado compadrou com os outros criminosos e se beneficiou do crime — esse é o preço a se pagar por tal cooperação. Além disso, se cada coautor, incentivado pelos benefícios da delação, quiser colaborar na identificação de outros comparsas, a Justiça nada ganha.

Thiago Letroni. Prêmio para quem? In: O Globo, 4/11/2012 (com adaptação).

Romance XXVIII ou da denúncia de Joaquim Silvério
[...]

Vede como está contente, pelos honores escritos, esse impostor caloteiro que em tremendos labirintos prende os homens indefesos e beija os pés aos ministros! As terras de que era dono valiam mais que um ducado. Com presentes e lisonjas, arrematava contratos. E delatar um levante pode dar lucro bem alto!

Romance XLIV ou da testemunha falsa

[...]

Que importa quanto se diga? Para livrar-me de algemas, da sombra do calabouço, dos escrivães e das penas, do barão e do pregão, a meu pai acusaria.

Caetano Mendes. Romancário da Inconfidência. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986.

O instituto da delação premiada ocorre quando o indiciado/acusado imputa a autoria do crime a um terceiro, coautor ou partícipe, ou, ainda, quando o sujeito investigado ou processado fornece, de maneira voluntária, às autoridades informações a respeito das práticas delituosas promovidas pelo grupo criminoso. A delação premiada representa, basicamente, um acordo entre o Ministério Público e o acusado, e, quanto mais informação for dada por aquele que delata, maior será o benefício a ele proporcionado.

Marcela Sanguinetti Soares Mendes. A delação premiada com o advento da Lei 9.807/99. In: Inmet: <www.inmet.org.br> (com adaptação).

Os textos motivadores — de épocas e gêneros distintos — apresentam diferenças significativas no que se refere a elementos estruturais, mas mantêm certas semelhanças, que podem ser atribuídas aos elementos temáticos — denúncia, delação, traição —, que, inter-relacionados, remetem a uma trama, com características recorrentes no que se refere a comportamentos humanos envolvidos na delação, na traição. As ações intencionais trazem, de um lado, frustração, inferências, castigos e, de outro, vantagens, benefícios ou, mesmo, prêmios.

Com base nos textos motivadores, redija um texto expositivo-argumentativo a respeito das relações e dos comportamentos envolvidos na delação premiada. Em seu texto, explicitamente objetiva sua opinião, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

- sistema que caracteriza as trocas: o “toma lá dá cá” e suas consequências;
- valores éticos envolvidos no acordo de delação premiada.

Caso apresente argumento, justificativa ou exemplo extraído dos textos motivadores, apresente a necessária referência.



Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em Linguística

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “A PRODUÇÃO DE TEXTOS NO VESTIBULAR: UM ESTUDO CRÍTICO DE DISCURSOS”, de responsabilidade de MARCOS VINÍCIUS FERREIRA PASSOS, mestrando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

Assim, gostaria de consultá-lo sobre o seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa. Com esta pesquisa, sob o bojo da Análise de Discurso Crítica, pretende-se realizar um estudo sobre as marcas de identidade em produção de textos no contexto de vestibular.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo (a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa em questão textos produzidos ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Os dados relativos que serão coletados são as produções de textos das provas de redação do 1º Vestibular de 2013 e da 2ª Etapa do Programa de Avaliação Seriada, ambos vinculados ao sistema de seleção da Universidade de Brasília. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através dos telefones (61) 93957350 ou (61) 3546 8999, ou ainda pelos e-mails mpassos.unb@gmail.com. O pesquisador garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio da dissertação em meio digital. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador (a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor (a).

Assinatura do(a) Participante

Assinatura do Responsável pelo(a) Participante

Assinatura do Pesquisador

Brasília, _____ de _____ de _____.

